

ÉLIDA FERREIRA GUERRA

**A MACROESTRUTURA DE UM DICIONÁRIO ESCOLAR DE
GEOGRAFIA: PROPOSTA E ANÁLISE**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
Instituto de Letras e Linguística - ILEEL

2006

ÉLIDA FERREIRA GUERRA

**A MACROESTRUTURA DE UM DICIONÁRIO ESCOLAR DE
GEOGRAFIA: PROPOSTA E ANÁLISE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – Curso de Mestrado em Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Waldenice Moreira Cano

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU

Instituto de Letras e Linguística - ILEEL

2006

ÉLIDA FERREIRA GUERRA

**A MACROESTRUTURA DE UM DICIONÁRIO ESCOLAR DE
GEOGRAFIA: PROPOSTA E ANÁLISE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada

Linha de Pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Dissertação submetida à defesa em 21 de novembro de 2006, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

ORIENTADORA: DRA. WALDENICE MOREIRA CANO – (UFU)

Profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida – (UFSCar)

Prof. Dr. Evandro Silva Martins – (UFU)

Uberlândia - MG

*Esta dissertação é dedicada ao
meu esposo que sempre me
fortaleceu e acreditou em mim.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar aqui o meu carinho e gratidão a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desse trabalho, em especial:

à orientadora Prof^a Dra. Waldenice Moreira Cano, mestra e amiga, pela presteza, pela orientação imprescindível e pela presença constante nas horas de indecisão e dificuldades vividas durante o desenvolvimento da presente pesquisa;

às amigas Ana Carolina e Gabriela, pelo estímulo e apoio recebido, mesmo distantes;

às amigas Larissa e Renata pelo apoio nos momentos de angústia e desânimo;

ao prof. Dr. Evandro Silva Martins, a quem admiro muito, pelas palavras de estímulo e sugestões;

ao Prof. Dr. João Bosco Cabral dos Santos pelas sugestões e enriquecedora colaboração prestada à consecução dessa análise;

às funcionárias do Mestrado em Lingüística, Solene e Eneida, pela solidariedade e carinho no atendimento;

ao meu esposo, Luiz Humberto, pelo companheirismo, paciência, compreensão e amor em todos os momentos;

aos meus pais, Cleudson e Eliana, a quem sou grata pelo constante estímulo e acolhimento carinhoso;

às minhas irmãs, em especial, a Edilene, pela atenção e presença nos momentos necessários;

aos demais familiares, pela compreensão e pelo carinho demonstrados nos momentos em que foi preciso estar ausente;

a Deus, que me concedeu a bênção da vida e que está sempre ao meu lado nos momentos de dor e decepção.

Na verdade, não existe ciência encerrada em si mesma, sem formas próprias de expressão. É necessário, então, comunicar ciência. E, mais uma vez, a língua, sob um figurino especializado, é a protagonista que desempenha o papel de ajudar a escrever a ciência. Explica-se, assim, o papel das terminologias na expressão do saber humano

(Marlise Fontes Borges)

RESUMO

A partir da segunda metade do século XX, diante das inovações tecno-científicas ocorridas, o mundo vem assistindo a um grande dinamismo da linguagem. Essa produtividade lingüística, criada pelo homem para expressar e nomear conceitos, objetos e diferentes campos do conhecimento especializado, ocorre notadamente no universo das ciências e das distintas atividades profissionais. O avanço da ciência e da tecnologia requer novas denominações para as descobertas e inovações que se avolumam.

Nesse contexto, a Terminologia passa a integrar um universo de desenvolvimento e consolidação para o conhecimento científico e lingüístico. Apesar da expansão de unidades terminológicas na atualidade, a prática terminológica não é tão recente como se imagina. A Terminologia constitui um campo de conhecimento que compreende uma dupla face, teórica e prática, voltada à elaboração de produtos terminológicos.

Situada no campo da Terminologia, a pesquisa que desenvolvemos teve como objetivos a coleta e a análise de unidades de significação especializada (USE) visando, apresentar, ao final, a macroestrutura que poderia ser no futuro a nomenclatura de um dicionário escolar de Geografia dirigido a alunos das quatro últimas séries do ensino fundamental. A partir da comprovação da escassez de trabalhos similares em Língua Portuguesa destinados a escolares, tornou-se relevante essa tarefa, uma vez que o dicionário técnico consolida-se como o principal instrumento na armazenagem e na recuperação de fatos científicos, como veículo de comunicação entre especialistas e comunidade em geral. A Teoria Comunicativa da Terminologia foi usada como suporte teórico-metodológico, uma vez que se mostra a melhor teoria para a proposta teórica e para a prática terminográfica.

Palavras-chaves: Terminologia, Terminografia, Macroestrutura, Livro didático, Geografia.

ABSTRACT

From the second half in 20th century, before of the innovations tecno-scientific happened, the world has just seen a large dynamism of the language. This linguistics productivity, created form the man to express and denominate concepts, objects and different knowledge specialization camps, occurs notoriety in the sciences universe and at the distinct professional activities. The science and technology advance requires new denominations to discoveries and innovations that if augment.

In this context, the Terminology starts to integrate a development and consolidation universe for the scientific and linguistic knowledge. Despite of the expansion at terminology units at the present time, the terminology practice is not so recent as if it imagine. The Terminology constitutes a knowledge camp that understands a double face, theoretical and practice, directed to the elaboration of terminology products.

Situated at the Terminology camp, the research that we develop had as objective the collection and analysis of specialized units of meaning (USE) aiming to show at the end, the macrosulpture that that could be in the future the nomenclature of a Geography school dictionary directed to students of the four last series of basic education. Form the evidence of the scarcity of similar works at Portuguese Language destined to scholars, became important this task, a time that the theoretical dictionary is consolidated as the main instrument in the storage and the recovery of scientifics facts, as a communication vehicle between specialists and community in general. The Communicative Theory of Terminology was used as theoretical methodological support, a time that if shows the best theory for the theoretical proposal and the terminological written praxis.

Keywords: Terminology, Terminography, Macrosulpture, Didactic book, Geography.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1.1- Introdução	11
1.2- Justificativa.....	12
1.3-. Objetivos.	17
1.3.1- Objetivo geral	17
1.3.2 Objetivos específicos	17
1.4- Metodologia.....	18
CAPÍTULO II – HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO DA GEOGRAFIA	20
2.1- Origens e pressupostos da Geografia	20
2.2- A Geografia Tradicional	22
2.3- Movimento de renovação: Geografia Pragmática e Geografia Tradicional	24
2.3.1- A Geografia Pragmática	24
2.3.2- A Geografia Crítica	25
CAPÍTULO III – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	27
3.1- Introdução	27
3.2- Visão Geral da Terminologia.....	28
3.3- A Teoria Geral da Terminologia	31
3.4- A TGT: uma apreciação.....	34
3.5- Teoria Comunicativa da Terminologia: definições básicas	36
3.6- Linguagens especializadas e textos especializados	41
3.6.1- Linguagens especializadas	41
3.6.2- O termo.....	43

3.6.3- O texto especializado.....	45
3.6.4-A Linguística Textual e a Terminologia.....	46
3.7- Ficha Terminológica.....	48
CAPÍTULO IV – COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	51
4.1-O livro didático: critério de avaliação.....	51
4.2- Escolha dos manuais didáticos	56
4.3- A formação do <i>corpus</i>	57
4.4- A estrutura conceptual	63
4.4.1- Problemas de classificação dos termos.....	63
4.4.2- O campo conceptual e o livro didático	68
4.4.3- Proposta de estrutura conceptual.....	72
4.5- As unidades de significação especializada (USE)	80
4.5.1- USE léxicas.....	81
4.5.1.1- USE monoléxicas.....	81
4.5.1.2- USE poliléxicas.....	83
4.5.1.3- Estruturas mais complexas.....	85
4.5.2- USE não-lingüísticas.....	86
CAPÍTULO V – O DEFINIÇÃO DAS USE E INSERÇÃO EM DICIONÁRIO	87
5.1- A definição.....	87
5.2- O dicionário de língua geral	98
5.2.1- O dicionário <i>Aurélio</i>	99
5.3- O dicionário especializado.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124
ANEXO – FICHAS TERMINOLÓGICAS.....	134

CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 Introdução

A partir da segunda metade do século XX, diante das inovações tecno-científicas ocorridas, o mundo vem assistindo a um grande dinamismo da linguagem. Essa produtividade lingüística, criada pelo homem para expressar e nomear conceitos, objetos e diferentes campos do conhecimento especializado, acontece notadamente no universo das ciências e das distintas atividades profissionais.

O avanço da ciência e da tecnologia requer novas denominações para as descobertas e inovações que se avolumam. Nesse contexto, a Terminologia passa a integrar um universo de desenvolvimento e consolidação para o conhecimento científico e lingüístico.

Apesar da expansão de unidades terminológicas na atualidade, a prática terminológica não é tão recente como se imagina. “Já no século XVIII, Lavosier e Berthold realizavam importantes trabalhos em Química, e Linné em Botânica e Zoologia, em que destacaram a necessidade da fixação das denominações dos conceitos científicos” (CABRÉ, 1993, p. 22).

Qualquer história da Terminologia não pode relegar que

a linguagem atual da ciência é o resultado de 2500 anos de pensamento científico, desde o século V a. C. até a atualidade; isto é, nele aparecem termos gregos e latinos que datam de séculos juntos a outros que estão se formando neste momento. Se em alguns ramos da ciência há uma história tão longa, cujas criações muito antigas convivem com outras completamente modernas, em outros, a existência de uma breve história não permite nada além de

uma terminologia muito recente. Temos de situar a procedência dos tecnicismos, em primeiro lugar, nas línguas clássicas, árabes e, sobretudo, grega e latina, grupo do qual ainda hoje procede a maior parte deles (GUTIERRES RODILLA, 1988, p. 40).

A Terminologia constitui um campo de conhecimento que compreende uma dupla face, teórica e prática, voltada à elaboração de produtos terminológicos, tais como dicionários, glossários e bancos de dados terminológicos.

Situada no campo da Terminologia, a pesquisa que vimos desenvolvendo tem como objetivo a coleta e a análise de unidades de significação especializada (USE), visando à construção de um dicionário escolar de Geografia, dirigido a alunos das quatro últimas séries do ensino fundamental. Este trabalho faz parte de um projeto maior cujo objetivo é a práxis de um dicionário técnico escolar, coordenado pela professora Doutora Waldenice Moreira Cano, da Universidade Federal De Uberlândia.

1.2 Justificativa

Ao concluir o ensino fundamental, o aluno é exposto a um número significativo de novos termos, que englobam noções básicas das disciplinas previstas no currículo. Essa terminologia nova deverá, então, fazer parte do vocabulário ativo ou passivo do estudante. Já que Cabré (1993) diz que muitos estudantes escrevem de forma medíocre, não porque desconhecem a língua, mas porque, às vezes, não têm o que dizer ou não dominam o vocabulário especializado.

Se a terminologia de uma disciplina não for compreendida, a aprendizagem será afetada, impedindo o indivíduo de realizar, posteriormente, uma comunicação eficiente. Segundo Sager (1993), conhecer uma matéria equivale a ter um domínio de parte da

linguagem dessa matéria; dominar a linguagem de uma matéria equivale a ter certa compreensão da matéria.

Esta pesquisa justifica-se por si só se levarmos em conta o papel essencial desempenhado pela escola na transmissão do saber científico e na formação de cidadãos aptos a atuarem em um mundo dominado pela ciência e pela técnica. A transmissão desse saber fundamenta-se num acervo significativo de termos e está centrado, na maioria das vezes, no livro didático, reservando-se enciclopédias e dicionários para consultas e tarefas extra-classe. No entanto, os manuais didáticos são elaborados por autores que nem sempre visam atender às necessidades dos alunos. O MEC tem levado a cabo análises freqüentes desses manuais e foram constatadas falhas graves, que vão desde erros conceituais até riscos à integridade física do aluno, passando por xenofobia e racismo.

Concordamos com Cano (2001) para quem, entre as razões, plenamente defensáveis, de se oferecer ao estudante o acesso ao saber historicamente acumulado, pode-se argumentar que o estabelecimento e a sustentação de uma sociedade democrática dependem, em certa medida, da capacidade de os cidadãos atuarem com discernimento sobre as opções que o desenvolvimento científico e tecnológico oferecem.

Ainda segundo a autora, o desconhecimento dos princípios elementares do conhecimento científico priva o cidadão do convívio social saudável, limitando suas potencialidades profissionais e a capacidade de compreender criticamente o seu tempo. Acrescente-se que a xenofobia, a intolerância, o racismo são conseqüências possíveis dentro de um cenário social onde os princípios elementares da ciência são mal compreendidos por amplas camadas da população. Nessas condições, o material didático dirigido ao aluno do ensino fundamental deve ser elaborado com o cuidado de não comprometer a escolaridade ulterior desse aluno.(CANO, 2001, p.45)

Não se tem, ainda, no Brasil, uma política terminológica para o livro didático, que estabeleça as áreas do conhecimento a serem contempladas, ou quais e quantos são os termos dessas áreas que um aluno de quinta série, por exemplo, deverá assimilar. Ou ainda, tendo em vista as definições desses termos e seu público-alvo, quais características conceptuais serão consideradas, em detrimento de outras.

Para nós, os dicionários técnicos são o veículo de transmissão dos fatos técnico-científicos, visando tanto à comunicação entre os especialistas de uma determinada técnica ou ciência, como ao fornecimento de informação atualizada para estudiosos em geral, incluindo alunos de ensino fundamental e médio.

Partimos, pois, do pressuposto de que a aquisição do saber científico é uma das chaves para a formação da cidadania, e cabe à escola desempenhar o papel de transmissora desse saber, que é fundamentado, principalmente, nos livros didáticos e em dicionários.

Entretanto, não existem dicionários especializados dirigidos a estudantes. As raras obras encontradas ou são traduções, ou não estão adaptadas ao nível do público a que se destinam.

Além disso, no que se refere à comunicação especializada, são poucos os estudos em Terminologia, focando a aprendizagem das disciplinas especializadas incluídas nas grades curriculares das escolas de ensino fundamental e médio.

Para que a escola realize devidamente a sua função na sociedade, é necessário que busque o equilíbrio entre a língua comum e as linguagens de especialidades. Nessa interação de linguagens, o conhecimento adquirido, certamente, será utilizado na prática comunicativa. Dessa forma, a Terminologia presente nos manuais didáticos não pode ser sentida como se fosse uma língua estrangeira.

Normalmente, a escola pressupõe que os alunos já internalizaram a definição do termo em uso. No entanto, o desconhecimento do conteúdo semântico de termos forma o “ruído textual” (COSTA, 1996). O aluno memoriza o significante, mas não é capaz de aprender a matéria por não ter compreendido o significado do termo.

Segundo Cano (2001), para que a comunicação em sala de aula seja eficaz, culminando na aprendizagem do conhecimento científico pelo aluno receptor, o professor responsável pela transmissão desse conhecimento e pela leitura do livro didático deve levar em conta que o aluno geralmente não possui a competência necessária para manusear o livro didático, apesar de este ser o veículo central na transmissão do saber. No entanto, o aluno é portador de uma competência lingüística intrínseca que poderá canalizar para a compreensão, conceptualização de noções de uma determinada disciplina (CANO, 2001, p.49).

Dessa maneira, o conhecimento científico poderá ser atingido por meio de uma metalinguagem adequada, utilizada pelo professor, uma vez que o aluno é portador de uma competência intrínseca.

A fim de justificar a necessidade de comunicação entre professor, aluno e livro didático, vejamos o seguinte trecho extraído do livro *Trilhas da Geografia*, da Editora Scipione, indicado para a 5ª série, que traz à página 72:

A visão do cartógrafo não esta mais restrita ao que o olho humano é capaz de ver. A perspectiva da cartografia passou do ninho do corvo, do topo da montanha e do avião para alturas estratosféricas. As sondas sísmicas revelam a topografia do interior da terra. O radar, que envia sinais radiográficos de microondas para uma determinada superfície a fim de criar imagens de seus contornos e texturas, penetra na folhagem da floresta e produz os primeiros mapas das planícies de um Vênus envolto em mistérios.

O trecho acima demonstra claramente o uso de uma “linguagem estrangeira” posta ao aluno. Observa-se um número considerável de termos que não são utilizados na língua geral. Nesse contexto, a aprendizagem é prejudicada, ou melhor, não há aprendizagem, já que o aluno é um mero decodificador dos termos. Assim, é inegável a presença do professor como facilitador do processo ensino-aprendizagem.

Sabemos que alguns manuais didáticos trazem ao fim de cada capítulo ou do volume um glossário para facilitar a compreensão do aluno ao defrontar-se com termos específicos da ciência. No entanto, tais termos definidos sem uma relação direta com o contexto de uso não chegam a ser incorporados ao repertório lexical do aluno.

Cano (2001, p.51) revela que o professor, além da utilização de uma metalinguagem adequada, deve também:

- a) Levar o aluno a consultar dicionários técnicos (e aqui seria bom que tivéssemos bons dicionários voltados para o público infantil).
- b) Levar o aluno a compreender que muitas palavras do seu vocabulário (geral) quando inseridas num texto de ciências (disciplinas científicas), devem ser tratadas e definidas como termo, tendo em vista que o termo adquire valor terminológico dentro de um conjunto nocional e conceptual.
- c) Num determinado domínio, duas ou mais palavras da língua geral podem combinar-se e formar um termo, empregado com valor distinto do da língua geral.
- d) O professor deveria, também, levar o aluno a perceber as homonímias do vocabulário científico e que um termo adquire uma significação precisa no domínio em que está inserido.
- e) O aluno deve perceber que numa determinada área do conhecimento os conceitos não estão isolados, mas estritamente relacionados, constituindo uma estrutura conceptual.

Como o contexto escolar necessita de reflexões didático-pedagógicas, orientadas para o vocabulário terminológico do aluno, pretendemos contribuir com esta disposição caótica, dando o nosso respaldo teórico e, numa etapa posterior, prático, com a elaboração de um dicionário escolar de Geografia.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Considerando-se que o dicionário é um produto cultural destinado ao consumo do público em geral, este trabalho objetiva, primordialmente, a aplicação de uma metodologia para coletar, descrever e apresentar os termos registrados em livro didático da área de Geografia, ancorada pelos pressupostos teóricos da Teoria Comunicativa da Termologia. Assim, a partir das prescrições desta teoria quanto à macroestrutura, à organização do dicionário e à microestrutura, será estruturado o *corpus* do qual extrairemos os termos que constituirão a nomenclatura do dicionário escolar. Desse modo, buscaremos evidenciar a importância de obras técnicas para o público em geral.

1.3.2 Objetivos específicos

1. Contribuir para a disseminação de conhecimentos na área de Geografia, e também para uma maior precisão da linguagem científica comumente utilizada nesta área.
2. Dar o nosso respaldo ao ensino, uma vez que acreditamos na importância da aquisição das terminologias para a real aprendizagem nos manuais didáticos.
3. Analisar como os livros didáticos definem a terminologia científica.

4. Confrontar a definição dessa terminologia com dicionários de língua geral, a fim de comparar as lacunas existentes em dicionários de língua como o *Aurélio* ao mencionar as unidades especializadas.
5. Legitimar os estudos terminológicos da Teoria Comunicativa da Terminologia.
6. Levantar as unidades de significação especializada (USE) da área de Geografia e analisar sua inserção em obras lexicográficas.
7. Inserir cada termo em um conjunto estruturado conceitualmente.

1.4 Metodologia

O objetivo deste item é apresentar os passos metodológicos que guiam o desenvolvimento da pesquisa..

O nosso *corpus* de investigação constitui-se de livros didáticos da coleção Trilhas da Geografia, da Editora Scipione. Ao analisar as unidades terminológicas da área de Geografia, as matizes de descrições serão analisadas obedecendo às seguintes etapas:

- Leitura geral das coleção analisada.
- Constituição do *corpus*. A extração das USEs foi realizada manualmente, registrando o contexto e a fonte de pesquisa.
- Ajuste dos objetivos a serem alcançados com a pesquisa.

- Aprofundamento do referencial teórico que serviu de apoio para o estudo.
- Análise comparativa das USEs extraídas com dicionários especializado e de língua geral.
- Apresentação e descrição de problemas das definições em livros didáticos e dicionários.
- Elaboração de uma proposta de estrutura conceptual que abarque as USEs.
- Registro das USEs em fichas terminológicas
- Apresentação das conclusões a que chegou a nossa pesquisa.

Finalmente, ressaltamos que todos os passos metodológicos de nossa pesquisa convergem para o objetivo de organizar uma macroestrutura de um Dicionário de Geografia, que poderá contribuir com a aprendizagem da disciplina.

CAPÍTULO II – HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO DA GEOGRAFIA

2.1 Origens e pressupostos da Geografia

O termo Geografia é muito antigo, sua origem remonta à Antiguidade Clássica especificamente ao pensamento grego. Entretanto, o conteúdo a ele referido era por demais variado.

Algumas perspectivas distintas de Geografia, a partir do pensamento grego:

1. Tales e Anaximandro privilegiam a mediação do espaço e a discussão da forma da Terra, englobando um conteúdo hoje definido como Geodesia;
2. Heródoto preocupa-se com a descrição dos lugares, numa perspectiva regional;
3. Hipócrates discutia a relação entre o homem e o meio, não vista como pertencente à designação Geografia;
4. Aristóteles questionava-se sobre a concepção de lugar, sem articulá-la com a discussão da relação homem-natureza.

Desta maneira, pode-se dizer que o conhecimento geográfico se encontrava disperso. As matérias apresentadas com essa designação eram bastante diversificadas, sem um conteúdo unitário. Por outro lado, muito do que hoje é compreendido por Geografia, não era apresentado com essa denominação.

Portanto, até o final do século XVIII, não é possível falar de conhecimento geográfico, como algo padronizado, como unidade temática e continuidade nas formulações.

Para Moraes (1991, p.34) designa-se como Geografia, até então como: relatos de viagem, escritos em tom literário; compêndios de curiosidades sobre lugares exóticos; áridos relatórios estatísticos de órgãos de administração; obras sintéticas, agrupando os conhecimentos existentes a respeito de fenômenos naturais; catálogos sistemáticos sobre os continentes e os países do globo etc.

No começo do século XIX, o conhecimento geográfico é sistematizado. Os pressupostos históricos da sistematização geográfica centram-se no processo de avanço e domínio das relações capitalistas de produção.

O primeiro pressuposto de sistematização da Geografia dizia respeito ao conhecimento efetivo da extensão territorial do planeta. Era necessário que a Terra toda fosse conhecida para que fosse pensado de forma unitária o seu estudo.

Outro pressuposto era a existência de um repositório de informações, sobre variados lugares da Terra. Somente a partir desses dados, seria possível discorrer, com base em evidências, sobre a variação dos lugares, a diversidade da superfície terrestre.

Para o aparecimento de uma geografia unitária, outra pressuposição residia no aprimoramento de técnicas cartográficas, o instrumento por excelência do geógrafo.

Além de todas essas condições de sistematização da Geografia, há uma outra classe de pressupostos, a dos referidos à evolução do pensamento.

A primeira ocorre com a discussão da Filosofia, uma vez que propõe explicações abrangentes do mundo, formula sistemas que buscam o entendimento de todos os fenômenos do real. Outra fonte de sistematização pode ser detectada nos pensadores do Iluminismo. Estes autores, em suas argumentações, passaram por temas próprios da Geografia, notadamente ao discutir as formas de poder e de organização do Estado. Também os trabalhos desenvolvidos pela Economia Política atuaram na valorização dos temas geográficos. Seu desenvolvimento se deve às próprias necessidades práticas postas pelo incremento do comércio e das relações econômicas em geral, que impunham a criação de uma contabilidade racional e a ordenação padronizada de finanças.

É com o aparecimento das teorias do Evolucionismo, que a Geografia teve uma base científica sólida para as suas indagações. A Terra estava toda conhecida. A Europa articulava um espaço de relações econômicas mundializado, o desenvolvimento do comércio punha em contato os lugares mais distantes. O colonizador europeu detinha informações dos pontos mais variados da superfície terrestre. As representações do Globo estavam desenvolvidas e difundidas pelo uso cada vez maior dos mapas, que se multiplicavam. A fé na razão humana, posta pela Filosofia, abria a possibilidade de uma explicação racional para qualquer fenômeno da realidade (MORAES, 1991, p.41).

2.2 A Geografia Tradicional

A Geografia Tradicional tem com base o positivismo. Uma primeira manifestação da concepção positivista está na redução da realidade ao mundo dos sentidos, isto é, em

circunscrever todo trabalho científico ao domínio da aparência dos fenômenos. Assim, para o positivismo, os estudos devem restringir aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis.

A Geografia, segundo o positivismo, é uma ciência empírica, pautada na observação.

A Geografia Tradicional limitou-se à descrição, à enumeração e à classificação dos fatos referentes ao espaço. Também, traduzia numa máxima geográfica: a existência de um único método de interpretação, comum a todas as ciências, ou seja, a não-aceitação da diferença de qualidades entre o domínio das ciências humanas e o das ciências naturais.

Esta concepção de Geografia trouxe saldos para o conhecimento científico. Moraes (1991, p.91) analisa-os:

Em primeiro lugar, a Geografia Tradicional deixou uma ciência elaborada, um corpo de conhecimentos sistematizados, com relativa unidade interna e indiscutível continuidade nas discussões. Deixou fundamentos, que mesmo criticáveis, delimitaram um campo geral de investigações, articulando uma disciplina autônoma.

Em segundo lugar, a Geografia Tradicional elaborou um rico acervo empírico, fruto de um trabalho exaustivo de levantamento de realidades locais.

E, finalmente, o pensamento tradicional da Geografia elaborou alguns conceitos (como território, ambiente, região, *habitat*, área, etc.) que merecem ser rediscutidos.

2.3 Movimento de renovação: Geografia Pragmática e Geografia Crítica

2.3.1 A Geografia Pragmática

A Geografia Pragmática tem como objetivo primeiro a Geografia Quantitativa. Para os autores filiados a esta corrente, o temário geográfico poderia ser explicado totalmente com o uso de métodos matemáticos. Todas as questões aí tratadas – as relações e inter-relações de fenômenos de elementos, as variações locais da paisagem, a ação da natureza sobre os homens etc. – seriam passíveis de ser expressas em termos numéricos e compreendidas na forma de cálculos. Para eles, os avanços da estatística e da computação propiciaram uma explicação geográfica (MORAES, 1991, p.103).

Outra via de objetivação da Geografia Pragmática vem da teoria dos sistemas, chamada Geografia Sistêmica ou Modelística. Esta propõe o uso de modelos de representação e explicação, no trato dos temas geográficos.

Moraes (1991) afirma que o modelo nesta corrente apóia-se na idéia de que os fenômenos, na realidade, se manifestaram como sistemas: relações de partes articuladas por fluxos. O modelo tentaria expressar a estrutura do sistema, em Geografia o “geossistema”, ou o “ecosistema”, os “sistemas de cidades”, ou a organização regional como “subsistema do sistema nacional”. Assim, os modelos seriam tantos quantos os sistemas existentes no real, passíveis de uma análise geográfica.

Ainda dentro desta exposição, há aquela que se aproxima da Psicologia, formulando o que se denomina Geografia da Percepção ou Comportamental. Esta vertente buscaria compreender como os homens percebem o espaço por eles vivenciado, como se

dá a sua consciência em relação ao meio que os encerra, como percebem e como reagem frente às condições e aos elementos da natureza ambiente, e como este processo se reflete na ação sobre o espaço.

Em suma, a Geografia Pragmática desenvolve uma tecnologia de intervenção na realidade.

2.3.2 A Geografia Crítica

Segundo Gonçalves (1987, p. 17), o saber geográfico dominante fala de clima, vegetação, relevo, hidrografia, população, principais atividades econômicas, etc. Ao pretender falar de todas as coisas, acaba na verdade produzindo uma visão caótica do mundo, não analisando como as coisas se formam, se produzem, se estruturam e se constituem como totalidade.

Pode-se dizer, então, que a Geografia Crítica é uma frente, em que, obedecendo a objetivos e princípios comuns, convivem propostas díspares. Assim, não se trata de um conjunto monolítico, mas, ao contrário, de um agrupamento de perspectivas diferenciadas. A unidade da Geografia Crítica manifesta-se na postura de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta, fazendo do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente. É uma unidade de propósitos dada pelo posicionamento social, pela concepção de ciência como momento da práxis, por uma aceitação plena e explícita do conteúdo político do discurso geográfico. Enfim, é uma unidade ética.(MORAES, 1991, p.126).

Finalizando, pode-se dizer que a Geografia Crítica renova-se a partir do momento em que se concentra na análise da realidade, considerando as contradições existentes nela, ou não.

Como procuramos mostrar, a Geografia é estudada de modo diferenciado, dependendo da teoria que se fundamenta. Face a isso, podemos dizer que este estudo se posiciona nos postulados da Geografia Crítica.

CAPÍTULO III – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Introdução

Argumentando acerca da natureza dinâmica da língua e da antiguidade dos fenômenos da variação e da mudança lingüística, Coseriu afirma:

a língua muda sem cessar, mas a mudança não a destrói e não a afeta em seu “ser língua”, que se mantém sempre intacto. Sem dúvida, isso não significa que o ser sistema seria independente da mudança, pelo contrário, porque a mudança na língua não é “alteração” ou “deterioração”, como se diz com terminologia naturalista, mas reconstrução, renovação do sistema, e assegura sua continuidade e seu funcionamento.¹ (COSERIU apud LOPE BLANCH, 1990, p.13).

Nossa pesquisa ressalta a proposição de Coseriu e acredita na constante mutabilidade lingüística, buscando respaldos teóricos na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta pela lingüista Maria Teresa Cabré (1999), a qual considera o estudo terminológico “in vivo”, isto é, espontâneo, natural e que baseia a correspondência de uma forma no uso social em situações reais de comunicação.

A fim de fazer uma reflexão sobre os estudos terminológicos preexistentes à TCT, abordaremos a Teoria Geral da Terminologia (TGT). Através desta teoria, citaremos a sua contribuição e as lacunas deixadas pela TGT para os estudos terminológicos mais recentes.

Em seguida, apresentaremos a perspectiva teórica proposta para a pesquisa.

¹ “la lengua cambia sin cesar, pero el cambio no la destruye y no la afecta en su “ser lengua”, que se mantiene siempre intacto. Ello, sin embargo, no significa que el ser sistema sería independiente del cambio, sino todo lo contrario, porque el cambio en la lengua ... no es “alteración” o “deterioro”, como se dice con terminología naturalista, sino reconstrucción, renovación del sistema, y asegura su continuidad y su funcionamiento” (COSERIU apud LOPE BLANCH, 1990, p.13).

3.2 Visão geral da Terminologia

Com as mudanças técnico-produtivas introduzidas a partir do século XVII e fundamentalmente no século XVIII, com a indústria, houve um aumento significativo do volume produzido e, conseqüentemente, a necessidade de ampliar os mercados consumidores internos e externos, bem como os mercados fornecedores de matéria-prima para alimentar a produção industrial. Nesse contexto, a burguesia, classe social à qual estava associada toda essa transformação traduzida sob o advento do Progresso, da Razão e da Ciência, via-se socialmente alijada do processo político e social dominante

O estudo de unidades terminológicas é inegavelmente uma prática antiga, considerando-se que os saberes técnicos e científicos não são fenômenos dos tempos atuais. A origem da prática terminológica deu-se no século XVII, com o reconhecimento formal da existência de vocabulários específicos de uma dada área do conhecimento especializado.

O desenvolvimento tecnológico é uma constante em nossas vidas, estando presente desde que começamos a nos organizar coletiva e socialmente, ou seja, o homem cria tecnologia desde a pré-história.

Porém, a modernidade trouxe consigo um novo sistema socioeconômico, o capitalismo, cuja necessidade de realizar uma crescente acumulação de riquezas exigiu profundas alterações na organização do sistema de produção e no ritmo de desenvolvimento tecnológico.

Neste panorama histórico, o século XVIII é um período determinado pela fixação das nomenclaturas técnico-científicas, desenvolvidas principalmente no campo das ciências e das técnicas, como a Botânica, a Zoologia, a Química, entre outras.

Também nessa época, os cientistas passam a se preocupar com a comunicação científica em um contexto internacional. Pretendem garantir a univocidade da comunicação científica internacionalmente. Orientados por essa intenção, os cientistas determinam modelos terminológicos nos âmbitos de especialidade.

A preocupação com a univocidade terminológica, já existente, intensifica a partir da integração macrorregional, ou seja, dos blocos econômicos. Trata-se, provavelmente, de um processo de integração intermediário, em uma economia mundial que avança com muita rapidez e de forma atabalhoada para um patamar inédito de interdependência global. Nessa conjuntura, surge a necessidade de estabelecer correlações idiomáticas, ocasionando um avanço significativo no desenvolvimento terminológico prático e teórico.

Em poucos anos, na segunda metade do século XX, a indústria cultural transformou radicalmente o imaginário de todo o mundo. Em decorrência das tecnologias oriundas da eletrônica e da informática, os meios de comunicação adquirem maiores recursos, mais dinamismos, alcances muito mais distantes.

Com o advento da informática, os estudos terminológicos são favorecidos, tendo em vista a criação de bancos de dados terminológicos, que visam a atender as necessidades de consulta de um grupo definido de usuários.

Apesar de toda essa contextualização terminológica, Gutiérrez Rodilla observa em relação ao percurso da Terminologia que:

é difícil estabelecer onde se inicia exatamente a história da nomenclatura, que, em boa medida, está relacionada com a das classificações e da sistematização. A situação varia de um ramo a outro da ciência, embora poderia considerar que o ponto de partida se encontra na última parte do século XVII e que adquire uma grande importância ao longo do século XVIII – a idéia de que a ciência deveria utilizar uma “linguagem bem feita”. Essa concepção, portanto, perfeitamente lógica e unívoca, relaciona-se em grande medida com a concepção de uma razão transparente e coerente, típica do século das luzes, e, sobretudo, do século XIX, ao amparo do positivismo e sob o impulso das sociedades científicas; embora existam notáveis precursores e antecedentes em outros tempos e períodos de dedicação à ciência (GUTIÉRREZ RODILLA, 1998, p.207).

Nesta perspectiva de evolução e no impacto da produção de conhecimento, o indivíduo sente a necessidade de ampliação do contato e do uso das terminologias.

Krieger e Finatto dizem que o interesse pelas terminologias deixou de estar restrito aos especialistas que, como usuários diretos, sempre compreenderam a necessidade de dominar o vocabulário específico de seus campos de competência. Nessa mesma situação, estão os estudantes universitários que necessitam incorporar os termos de suas áreas de aprendizagem profissional. Hoje, há uma extensa gama de profissionais também preocupados com a terminologia e que são considerados seus usuários indiretos, como é o caso de tradutores, intérpretes, documentalistas, redatores técnicos, lexicógrafos e terminógrafos, entre outras categorias de profissionais envolvidos com a linguagem (KRIEGER e FINATTO, 2004, p.27). Constata-se, ainda, a relevância da aprendizagem da terminologia presente em livros didáticos de ensino fundamental e médio.

Ao desenvolver-se, a revolução tecnológica desencadeou a consolidação das atividades de Terminologia, pois o processo de comunicação também foi chamado a

assumir uma posição chave nas relações entre desenvolvimento tecnológico e a terminologia especializada.

3.3 A Teoria Geral da Terminologia

No conjunto dos estudos da Terminologia, focaliza-se o caráter cognitivo dos termos e os princípios normativos. Tais características presidem o trabalho terminológico, que deu origem à Teoria Geral da Terminologia, cujas produções ficaram a cargo de Wüster em uma grande obra denominada Introdução à Teoria Geral da Terminologia e a Lexicografia Terminológica.

A teoria Wüsteriana subsidiou a Terminologia a constituir-se como um campo de conhecimento com fundamentos epistemológicos e objeto próprio de investigação, caracterizando-a, desse modo, como disciplina.

A partir de um enfoque reflexivo de sua obra, Wüster assinala a respeito dos termos:

Em sentido restrito, um termo unívoco ou monovalente é um termo que, em um contexto de discurso determinado, apenas tem um ‘significado atual’, embora possa ser polissêmico. Por ‘contexto de discurso’ é preciso entender, ou bem o contexto da frase, ou bem a situação de discurso determinada pelas circunstâncias. A distinção entre, por uma parte, a monossemita, e por outra, a monovalência, ou a univocidade em sentido estrito, permite limitar a exigência teórica da monossemita em terminologia a uma única condição econômica: que os termos sejam ‘monovalentes’, sem serem necessariamente “monossêmicos” (WÜSTER, 1998 apud KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 32).

As concepções de Wüster são extremamente produtivas para o reconhecimento do estudo terminológico de uma unidade lexical, um dos maiores empecilhos com que se confronta a pesquisa terminológica. Por isso a TGT é reconhecida “como um passo importante no esclarecimento da essência das linguagens de especialidades” (HOFFMAN, 1998, p.30).

Ainda nesta perspectiva, a abordagem presume que os termos não são vistos como elementos naturais das línguas naturais, porque são entendidos como unidades de conhecimento que comportam denominações. Assim, ressalta Felber:

Os termos principais de uma Teoria Geral da Terminologia são: a essência dos conceitos e da formação dos conceitos; as características dos conceitos; as relações entre conceitos dentro dos sistemas conceptuais; a descrição dos conceitos (mediante definições); a atribuição de termos a conceitos ou bem de conceitos a termos, a essência dos termos e a sua formação (FELBER apud HOFFMAN, 1998, p.28).

Nota-se que prevalece o componente conceitual em relação ao lingüístico, o que pode ser afirmado na concepção wüsteriana de que os termos expressam conceitos e não significados. Observa-se uma concepção positivista de ciência e uma teoria que dissocia pensamento e linguagem.

Os princípios gerais da TGT são (CABRÉ, 1999):

- a) A terminologia é concebida como uma matéria autônoma e auto-suficiente, isto é, dotada de fundamentos próprios, embora conectada por outras disciplinas como a Lingüística, a Lógica, a Ontologia e a informática.
- b) O objeto de estudo da TGT são os termos, concebidos como unidades específicas de um campo de especialidade e de uso circunscrito a esse campo.

- c) Os termos são definidos como unidades semióticas compostas de conceito (noção) e de denominação, cuja identidade só se justifica dentro de campo de especialidade.
- d) O sistema nocional é fundamental em Terminologia. Primeiramente, classificam-se as noções para, em seguida, classificar suas denominações. Assume-se, então, que a noção precede à denominação.
- e) Um sistema de noções é um sistema lógico estruturado hierarquicamente ao longo de dois eixos: um horizontal (que estabelece a compreensão da noção) e outro vertical (que estabelece sua extensão). É sob esse aspecto que a Terminologia participa da Lógica e da Ontologia.
- f) Os conceitos de um mesmo âmbito especializado mantêm entre si relações de diferentes tipos. O conjunto dessas relações entre os conceitos constitui a estrutura conceitual de uma matéria.
- g) A univocidade é característica fundamental do termo. A relação que se estabelece entre noção e denominação é sempre monorreferencial, rejeitando-se a sinonímia. Surge daí a necessidade de normalização, da unificação internacional de termos e de noções.
- h) A definição é fundamental em Terminologia. Ela serve para delimitar a noção.
- i) A documentação constitui tarefa indispensável a todo trabalho terminológico.

Diante desses princípios, caracteriza-se a visão onomasiológica da TGT, a qual é contestada atualmente, em razão de suas proposições normalizadora e prescritiva.

3.4 A TGT: uma apreciação

A Terminologia, diante dos novos fundamentos que a ela se agregam a partir do final do século XX, adquire um novo postulado, assinalando uma reformulação na teoria estudada até o momento. Apesar de considerar a relevância e a coerência da Teoria Geral da Terminologia (TGT) em alguns contextos, torna-se essencial revitalizar a teoria sob novos princípios.

A partir de 1990, sob a luz das novas concepções, a TGT é criticada pelos seus traços prescritivos. Assinala-se que tal caráter leva ao apagamento dos aspectos comunicativos e pragmáticos do léxico. Além disso, a TGT considera os termos unidades diferenciadas das unidades da língua geral. Dessa forma, a terminologia se transformou em uma matéria aplicada para atuar em um só campo, não conseguindo explicar como os termos fazem parte ou passam a fazer parte da competência dos falantes à medida que adquirem conhecimentos especializados.

Rey (1979) traz um pensamento inovador, ao assegurar que: “Na origem das reflexões sobre nome e a denominação, base da Terminologia, encontra-se toda a reflexão sobre a linguagem e o sentido” (REY, 1979, p.35). Esse autor compreende que tratar de terminologia tecno-científica é tratar de questões de língua e não de um constructo formal idealizado a serviço de uma comunicação restrita aos âmbitos de especialistas.

Com as lacunas deixadas pela TGT, os estudos tornam-se mais intensos. Os termos funcionam como qualquer outra unidade da língua natural. Assim, há um favorecimento de uma socioterminologia.

Gaudin (1993), criticando fortemente a política normalizadora da Terminologia, diz:

Sobre esse ponto, tentaremos mostrar como, no mesmo movimento que conduziu a lingüística estrutural à sociolingüística, uma socioterminologia pode levar em conta a realidade do funcionamento da linguagem e restituir toda a sua dimensão social às práticas languageiras concernidas (GAUDIN, 1993 apud KRIEGER e FINATTO 2004, p.35).

A TGT, segundo Gaudin, é criticada tendo em vista a inoperância dos instrumentos de referência, glossários e dicionários técnicos que não expressam a realidade dos usos terminológicos. A TGT não analisa a relação interdisciplinar existente entre as unidades de especialidades e, assim, nega a existência de polissemia terminológica, atentando-se, em casos de repetição de unidades em matérias distintas, para a homonímia.

Em decorrência, Cabré (1999, p. 21) postula que

uma teoria terminológica deve dar conta, entre outros aspectos, de como um conceito pode formar parte da estrutura conceptual de distintas disciplinas conservando, mudando ou matizando suas características, e explicar se se trata ou não do mesmo conceito e como se produz essa circulação conceptual (CABRÉ, 1999, p. 21).

Ao limitar-se ao estudo da comunicação profissional, a TGT restringe a unidade terminológica à condição de unidade denominativa, anulando, assim, a dimensão comunicativa da teoria. Observando-se tais fatos, acredita-se que, estudando a linguagem de especialidade, estaríamos diante de línguas diferentes, pois a TGT propõe uma fronteira assídua entre o léxico comum e o de especialidade.

Não podemos considerar que a Terminologia técnico-científica é um construto ideal e homogêneo a favor de uma comunicação limitada. Pelo contrário, ela se faz importante e viável na vida social de todos os grupos e contextos.

Para Cabré (1999a, p.), a teoria wusteriana

estabelece um objeto de análise e umas funções de trabalho muito restritas, porquanto limita o objeto às unidades unívocas normalizadoras próprias dos âmbitos científicos-técnicos, reduz a atividade terminológica à recolha de conceitos se termos para a normalização (fixação de noções e denominações normalizadas) dos termos, circunscreve os âmbitos especializados ciência e à técnica e limita seus objetivos para assegurar a univocidade da comunicação profissional, fundamentalmente no plano internacional (CABRÉ, 1999a, p. 152).

Apesar das críticas às lacunas deixadas pela TGT, ela é válida, uma vez que lançou os fundamentos da Terminologia e contribuir para os desenvolvimentos de algumas proposições.

3.5 Teoria Comunicativa da Terminologia: definições básicas

Para estabelecer um novo paradigma para os estudos teóricos, Cabré (1999, p. 27) assim define a Terminologia:

La terminología, vista como disciplina lingüística, no há quedado al margen de estas nuevas concepciones, basadas esencialmente em la variación de usos y usuários y em la diversidad de funciones y situaciones comunicativas, y han adquirido gran importância todos

aquelles aspectos que pueden favorecer uma explicación más satisfactoria de la comunicación especializada. (CABRÉ, 1999, p. 27).

Esta definição marca a dupla face da Terminologia, estudo e aplicação. Essas duas faces – um conjunto de termos específicos de uma área científica e/ou técnica e a disciplina ou campo de estudos teórico e aplicado dedicado aos termos técnico-científicos – revelam que a unidade *terminologia* é polissêmica.

Para explicar a polissemia do termo terminologia, Cabré 1993 remete a três noções:

- a) Como disciplina, é a matéria que se ocupa das unidades de significação especializada.
- b) Como prática, é o conjunto de princípios e métodos usados para a coleta, análise e apresentação de termos.
- c) Como produto, é o conjunto de termos de uma determinada área do conhecimento. Nesse sentido, pode-se falar em “terminologias”, como a terminologia da Matemática, a terminologia da Química, a terminologia da Astronomia etc.

Neste trabalho, de acordo com Cabré (1993), é necessário, pois, distinguir o termo *terminologia*. Ao referir-se à disciplina que possui seu objeto primordial de estudo definido, o termo técnico-científico, iremos grafá-lo com letra maiúscula (Terminologia); quando quisermos nos referir ao conjunto de termos de uma determinada área do conhecimento, empregaremos o termo em minúsculo (terminologia).

O termo terminologia, concebido como disciplina, é avaliado sob três concepções:

- 1) Wüster (1898 – 1977), o fundador da Terminologia, concebia-a como uma disciplina autônoma e multidisciplinar.
- 2) Para alguns estudiosos, diante da feição transdisciplinar da Terminologia, esta não é considerada disciplina autônoma. No entanto, acredita-se que o campo de estudos terminológicos tenha identidade própria.
- 3) Uma terceira posição sustenta que a Terminologia constitui-se em um campo de conhecimento que, ao dialogar com diferentes áreas especializadas, se capacita a estabelecer princípios e métodos de elaboração de ferramentas e produtos, tais como sistemas de reconhecimento automático de terminologias, glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos (KRIEGER e FINATTO, 2004, p.22).

Uma vez que nossa pesquisa é ancorada pela Teoria Comunicativa da Terminologia, a terceira posição é defendida. Cabré (1999b, p.70) considera que a Terminologia é uma matéria de caráter interdisciplinar, constituída por elementos procedentes das ciências da linguagem, das ciências da cognição e das ciências sociais, ou seja, a unidade terminológica é, ao mesmo tempo, uma unidade lingüística, uma unidade cognitiva e uma unidade sociocultural.

Segundo a TCT, o objeto de estudo da Terminologia são as unidades terminológicas utilizadas nos diversos domínios da especialidade. Essas unidades devem ser analisadas funcional, formal e semanticamente, descrevendo sua dupla sistematicidade: **geral**, em relação ao sistema da língua de que formam parte, e **específica**, em relação à terminologia do âmbito de especialidade em que são usadas. Essa proposta, segundo Cabré, permite centrar o estudo dos termos na linguagem natural e delimitar de maneira precisa seu campo de estudo. A Terminologia figuraria, então, dentro do conjunto de

recursos comunicativos, incluindo os artificiais e os não-verbais, e, finalmente, todo o conjunto se incluiria numa teoria mais ampla que abrange o conhecimento humano.

O objeto de estudo da Terminologia pode ser concebido sob a ótica de diferentes disciplinas. Para expormos as concepções de termo, examinaremos alguns estudiosos:

Wüster (1998, p.21) diz que uma unidade terminológica consiste em palavra à qual se atribui um conceito como seu significado, ao passo que, para a maioria dos lingüistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo.

Reformatskii (2000, p.21) ilustra na mesma linha, que *Terminus* significa limite, fronteira. Por conseguinte, faz-se necessário estabelecer de que forma se deslinda, se diferencia das outras palavras, e quais são os traços que facilitam essa diferenciação.

Rey (1979, p. 22), buscando uma complementaridade à definição de termos, dirá: o nome é o objeto mesmo da Terminologia: com efeito um nome definível no interior de um sistema corrente, enumerativo e/ou estruturado, é um termo; o conteúdo de sua definição correspondendo a uma noção (conceito), analisável em compreensão.

Gouadec (1990 apud KRIEGER e FINATTO 2004, p. 3) postula que um termo é uma unidade lingüística que designa um conceito, um objeto ou um processo. O termo é a unidade de designação de elementos do universo percebido ou concebido. Ele raramente se confunde com a palavra ortográfica.

Ao analisar tais autores depreende-se um ponto semelhante. A unidade lexical é definida por sua dimensão conceitual. No entanto, como ressalta Cabré, os termos devem ser observados na sua dimensão específica. Sobre esta propriedade Lérat reafirma: “As concepções técnicas estão na língua porque são suscetíveis de serem traduzidas em língua estrangeira, mas são denominações de conhecimentos especializados, e isso que as torna pertinentes terminologicamente (LÉRAT apud KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 78).

Em síntese, Cabré (1999c) considerando a poliedricidade do termo, tece que a diversidade de posicionamentos sobre a natureza do termo tende a se ampliar para além da controvérsia de compreendê-lo como unidade de conhecimento ou como unidade pragmático-lingüística. Isso se explica porque avançam e se aprofundam os estudos sobre essa entidade que não é linear, ao contrário, é complexa, multifacetada:

Los términos son unidades léxicas que se emplean preferentemente em marcos de especialidade pero que – debido a la creciente alfabetización científico-tecnológica de la sociedad – trancienen esos marcos y suelen incorporarse em la comunicación cotidiana. Em tanto unidades lingüísticas exhiben lãs características propias del léxico em su conjunto: diversidad de ópticas de análisis, variabilidad, selección y uso orientado a fines específicos (FOUREZ, 1994, p.11).

A proposta de Cabré tem, pois, como princípio fundamental, uma teoria de base comunicativa. Sua proposta parte do pressuposto de que os termos não são unidades isoladas constituindo um sistema próprio, mas unidades que se incorporam ao léxico do falante, à medida que este adquire conhecimentos especializados.

A teoria proposta permite dar conta, ainda, das unidades terminológicas dentro de um esquema global de representação da realidade, admitindo a variação conceptual e denominativa e levando em conta a dimensão textual e discursiva dos termos. Essa teoria de base comunicativa assume, então, a diversificação discursiva em função da temática, da perspectiva de como se trata um tema, do tipo de emissor, dos destinatários, do nível de especialização, do grau de formalidade, do tipo de situação, do tipo de discurso etc. Considera, portanto, que tanto o conhecimento especializado, como os textos especializados e as unidades terminológicas, podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e podem ser descritos em diferentes níveis de representação. Nesse sentido,

Cabré afirma: “Tanto o conhecimento especializado quanto os textos especializados, como as unidades terminológicas podem ocorrer em diferentes níveis de representação. Só assim, a terminologia do desejo passa a ser a terminologia da realidade” (CABRÉ, 1999c, p.126).

3.6 Linguagens especializadas e textos especializados

3.6.1 Linguagens especializadas

Segundo Borges (1998), não existe ciência encerrada em si mesma, sem formas próprias de expressão. É necessário, então, comunicar ciência. E, mais uma vez, a língua, sob um figurino especializado, é a protagonista que desempenha o papel de ajudar a escrever a ciência. Explica-se, assim, o papel das terminologias *na expressão do saber humano*.

As linguagens especializadas não podem radicar o léxico comum dos falantes de uma língua, pois desempenha papel fundamental na comunicação profissional. Cabe à Terminologia essa distinção entre as várias linguagens de especialidades e a língua comum.

É através das linguagens de especialidades que o conhecimento científico é posto em circulação. Pois, como já mencionamos, se a terminologia especializada não for compreendida, a linguagem é tratada como se pertencesse a uma “língua estrangeira”.

Domenech, refletindo sobre as linguagens de especialidade, coincidem seus pensamentos em dois itens: primeiro, a idéia de que a comunicação especializada refere-se a determinados domínios do conhecimento e, segundo, a idéia de que a expressão e a

transmissão desse conhecimento requerem o uso de recursos específicos. Esses recursos geram os textos especializados.

Segundo a Teoria Comunicativa da Terminologia, o que vai diferenciar o léxico geral da língua de especialidade são:

- a) a temática
- b) os usuários
- c) as situações de comunicação.

Cano (2001, p.33) afirma que considerar a temática como único fator de especialização leva à restrição do conceito de especialidade às comunicações feitas no interior das matérias científicas e técnicas e nos domínios especializados da atividade. Acrescenta que não é fácil delimitar somente pela temática quais textos são ou não especializados, porque, na verdade, qualquer atividade humana implica um grau de especialização, de maneira que é difícil estabelecer uma fronteira entre as atividades especializadas e as que não são.

Cabré, tendo em vista o conhecimento especializado “in vivo”, considera que a determinação do caráter especializado de uma temática não depende tanto do tema em si, mas da ótica sob a qual se aborda o tema, ou, mais concretamente, da maneira como está conceptualizado. Assim, qualquer objeto científico pode tornar-se matéria de comunicação especializada; qualquer objeto da realidade comum pode ser tratado de maneira precisa e estruturada, converter-se em objeto do conhecimento especializado (CABRÉ, 1998 a, p.4).

As linguagens de especialidades apresentam características lingüístico-textuais que as fazem variar dependendo das circunstâncias comunicativas concretas. Diante disso, a

linguagem de especialidade não é vista de maneira monolítica e homogênea, mas concebida por tipologias distintas.

As denominadas linguagens de especialidades são registros funcionais caracterizados por uma temática específica, determinados por características pragmáticas precisas, determinadas pelos interlocutores (basicamente o emissor), o tipo de situação em que são produzidos e os propósitos ou intenções a que se propõe a comunicação especializada (CABRÉ 1999c, p.152).

Nesse sentido, nota-se que essa língua ou linguagem de especialidade não seria um “subsistema” da língua geral. Embora cada universo de discurso especializado produza textos com particularidades, essas especialidades não deixam de ser recursos lingüísticos utilizados pela língua geral na qual são escritos os textos.

3.6.2 O termo

Esta é uma exposição norteada pela idéia de traçar um panorama sobre a problemática dos termos. Para esse estudo, esboçaremos um paradigma terminológico a partir das propostas de Cabré (1999), que se segue:

- A poliedricidade do termo, já que a unidade terminológica oferece três perspectivas de estudo – social, lingüística e cognitiva, sendo complementares.
- Os termos pertencem ao sistema lingüístico; não são unidades de um sistema artificial e auto-suficiente como as nomenclaturas técnico-científicas; as regras que regem o funcionamento do léxico são as mesmas que regem os termos.

- A variação como fenômeno normal, inerente à linguagem. A variação deveria estar adequadamente analisada e descrita em terminologia, não eliminada nem reduzida a priori, a fim de favorecer uma comunicação especializada precisa e unívoca, sem ambigüidades.
- A especialização dos conceitos por critérios temáticos ou pragmáticos, sem entender que tenham um regime nem um funcionamento diferenciado em relação aos significados da língua geral (que, obviamente podem representar especialização em diferentes graus).
- A transformação sociocultural e lingüística de uma comunidade como fator que influencia nos conceitos, assim como nos canais comunicativos por onde circulam e se diferenciam. (Cabré, Freira, Lorente, Tebé, 1998, p.38)².

De acordo com esse modelo teórico, a representação dos sistemas conceptuais abandona a rigidez para explicar os intercâmbios terminológicos entre as diferentes áreas do conhecimento. Em síntese, o método de trabalho para o estudo terminológico deverá deixar de ser único e passar a ser flexível para adequar a diversidade que representa as unidades terminológicas do conhecimento especializado, levando em conta a variedade de comunicação, os usos lingüísticos, os dinamismos dos conceitos, os termos no discurso e as possibilidades de novas tecnologias.

² A tradução foi feita por nós.

3.6.3 O texto especializado

Partimos, pois, do pressuposto de que a aquisição do saber científico é uma das chaves para a formação da cidadania. É através do texto especializado que o conhecimento científico se realiza na transmissão do saber.

Nas últimas décadas, com a “explosão” do conhecimento e das tecnologias, a terminologia especializada passou a não mais restringir-se a especialistas. Passou, então, a difundir-se no meio social. Observa-se, no entanto, que a variação ocorre, tendo em vista a poliedricidade de tratamento e abordagem.

O discurso especializado, segundo Cabré (1999, p.162ss), admite diversos níveis de especialização (mais ou menos especializado), grau de formalidade diferente (mais ou menos formal), e com finalidades e propósitos diversos (argumentar, descrever etc.).

Para Domenech (apud Cano 2001, p.38), o nível de especialização de um texto será mais elevado considerando-se:

- a) o alto grau de abstração da matéria de que se trata;
- b) o baixo nível de implicação social dessa mesma matéria;
- c) o alto nível de conhecimento do destinatário.

É relevante considerar que o grau de especialização é influenciado por aspectos socioeconômicos, bem como o objetivo ao qual o texto se propõe. Assim, percebemos que há distintas maneiras de entender, representar e comunicar o conhecimento em cada sociedade, uma vez que não prima pela universalidade.

3.6.4 A Lingüística Textual e a Terminologia

Nesse novo enfoque, tem-se o texto como objeto central de análise. Acredito que os termos devem ser estudados em textos, a fim de obter pesquisas terminológicas que analisem seu objeto de modo dinâmico e mutável.

No âmbito desse direcionamento, o papel da textualidade e discursividade ganha vitalidade. Necessita-se, também, interessar-se pelas estruturas e tipologias dos textos produzidos nas comunicações especializadas. Segundo Finatto e Krieger (2004, p.106), três aspectos merecem ser enfocados:

1. a importância do texto para os estudos terminológicos;
2. repercussões da visão textual para um conhecimento mais aprofundado dos objetos terminológicos – termos, fraseologias e definições;
3. as investigações centradas no reconhecimento das características e propriedades específicas dos textos especializados.

As unidades terminológicas passam a ser analisadas em seu real contexto de ocorrência, percebendo que essas unidades aparecem naturalmente no discurso, não constituindo uma língua à parte, como inicialmente se julgava. Conseqüentemente, os termos sofrem os efeitos de todos os mecanismos sintagmáticos e pragmáticos das cadeias discursivas que dão suporte à comunicação especializada. Diante disso, as teorias

terminológicas, de fundamento lingüístico-comunicacional, justificam a necessidade de aproximação com o texto para descrever as unidades terminológicas.(FINATTO e KRIEGER, 2004, p.107).

Neste panorama, uma unidade lexical ou palavra adquire estatuto de termo em razão do cenário comunicativo em que é inscrita. Assim, a linguagem deve ser considerada em uso, para dar conta da problemática de identificação dos termos. Deve-se, ademais, relevar o discurso científico em suas várias modalidades e temáticas, pois ao analisar o texto em suas distintas modalidades, uma unidade lexical pode alcançar o estatuto terminológico, uma vez que o texto apresenta especificidade e propósitos para isso.

Proposições dessa natureza evidenciam que os termos não são somente elementos do sistema, mas componentes dos textos especializados, sofrendo os efeitos dessa relação. Por isso, confirma-se a necessidade de complementar a abordagem sistêmica com a textual para dar conta do fenômeno terminológico.(Krieger,2001 apud Finatto e Krieger, 2004, p.111).

Uma relação de complementaridade se estabelece, então, entre a Terminologia e a Lingüística Textual. Deste ponto de vista, as análises dos textos permitem estabelecer o caráter terminológico das unidades léxicas “candidatas a termo”, ou seja, determinar graus ou níveis de especialização dos textos. A seleção, o tratamento e a variação dos termos são condicionados por fatores textuais.

Como conclusão, enfatiza-se a importância da análise textual para o reconhecimento da especificidade do termo. As abordagens textuais podem melhor dar conta de uma diversidade de aspectos que envolvem o conjunto dos objetos da Terminologia, representando um novo direcionamento para as pesquisas.

Consideramos que os textos que formam os manuais didáticos são especializados e devem ser tratados como tal. Assim, com base na carência total de dicionários dirigidos ao público escolar e amparados pela Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), é que propomos levantar, primeiramente, a terminologia da Geografia utilizada no ensino fundamental, para posteriormente organizar um dicionário escolar de Geografia, dirigido a alunos das quatro últimas séries do ensino fundamental.

4. Ficha Terminológica

A ficha terminológica é um elemento de extrema relevância para o trabalho terminológico. Constitui um núcleo de informações acerca do termo ou expressões em análise.

Numa ficha terminologia constam informações como: a fonte textual de coleta de um termo, segmentos de texto onde esse termo ocorre, contextos de uso, informações sobre variantes denominativas, sinônimos, construções recorrentes.

Cada trabalho terminológico pode exigir um tipo de ficha distinta, tendo em vista diferentes tipos de verbetes e dicionários.

O modelo adotado neste trabalho é o proposto pelo Termcat (1990), conforme se segue:

campo 01 – Número de identificação do termo

campo 02 – Termo-entrada, tal como será configurado no dicionário, isto é, reduzido a seu lema.

campo 03 – Categoria gramatical e gênero do termo-entrada.

campo 04 – Ocorrência do termo nas fontes documentais. Neste campo será registrado o termo na forma como aparece nos contextos.

campo 05 – Contexto em que o termo ocorreu. Serão transcritos os contextos elucidativos, que melhor proporcionam a definição de termo.

campo 06 – Fonte. Indicação da fonte de onde se extraiu o contexto, sob forma de código: autor, título, editora, ano, página. Para cada contexto será registrada a respectiva fonte.

campo 07 – Formas equivalentes: incluiremos neste campo as formas em que houver qualquer alteração no sintagma, seja gráfica, morfológica, morfossintática, ou alteração léxica somente num dos componentes do sintagma.

campo 08 – Variante socioprofissional do termo-entrada. Nesse campo será registrada, quando houver, a denominação popular de um termo.

campo 09 – Sinônimos referendados pela fonte e por especialistas.

campo 10 – campo temático em que está inserido o termo, de acordo com a estrutura conceptual preestabelecida.

campo 11 – Subcampo em que está inserido o termo.

campo 12 – Definição do termo.

campo 13 – Informações enciclopédicas necessárias à elucidação do termo.

Campo 14 – Unitermos. Serão registrados nesse campo todos os termos que constarão da definição e que gerarão outros verbetes.

campo 15 – Termos relacionados. Faremos constar nesse campo os termos que mantêm alguma relação semântica com o termo-entrada.

campo 16 – Documentador e data: nesse campo serão registrados o nome de quem elaborou a ficha e a data.

Para exemplificar, mostraremos duas fichas terminológicas nesse segmento e as demais, no anexo deste trabalho.

termo: **trabalhador subempregado**

c.g.:

ocorrência:

contexto1.: Os trabalhadores subempregados são aqueles que vivem de trabalhos avulsos de baixa remuneração ou temporários, como os camelos, os vendedores de farol, os guardadores de carros, as empregadas domésticas e trabalhadores agrícolas que não possuem registro em carteira, etc.

fonte: TG3-24

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **tecnologia**

c.g.:

ocorrência:

contexto1.: Como você já deve percebido com o que vimos sobre a invenção das máquinas hidráulicas e a vapor, a introdução de novas tecnologias pode acarretar grandes mudanças.

fonte: TG2-79

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

CAPÍTULO IV – COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 O livro didático: critério de avaliação

A Geografia objetiva compreender as mudanças espaciais, as quais são desenvolvidas diacronicamente e sincronicamente, observando as transformações sem escalas local, regional e mundial. Para que esse objetivo seja alcançado, alguns conceitos, como de natureza, lugar, região, território, paisagem, tempo, espaço, cultura, sociedade e poder devem ser formados para a aprendizagem.

O ensino da Geografia deve atentar para as necessidades contemporâneas, presumindo a articulação entre o social, econômico, político e cultural. É imprescindível que o educando entenda seu espaço local para, posteriormente, obter um conhecimento mais amplo, refletindo esse ambiente local em uma escala global.

Como já comentamos, o estudo da Geografia privilegia certos aspectos da ciência, dependendo da teoria abordada pelo livro didático. Abordagens mais atuais têm buscado práticas pedagógicas que permitam apresentar aos alunos as distintas faces de um mesmo fenômeno em diferentes momentos da escolaridade, de modo que o aluno possa construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito. Essas práticas mencionadas nos livros didáticos envolvem procedimentos de problematização, observação, registro, descrição, documentação, representação e pesquisa dos fenômenos sociais, culturais ou naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico na busca e formulações de hipóteses e explicações das relações, transformações que são vistas de maneira interativa.

Portanto, o material didático deve incorporar debates, pontos de vistas divergentes, inovações na área e estar atualizando constantemente os avanços teóricos-metodológicos

consentidos pelas ciências e que cabem diante da corrente de pensamento adotada, pois, isso estimula a curiosidade e o interesse para o desenvolvimento do conhecimento.

As coleções devem ser dinâmicas, apresentando o conteúdo em sua complexidade crescente, a fim de que o aluno ultrapasse o senso comum e atinja a sistematização do conhecimento. Ou seja, preparar o aluno para compreender o sentido e o significado do mundo, desenvolvendo o aspecto crítico, que implica a capacidade de problematizar a sua própria realidade.

De acordo com o PNLD/2005, no nível fundamental, o estudo da Geografia deve voltar-se para a identificação de variáveis como distância, localização, semelhanças e diferenças, e para atividades que permitam apreender a totalidade, ao articularem formas, conteúdos, processos e funções. Isso pressupõe ultrapassar a mera descrição dos elementos constituintes do espaço geográfico, buscando compreender sua dinâmica.

Sabemos que a construção social realiza-se na relação espaço/tempo. Essa relação deve ser trabalhada como um processo que proporciona resultados diferentes dependendo do espaço e/ou tempo analisado. Contudo, isso enfatiza a obrigatoriedade da inovação científica frente à sociedade.

O ensino da Geografia deve ser organizado em círculos concêntricos, ou seja, em esferas sucessivas, de raio cada vez mais amplo, tendo no centro o espaço imediato do aluno.

Piaget em seus estudos, enfatiza a precisão do conhecimento, respeitando as possibilidades de elaboração de pensamento em cada faixa etária. Prioritariamente, de acordo com a maturidade dos alunos, deve estimular processos cognitivos diferentes, objetivando a formação de um indivíduo crítico.

Geralmente nas séries iniciais, o ensino requer uma linha metodológica preferencialmente indutiva; enquanto nas séries finais do ensino fundamental, o tratamento dado é por dedução. No entanto, a combinação entre essas duas formas deve ser praticada em uma relação harmoniosa; sendo até mesmo um desafio para o professor.

Nesse estudo, mostramos a dificuldade em estabelecer fronteiras entre as diversas áreas do conhecimento: Geografia, Ciências, História, etc., mas contemplando a própria visão do ensino, a interdisciplinaridade deve ser privilegiada, de modo a proporcionar a entendimento integrado dos fenômenos naturais e sociais.

A Cartografia é uma área da Geografia indispensável ao conhecimento. Por intermédio dessa linguagem é possível sistematizar informações, expressar conhecimentos, estudar situações, representar e interpretar o espaço geográfico. A escola precisa propor habilidades para que os alunos construam conhecimentos sobre linguagem: como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por ela.

O livro didático é apenas uma referência para o aluno e um recurso a ser usado no processo ensino-aprendizagem. No entanto, para se dispor de um bom material, é necessário analisar alguns itens. O PNLD/2005 expôs as disposições inerentes a serem examinadas para a escolha de um material que forneça qualidade ao consulente.

- Critérios eliminatórios
 1. Coerência e adequação metodológicas
 2. Conceitos e informações básicos
 3. Construção da cidadania

- Critérios classificatórios

1. A linguagem deve ser adequada ao estágio de desenvolvimento cognitivo do aluno e contribuir para o desenvolvimento do vocabulário específico da Geografia e dos conhecimentos lingüísticos do educando, evitando reducionismos e estereótipos.
2. O trabalho com diferentes pontos de vista é importante para a formação de conceitos, por permitir a correta compreensão dos conteúdos e estimular o exercício da cidadania.
3. A problematização nos textos e exercícios é importante para desenvolver o senso crítico e estimular a curiosidade e a criatividade do aluno.
4. Os conteúdos e conceitos devem ser aceitos pela comunidade científica e trabalhados para atender a diferentes perfis socioeconômicos e regionais.
5. As fontes e autorias dos dados e das classificações utilizados devem ser indicadas corretamente.
6. Os textos complementares devem ser de fontes científicas reconhecidas e atualizadas, para que se amplie o conhecimento de conceitos e conteúdos.
7. A inclusão de glossário, referências bibliográficas e textos complementares valoriza a coleção.
8. A Cartografia é importante instrumento para o ensino da Geografia, sendo consideradas sua concepção, elaboração e adequação ao fim a que se destina. As representações cartográficas (mapas, cartas e plantas), as ilustrações (fotos, imagens, desenhos, blocos-diagrama e croquis) e gráficos, tabelas ou quadros

devem estar acompanhados de título, fonte de informação e data de elaboração, além de autoria, legenda, orientação e escala onde se fizerem necessários.

9. O projeto gráfico-editorial deve conter o texto principal impresso em preto, os títulos e subtítulos apresentados numa estrutura hierarquizada e os textos e ilustrações dispostos de forma organizada, com ritmo e continuidade.
10. O manual do professor tem grande importância no processo de ensino-aprendizagem e deve fornecer orientações para o docente exercer suas funções em sala de aula, ao dirigir sua ação pedagógica, e ter como parâmetros, entre outros, a diversidade regional e a individualidade dos alunos. O manual deve abordar e articular os conteúdos do livro entre si e com outras áreas do conhecimento e apresentar referencial teórico coerente com a abordagem do livro do aluno; conter bibliografia diversificada e indicações de leitura; sugerir as estratégias para o desenvolvimento das atividades individuais e em grupo; e propor diferentes formas de avaliação.

Se as coleções atenderem aos princípios e critérios eliminatórios e classificatórios estarão em condições de proporcionar um bom trabalho científico; caso seja parcialmente deferido, cabe ao professor assegurar ao aluno as lacunas e problemáticas presentes nesse material.

Para finalizar essa seção, salientamos que o livro didático deve conter informações corretas e atuais. Além disso, evidenciar fatos de modo que não expressem qualquer forma de discriminação. Pois, se assim for feito, estar-se-á contribuindo na escolha do material mais adequado ao processo educacional, e conseqüentemente, à formação de uma sociedade mais crítica e participativa.

4.2 Escolha dos manuais didáticos

Este projeto de pesquisa iniciou-se com a busca de uma lista de livros didáticos de Geografia utilizados no ensino fundamental, nas escolas de Uberlândia. A lista deveria ser encontrada na Superintendência de Ensino de Uberlândia. Porém, ao procurar a coordenadora desta área, soubemos que a Superintendência não dispunha de tal lista, uma vez que a escolha pelo livro didático era competência das próprias escolas. Em seguida, propusemo-nos a visitar algumas escolas da rede pública de ensino de Uberlândia para, então, conseguirmos uma relação dos manuais didáticos mais utilizados. Entretanto, havendo uma enorme variação na adoção do manual didático nas escolas, optamos pela investigação dos livros didáticos aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Os resultados encontrados foram os seguintes:

ATUAL EDITORA – Recomendado com ressalva

Geografia: Ciência do Espaço - 5ª a 8ª séries

EDITORA ÁTICA - Recomendado com ressalva

Construindo o Espaço – 5ª a 8ª séries

EDITORA ÁTICA - Recomendado

Geografia Crítica - 5ª a 8ª séries

EDITORA MODERNA - Recomendado com ressalva

Construindo a Geografia – 5ª a 8ª séries

EDITORA SARAIVA - Recomendado com ressalva
Homem e Espaço - 5ª a 8ªséries

EDITORA SCIPIONE – Recomendado
Trilhas da Geografia - 5ª a 8ªséries

Como a fonte de extração das unidades de significação especializada (USE) seriam os manuais didáticos de Geografia aprovados pelo PNLD, tendo sido alguns deles recomendados com ressalva, demos início à extração dos termos utilizando a coleção *Trilhas da Geografia* da Editora Scipione, aprovada integralmente pelo PNLD. A coleção foi doada pela própria editora, que estimulou a iniciativa da pesquisa. Esclarecemos que, nesta dissertação, optamos, juntamente com a orientadora, por analisar somente uma coleção de manuais didáticos, sendo um livro de cada série (5ª a 8ª). É nossa intenção prosseguir a pesquisa por meio da análise das demais coleções aprovadas pelo PNLD.

4.3 A formação do *corpus*

Segundo os postulados da Teoria Comunicativa da Terminologia, salientamos que os conceitos não são unidades que ocorrem isoladamente, mas relacionam-se com outros conceitos, com os quais compartilham alguma característica, formando, assim, um campo conceptual. A estruturação de uma área especializada não é, entretanto, única em todos os grupos e contextos, tampouco pode ser organizada por consenso. Um domínio pode ser

estruturado a partir de diferentes perspectivas e de concepções diferenciadas.

Com base nessa proposição, iniciamos a leitura do volume um da coleção *Trilhas da Geografia* e procedemos à extração manual dos termos. Observamos que este volume não se organizava em campos de uma mesma área da Geografia, havendo, inclusive, uma diversidade de termos relativos a diferentes campos (indústria, agricultura, pecuária, cartografia, relevo, solo, espaço geográfico, etc.). Tornou-se, então, necessária uma divisão dos termos em dois grandes campos: Geografia física e Geografia humana. A divisão foi realizada com o intuito de facilitar a organização da estrutura conceptual. Mas, ao limitar esses campos, percebemos que alguns termos não se inseriam em nenhum deles, gerando, assim, uma lista de termos que não sabíamos ainda como classificar. Esta dificuldade se deve ao fato de as áreas cognitivas serem, atualmente, estudadas de maneira interativa, pois se considera que o saber exige um entendimento global, que não deve ser compartimentado.

Após extrair cada termo específico da Geografia, o contexto e a fonte da qual o termo foi retirado foram anotados, para que, no futuro, nova consulta possa ser feita com vistas a sua definição.

Neste primeiro volume analisado, foi possível observar que muitos termos encontrados com frequência no manual de Geografia são também empregados em outras áreas, como exemplo Química, Física e Ecologia. Será necessário analisar, ainda, se um termo que se repete em outras áreas apresenta as mesmas definições, ou adquire traços específicos em função da área em que se insere.

Diante desse fato, a questão de peculiaridade terminológica de uma dada área do conhecimento é discutida, assim como a dificuldade de extrair as unidades de significação especializada dos manuais didáticos em análise.

Levando-se em conta o contexto do termo extraído, os manuais didáticos apresentam uma enorme problemática. O contexto não possibilita ao aluno compreender o significado do termo, tampouco autoriza uma inferência. As unidades significativas são, com frequência, apenas citadas nos livros didáticos, não se levando em conta o fato de que o aluno normalmente não dispõe de competência necessária para o manuseio desse material. Como exemplo, transcrevemos o texto abaixo:

Repare no mapa a seguir, que o trópico de Capricórnio atravessa o Sul do estado de São Paulo, o Norte do Paraná e o Mato Grosso do Sul. Quase toda a região Sul está localizada na zona temperada do planeta, mas seu clima é subtropical (*Trilhas da Geografia*, 6^a, p.175).

Observe que todas as unidades grifadas no texto são termos que o aluno deve conhecer para compreender a significação total do fragmento. Se o aluno já esqueceu o significado de algum termo ou se quiser conferi-lo, não encontraria a explicação no manual didático, pois este pressupõe que o aluno já tenha aprendido esses conceitos em outras séries. Citamos as palavras de Costa (1996, p.216):

Para o aluno, a terminologia presente no livro didático é sentida como se fosse uma língua estrangeira, apesar de a sintaxe, a morfologia e de uma parte do léxico dessa “língua” pertencerem à sua língua materna (geral). O desconhecimento do conteúdo semântico de determinados termos contidos nos livros didáticos constitui o chamado “ruído textual”, em que o aluno, embora seja capaz de decorar o significante, não chega a atingir a compreensão

da matéria porque não aprendeu o significado do termo (COSTA, 1996, p.216).

Detectada essa despreocupação com um contexto que atenda às reais necessidades dos alunos, percebeu-se ainda muitos termos já pertencentes ao “mundo” lingüístico do aluno em séries anteriores, ou citados para serem estudados posteriormente, sem qualquer lembrete ou explicação.

Finalizando a análise do volume um do livro *Trilhas da Geografia*, foram colhidos cerca de duzentos termos, incluídos aqueles concernentes à área de Ciências. Os termos foram dispostos nos campos Geografia Física e Geografia Humana.

As observações concernentes a esse volume foram também relevantes para a análise do segundo volume da coleção.

Valendo-se das mesmas formas de extração dos termos do volume um, pôde-se perceber que o discurso especializado manifestou-se de modo mais notório. O número de unidades especializadas no volume dois foi mais significativo ao campo da Geografia Humana.

A apresentação ilustrativa da área trabalhada foi mais perceptível, elucidando o contexto. Estavam presentes no manual didático fotos, mapas, tabelas, gráficos, os quais necessariamente tiveram que ser analisados, pois muitos termos presentes nas ilustrações referiam-se ao contexto procurado. No volume um da coleção, as ilustrações não se referiam aos termos geográficos de forma específica.

Ambos os manuais didáticos apresentaram nomes próprios empregados constantemente na Geografia. Algumas dessas unidades são derivam termos, como por exemplo *Greenwich*, *Mercator*, os quais correspondem aos termos *Meridiano de*

Greenwich e *Mapa-múndi de Mercator*, respectivamente. Outros termos próprios referem-se a entidades específicas de questões geográficas, como *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* e *Lei de Cotas de Imigração*. Tendo em vista que os “os nomes próprios não constem na classificação das unidades de significação especializada, devido ao seu caráter enciclopédico” (Cano, 2001, p.154), é importante incluí-los no projeto a fim de auxiliar o aluno a desenvolver a competência cognitiva concernente a tais termos, já que o projeto maior é a práxis de um dicionário técnico escolar.

Vale salientar que o número de termos compostos por duas ou mais unidades significativas encontradas na análise é farto. Tais termos, no entanto, se não forem explicados satisfatoriamente pelo livro didático ou pelo professor, ocasionam uma incompreensão do assunto, pois em um dicionário de língua geral não se encontram essas unidades, e mesmo que o aluno deparasse com tais termos, a conceptualização dificilmente atenderia a sua necessidade. Exemplos: *produção em série*, *usina termelétrica*, *recurso natural renovável*, *produto interno bruto*, *agricultura de subsistência*, *população economicamente ativa*, *reforma agrária*, *censo demográfico*, *crescimento vegetativo*, *país subdesenvolvido*, *país emergente*, *indústria da seca* etc.

Concluída a análise dos manuais didáticos, dos volumes um e dois, da coleção *Trilhas da Geografia* da Editora Scipione, foram colhidos aproximadamente quatrocentos termos referentes à Geografia Humana, acrescidos de aproximadamente cento e cinquenta termos referentes à Geografia Física. Cada termo está anotado em uma ficha, juntamente com o contexto e a fonte.

Tendo em vista as observações descritas acima, torna-se evidente que, para se compreender a especificidade terminológica de uma dada área do conhecimento, é

necessária a elaboração de dicionários técnicos que resultem numa interação entre a língua materna e língua especializada. Assinala Sager (1993) que

lamentavelmente, a maioria dos estudantes e professores não se dá conta da interação entre as duas linguagens e, conseqüentemente, não prestam suficiente atenção ao delicado equilíbrio que existe entre a língua comum e as linguagens especializadas, responsáveis pela eficiência da aprendizagem e da posterior utilização do conhecimento adquirido na comunicação.(SAGER apud CANO, 2001, p.49)

Finalizada a análise dos quatro manuais didáticos da coleção *Trilhas da Geografia*, observamos que os termos contidos nos manuais das duas primeiras séries (5ª e 6ª) são novamente mencionados, em sua maioria, nas duas últimas séries do ensino fundamental. Expomos os termos em fichas terminológicas, apresentadas no anexo desse trabalho.

Para que pudéssemos inserir os termos em campos do conhecimento, distribuímos-os em três campos: Organização e construção histórica do espaço geográfico; Espaço geográfico e cidadania; Espaço geográfico e globalização, a fim de eliminar as lacunas. Esses campos do conhecimento foram sugeridos pelo próprio manual didático, sendo apenas uma forma de organização conceptual, pois o saber não é fragmentado.

É relevante enfatizar que o prosseguimento dessa pesquisa tem uma intenção pedagógica, a qual auxiliará o aluno na aprendizagem de um conhecimento científico, capaz de discernir a tecnicidade de cada área do conhecimento, além de colocá-lo diante de um número significativo de novos termos que venham a ser compreendidos no final do ensino fundamental.

4.4. A estrutura conceptual

4.4.1 Problemas de classificação dos termos

O livro didático objetiva instigar os alunos a refletirem sobre fenômenos, imagens, textos, depoimentos em uma abordagem crescente a aprofundada do conteúdo. Assim, propõe uma pedagogia facilitadora do processo ensino-aprendizagem, fazendo com que o aluno ao decorrer do processo amadureça o conhecimento, o qual, a princípio, foi apresentado de modo superficial.

Essa abordagem para a fixação das unidades terminológicas pode parecer um caos, pois muitos termos referentes às ciências são apenas citados nos manuais didáticos sem quaisquer comentários.

A Terminologia foca a importância da apreensão do termo para a aprendizagem. Nas áreas de especialidade, a dificuldade de compreensão de unidades terminológicas impossibilita a assimilação do tema.

No entanto, apesar dessa problemática, o ensino rompe com uma metodologia sistemática, apresentando o conhecimento em estrutura espiral, propondo, assim, um estudo menos fragmentado. Portanto, muitos termos científicos repetem-se nas diferentes séries do ensino fundamental, conseqüentemente, no ensino médio.

Diante dessa forma de apresentação do conteúdo no ensino, particularmente no nível fundamental, a elaboração de uma estrutura conceptual que abranja tantos campos do conhecimento acarreta em muita dificuldade. Como já citamos, os manuais didáticos não seguem uma ordem linear de campos temáticos, e nem se preocupam em tratar a

terminologia de maneira diferenciada, manifestado, por conseguinte, o caráter do termo. Este assunto que será tratado em outro item do trabalho.

É fundamental em Terminologia a organização da estrutura conceptual, já que os termos não ocorrem isoladamente, mas se relacionam num interior de um domínio. Entretanto, nos livros didáticos há uma enorme intersecção de áreas do conhecimento. Foram encontrados termos das seguintes áreas (classificação do CNPq).

Ciências Exatas e da Terra

- Movimento da Terra
- Sistema Planetário
- Geociências
- Geologia
- Mineralogia
- Geologia Regional
- Geotectônica
- Geocronologia
- Cartografia Geológica
- Prospecção Mineral
- Sedimentologia
- Geologia Ambiental
- Sensoriamento Remoto
- Cartografia Básica
- Geografia física
- Geomorfologia
- Climatologia Geográfica
- Pedologia
- Hidrogeografia

- Geoecologia
- Geocartografia
- Oceanografia
- Origem das Massas de Água
- Interação do Oceano com o Leito do Mar
- Interação do Oceano com a Atmosfera
- Oceanografia Geológica
- Geomorfologia Submarina
- Sedimentologia Marinha
- Geofísica Marinha
- Geoquímica Marinha

Ciências Agrárias

- Agrometeorologia
- Florestamento e Reflorestamento
- Solos Florestais
- Conservação de Solo e Água

Ciências Sociais Aplicadas

- Crescimento, Flutuações e Planejamento Econômico
- Crescimento e Desenvolvimento Econômico
- Relações de Comércio; Política Comercial; Integração Econômica
- Treinamento e Alocação de Mão-de-Obra; Oferta de Mão-de-Obra e Força de Trabalho
- Sindicatos, Dissídios Coletivos, Relações de Emprego (Empregador/Empregado)
- Demografia Econômica

- Economia Industrial
- Organização Industrial e Estudos Industriais
- Mudança Tecnológica
- Economia do Bem-Estar Social
- Economia Regional e Urbana
- Economia Regional
- Economia Urbana
- Renda e Tributação
- Economias Agrária e dos Recursos Naturais
- Economia Agrária
- Economia dos Recursos Naturais
- História do Urbanismo
- Teoria do Urbanismo
- Planejamento Urbano e Regional
- Teoria do Planejamento Urbano e Regional
- Teoria da Urbanização
- Política Urbana
- Distribuição Espacial
- Distribuição Espacial Geral
- Distribuição Espacial Urbana
- Distribuição Espacial Rural
- Componentes da Dinâmica Demográfica
- Fecundidade
- Mortalidade
- Migração
- Natalidade, Mortalidade, Migração
- Métodos e Técnicas da Demografia Histórica
- Política Pública e População
- Política Populacional
- Políticas de Redistribuição de População

- Políticas de Planejamento Familiar
- Fontes de Dados Demográficos

Ciências Humanas

- Geografia
- Geografia Humana
- Geografia da População
- Geografia Agrária
- Geografia Urbana
- Geografia Econômica
- Geografia Política
- Geografia Regional
- Teoria do Desenvolvimento Regional
- Regionalização
- Análise Regional

Em decorrência da amplitude de campos temáticos, optamos por uma reorganização mais simplificada, descrevendo aqueles diretamente relacionados às unidades extraídas, uma vez que nos concentramos em termos do ensino fundamental.

Ciências Exatas e da Terra

- Cartografia Básica
- Geografia física
- Geomorfologia
- Climatologia Geográfica

Ciências Humanas

- Geografia
- Geografia Humana
- Geografia da População
- Geografia Agrária
- Geografia Urbana
- Geografia Econômica
- Geografia Política
- Geografia Regional

Esta estrutura ainda não nos satisfaz, na medida em que não contempla muitos termos do nosso *corpus*. Além disso, é uma classificação formal e estanque, distante da visão de mundo de um estudante do ensino fundamental. Optamos, então, por utilizar uma estrutura proposta pelos autores da coleção em estudo, que está ancorada nos Parâmetros Curriculares.

4.4.2 O campo conceptual e o livro didático

Entendendo o espaço de vida dos homens como um produto histórico, construído pela sociedade, cresce a importância do ensino da Geografia, na medida em que propicia ao educando, futuro cidadão, o conhecimento crítico da realidade espacial e, com isso, sua participação consciente e responsável no processo social de produção do espaço geográfico. Nesses termos, o ensino da Geografia contribui diretamente para que os alunos venham a ser agentes ativos da construção do espaço.

Ao ver a aprendizagem como um processo pessoal e intransferível, tem-se que cada educando constrói o seu conhecimento, a partir de situações didáticas sugeridas pelo professor. De acordo com a afirmação de que “aprender é (re) construir pela descoberta”, o aluno vai progressivamente construindo o espaço geográfico no plano de sua cognição, isto é, de seu conhecimento.

Em 1976, transgredindo o estudo tradicional, Ives Lacoste sacudiu os pilares da geografia, com o livro “A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”. De acordo com esse geógrafo, a Geografia teria o papel de conhecer e organizar o território e fins ideológicos; dissimular a importância de saber pensar o espaço geográfico. Assim, desde o final do século XIX, aparentemente neutra, a ciência serviu para desvendar, representar e organizar o território submetido a um poder.

Devido à diferenciação entre a lógica da criança e a lógica do adolescente, proposta por Piaget em seus estudos de 1986-1980, é importante que os diversos temas de estudo da Geografia sejam revistos a cada série, de forma cada vez mais abrangente e aprofundada, isto é, em estrutura espiral, com o propósito de auxiliar efetivamente os alunos na construção de conceitos e na assimilação de procedimentos cada vez mais complexos. Sendo assim, seguem os objetivos de estudo da ciência sugeridos por Sene e Moreira (2000, p. 4), buscando uma aprendizagem mais interessante, dinâmica e real.

- Aproximar o discurso geográfico do dia-a-dia dos estudantes;
- Romper com a dicotomia geografia física / geografia humana;
- Discutir novas temáticas (e atualizar as antigas) e incorporar ao nosso instrumental as novas tecnologias que têm surgido com a revolução técnico-científica;

- Somar à nossa linguagem específica – a cartografia – outras linguagens (literatura, poesia, pintura e outras expressões das artes plásticas, música, história em quadrinhos, caricaturas, fotografia, etc.) e os meios de comunicação através dos quais elas são veiculadas (cinema, rádio, televisão, jornal, Internet, etc.), assim como os lugares do cotidiano onde estas manifestações aparecem: a rua, as praças, as exposições, as feiras, etc.;
- Valorizar os conceitos, categorias e procedimentos próprios da nossa disciplina;
- Retomar os conteúdos ao longo da coleção, numa abordagem em espiral, para que os alunos possam fazer novas e mais aprofundadas correlações ao construir seus conceitos e adotar diversos procedimentos e atitudes.

O ensino das ciências humanas engloba muitas áreas do conhecimento. Para que possa haver interação entre essas áreas, é necessária uma nova concepção de aprendizagem. Através do conhecimento interdisciplinar, propor uma visão crítica capaz de nortear suas relações com o meio e assim, responder às necessidades de um mundo globalizado.

Tendo em vista os objetivos da área em questão, ocupar-nos-emos, neste item, de mostrar a estrutura conceptual da Geografia, proposta por Sene & Moreira, autores da coleção Trilhas da Geografia.

- 1- Organização e construção histórica do espaço geográfico
- 2- Espaço geográfico e cidadania
- 3- Espaço geográfico e globalização

Os Parâmetros Curriculares Nacionais salientam que a divisão em campos de conhecimento da sociedade e da natureza tem propiciado um aprofundamento temático de seus objetivos de estudo. Essa divisão é necessária, como recurso didático, para distinguir os elementos sociais ou naturais, mas é artificial, na medida em que o objetivo da Geografia é explicar e compreender as relações entre sociedade e a natureza, e como ocorre a apropriação desta por aquela. Na busca dessa abordagem relacional, a Geografia tem que trabalhar com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais que são característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição. Identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza é um dos seus objetivos (Parâmetros Curriculares Nacionais, p. 109.).

Segundo essa estrutura conceptual, o conteúdo é descrito, observando as seguintes noções. No primeiro campo temático, observar a introdução de conceitos primordiais da geografia, como *paisagem, espaço geográfico, lugar, território*. Apresentam-se, também, procedimentos básicos, a observação, a descrição, a comparação e a representação. Tais atividades ajudam a concretizar os conteúdos abordados e seguidamente relacioná-los com a realidade concreta, permitindo, assim, compreender e atuar o espaço geográfico.

O espaço geográfico materializa um acúmulo desigual de tempos. Portanto, é importante recuperar a história para o entendimento das relações sociais nele realizadas. Assim, é pertinente, observar a evolução das técnicas e do conhecimento científico, a fim de compreender os fenômenos geográficos ao longo da história.

A partir dessas relações iniciais do entendimento da ciência, segue-se uma abordagem mais abstrata com correlações entre os temas. Neste momento, busca o

estímulo pela dinâmica da produção do espaço, dando aos alunos o preparo para que possam acompanhá-la e assumir postura crítica diante dos acontecimentos, valorizando o exercício da cidadania, posicionando-se com relação às questões ambientais, da saúde, do trabalho e do consumo na atualidade.

Finalmente, enfatizar o estudo da Geografia no mundo, tendo em vista as grandes mudanças que estão ocorrendo como resultado dos processos de globalização, de regionalização e de fragmentação. Nesse último estágio, a análise é mais aprofundada e abstrata em relação aos demais campos temáticos.

Assim, acreditamos que uma abordagem mais crítica de lidar com a ciência, como já citamos, abarca um dos objetivos da educação geral, a formação de cidadãos, capazes de compreender as relações entre sociedade e espaço geográfico, transformando-se em pessoas conscientes e integradas ao meio.

4.4.3 Proposta de estrutura conceptual

Neste segmento, importa apresentar o *corpus* analisado nesta pesquisa, distribuído em campos temáticos da área de especialidade.

Os termos estão dispostos em três campos, de acordo com a estrutura conceptual proposta anteriormente. Ao distribuí-los, procuramos averiguar a proximidade das unidades de significação especializada aos respectivos campos temáticos.

1. Organização e construção histórica do espaço geográfico

aerofotogrametria

altitude

astrolábio
atlas
bússola
calendário cósmico
carta sinóptica
carta topográfica
cartas de marear
cartografia
cartógrafo
círculo imaginário
círculo polar
Código de Endereçamento Postal
coordenada geográfica
elipse
Equador
escala
escala de ampliação
escala de redução
escala geológica
escala gráfica
escala numérica
fuso horário
gráfico
guia turístico
hemisfério
hemisfério leste
hemisfério norte
hemisfério oeste
hemisfério sul
horário de verão
latitude
legenda
leste
levantamento topográfico
localização
longitude
lugar
mapa
mapa de altitude
mapa demográfico
mapa digital
mapa econômico
mapa estático
mapa medieval
mapa meteorológico
mapa político
mapa rodoviário
mapa-múndi
mapa-múndi de Mercator
maquete
meridiano
meridiano de Greenwich
meridiano principal
meteorologista
nordeste
noroeste
norte
norte-noroeste
oeste
orientação
paralelo
planejamento urbanístico
planisfério
planta
pólo
ponto cardeal
ponto colateral
ponto de orientação
ponto de referência
ponto subcolateral
projeção arbitrária
projeção azimutal
projeção cartográfica
projeção equivalente
representação cartográfica
rosa-dos-ventos
satélite
satélite artificial
satélite de observação
satélite de telecomunicação
satélite meteorológico
satélite militar
sensoriamento remoto
sudeste
sudoeste
sul
sul-sudeste
trópico
Trópico de Câncer
Trópico de Capricórnio
visão oblíqua
visão vertical

2. Espaço geográfico e cidadania

açude
 adaptação genética
 adensamento populacional
 adolescente
 adubo
 afluxo
 aglomeração
 agricultor
 agricultura
 agricultura de subsistência
 agricultura mecanizada
 agricultura moderna
 agricultura orgânica
 agroindústria
 agronegócio
 agropecuária
 agrotóxico
 água
 analfabetismo
 ar
 aração
 arqueólogo
 assentamento
 aterro sanitário
 atividade agrária
 avicultura
 baixa renda
 biodiversidade
 cafeicultura
 calendário agrícola
 carvão mineral
 censo demográfico
 ciclo vital
 cidadania
 cidadão
 classe média-baixa
 classe social
 colheita
 combustível
 combustível fóssil
 crescimento populacional
 crescimento vegetativo
 criança
 cultura
 democracia racial
 densidade demográfica
 desemprego
 desigualdade social
 deslocamento humano
 distribuição de renda
 ecossistema
 educação fundamental
 elite
 emigração
 emigrante
 emprego
 encortçamento
 energia eólica
 energia geotérmica
 energia solar
 energia térmica
 equilíbrio ambiental
 esfera celeste
 esgoto
 espaço
 espaço geográfico
 Estatuto da Criança e do Adolescente
 estrangeiro
 estrutura etária
 estufa agrícola
 etnia
 etnocentrismo
 etnocídio
 êxodo rural
 expansão horizontal
 expansão urbana
 expectativa de vida
 fazendeiro
 fenômeno natural
 fonte de água quente
 fonte de energia
 fonte de energia alternativa
 fonte de energia não-renovável
 fonte de energia renovável
 forma natural
 fronteira agrícola
 Geografia
 geógrafo
 globo terrestre
 habitante

hidroponia	parque ecológico
humanidade	pastagem pasto
identidade cultural	pecuária
imigração	pecuária extensiva
imigrante	petróleo
impacto ambiental	pirâmides de idades
Impacto social	planeta
inclinação	plano da eclíptica
Índice de Desenvolvimento Humano – IDH	planta
índice de produtividade	planta cultivada
infra-estrutura	plantio
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE	policultura
Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais	poluente
insumo	poluição
irrigação	poluição atmosférica
irrigação artificial	poluição do ar
itinerante	poluição industrial
jazida	poluição sonora
latifúndio	população
lavoura	população absoluta
lavoura permanente	população economicamente ativa
lavoura temporária	população nativa
Lei de Cotas de Imigração	população rural
lugar	população urbana
luz solar	povoamento
manifestação cultural	preservação ambiental
mão-de-obra	problema ambiental
matriz étnica	problema ecológico
mecanização agrícola	problema urbano
meio ambiente	produção agrícola
meio ambiente natural	produto agrícola
migração	produto hortifrutigranjeiro
migração interna	produto tropical
migração pendular	propriedade improdutiva
migrante	propriedade rural
monocultura	quadro demográfico
mortalidade infantil	raça
movimento do planeta	racismo
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - MST	radiatividade
Mundo	raio solar
nação	recenseamento demográfico
natureza	recurso natural
nômade	recurso natural não-renovável
órbitapaisagepaisagem natural	recurso natural renovável
	reforma agrária
	renda per capita
	reservas extrativista

rotação
 saneamento básico
 sedentário
 semeadura
 silvicultura
 sistema solar
 sol
 taxa de analfabetismo
 taxa de mortalidade
 taxa de natalidade
 tempo de vida
 tempo histórico
 terceira idade
 Terra
 terra agricultável
 topônimo
 translação
 universo
 urbanização do campo

3. Espaço geográfico e globalização

Absolutismo
 ação
 Acordo Geral de Tarifas e Comércio
 Acordo Norte-americano de Livre
 Comércio
 aglomeração
 agrovila
 aldeia global
 aldeia global
 apartheid
 apogeu econômico
 Área de Livre Comércio das Américas
 área verde
 Artesanato
 artesão
 Associação das Nações do Sudeste
 Asiático
 atividade econômica
 atividade industrial
 atividade terciária

avanço tecnológico
 avenida
 bairro
 bairro periférico
 bairro residencial
 balança comercial
 Banco Internacional de Reconstrução e
 Desenvolvimento – Banco Mundial
 barão do café
 bem de consumo
 bem de consumo durável
 bem de consumo não-durável
 bem de consumo semidurável
 bem necessário
 bem supérfluo
 bloco econômico
 bloco socialista
 bóia-fria
 cabana
 campo
 campo agrícola
 canalização
 capital
 capitalismo
 capitalismo comercial
 capitalismo financeiro
 capitalismo industrial
 carga tributária
 cartel
 casa de exportação
 centro
 centro administrativo
 centro comercial
 centro financeiro
 centro regional
 centro turístico
 chácara
 cidade
 cidade global
 cidade histórica
 cidade local
 cidade portuária
 cidade-satélite
 coleta seletiva
 colônia
 colonialismo
 colonização

comercialização
comércio
comércio internacional
Comunidade de Desenvolvimento da África Austral
Comunidade dos Estados Independentes - CEI
concentração de renda
concentração industrial
congestionamento
conglomerado
constituição
construção primitiva
consumismo
consumo
continente
conturbação
Cooperação Econômica Ásia-Pacífico
cooperativa
cortiço
crescimento econômico
crescimento urbano
crise econômica
decadência econômica
déficit
democracia
desemprego
desemprego conjuntural
desemprego estrutural
desenvolvimento
desenvolvimento humano
desenvolvimento industrial
desenvolvimento sustentável
desenvolvimento urbano
desenvolvimento zero
dinheiro público
direito social
distrito industrial
ditadura
Divisão Internacional do Trabalho
Doutrina Monroe
economia
economia informal
edificação
edifício
eixo econômico
ejidos
emprego
empresa estatal
empresa privada
energia elétrica
engenharia genética
enxaimel
Equador
escala comercial
espaço geográfico
estação
estação ferroviária
estação rodoviária
estado
estado absolutista
estado federal
estado unitário
Estado-nação
excedente
expansão urbana
exportação
extração
extrativismo
fábrica
faixa litorânea
favela
fazenda
federação
ferrovia
feudalismo
fluxo interno
fluxo intra-regional
fluxo migratório
forma construída
fronteira
fronteira geodésica
fronteira natural
Fundo Monetário Internacional – FMI
Gatt
globalização
globalização da economia
Guerra Fria
hidrovia
holding
imperialismo
importação
imposto
imposto de renda

incentivo fiscal
 incineração
 indústria
 indústria automobilística
 indústria da seca
 indústria de autopeça
 indústria de bem de capital
 indústria de bem de consumo
 indústria de bem de produção
 indústria de transformação
 indústria extrativa
 indústria metalúrgica
 indústria nacional
 indústria siderúrgica
 indústria têxtil
 industrialização
 infra-estrutura
 infra-estrutura
 inovação tecnológica
 isenção fiscal
 jornada de trabalho
 Keynesianismo
 lei de zoneamento urbano
 liberalismo
 litoral
 lixão
 lixo
 lixo nuclear
 lixo urbano
 loteamento
 lucro
 lucro financeiro
 lugar
 lugar turístico
 macrorregião
 mancha urbana
 manufatura
 máquina a vapor
 máquina hidráulica
 matéria-prima
 mecanização
 megacidade
 megalópole
 meio de comunicação de massa
 meio de telecomunicação
 meio urbano
 mercado comum
 Mercado Comum do Sul – Mercosul
 mercado consumidor
 mercado formal
 mercado informal
 mercado interno
 mercadoria
 mercadoria perecível
 metrópole
 metrópole regional
 microrregião
 microrregião homogênea
 mídia
 mineração
 modernização
 monarquia
 monopólio
 monopólio estatal
 multinacional
 mundo
 município
 narcotráfico
 neoliberalismo
 núcleo urbano
 obra viária
 oligopólio
 operário
 orçamento
 Organização das Nações Unidas – ONU
 Organização Internacional do Trabalho
 Organização Mundial de Comércio
 organização não-governamental
 país
 país agrário-exportador
 país desenvolvido
 país emergente
 país industrializado
 país não-industrializado
 país subdesenvolvido
 país subdesenvolvido industrializado
 país urbano
 país urbano-industrial
 paisagem
 paisagem humanizada
 parlamentarismo
 parque industrial
 patrimônio histórico
 periferia

período técnico-científico
 planejamento urbanístico
 Plano de Integração Nacional
 poder de compra
 poder legislativo
 polarização
 pólo
 pólo comercial
 pólo de atração populacional
 pólo industrial
 ponte de fluxo
 ponto de afluxo
 porto
 porto de escoamento
 povoado
 presidencialismo
 Primeira Revolução Industrial
 processo de industrialização
 produção
 produção artesanal
 produção em série
 produção industrial
 produtividade
 produto estrangeiro
 produto importado
 produto industrializado
 produto interno bruto - PIB
 produto não-industrializado
 produto primário
 produto secundário
 produto semi-industrializado
 Programa das Nações Unidas para o
 Desenvolvimento
 província
 queda d'artificial
 recessão econômica
 reciclagem
 rede
 rede de comércio
 rede de produção
 rede de serviço
 rede de transporte
 rede urbana
 reforma urbana
 região
 região central
 região industrial

Região Integrada de Desenvolvimento do
 Entorno
 região metropolitana
 renda per capita
 República
 Revolução Industrial
 robotização
 rodovia
 rodovia pavimentada
 rodovia sem pavimentação
 rua
 salário
 salário mínimo
 Segunda Revolução Industrial
 Segundo Mundo
 sem-terra
 serviço
 serviço privado
 serviço público
 setor de comércio
 setor de serviço
 setor industrial
 Sindicato
 sistema de transporte
 sistema industrial
 sistema viário
 sítio arqueológico
 Socialismo
 subdesenvolvimento
 submoradia
 subproduto
 superávit
 Superintendência de Desenvolvimento do
 Nordeste – Sudene
 tarifa alfandegária
 técnica moderna
 técnica tradicional
 tecnologia
 tecnopolo
 Terceira Revolução
 Terceira Revolução Industrial
 terminal marítimo
 terra devoluta
 terreno
 terreno baldio
 território
 território brasileiro

território municipal	transporte urbano
tombamento	truste
trabalhador	urbanização
trabalhador agrícola	usina hidrelétrica
trabalhador mecânico	usina nuclear
trabalhador subempregado	usina termelétrica
trabalhador temporário	valor agregado
trabalho	vila
trabalho infantil	zona central
transformação artesanal	Zona Franca
trânsito	zona rural
transnacional	zona urbana
transporte	zoneamento urbano
transporte aéreo	
transporte coletivo	

Está é uma primeira proposta de organização conceptual. Na etapa das definições, poderão ocorrer alterações.

4.5. As unidades de significação especializada (USE)

As unidades de significação especializada, objeto de estudo da terminologia, são consideradas unidades portadoras de conhecimento especializado, lingüística ou não lingüística, que ocorrem de modo natural no discurso, caracterizando o seu aspecto comunicativo. São ao mesmo tempo lingüísticas, cognitivas e comunicativas.

Este conjunto de unidades pode ser agrupado da forma que apresentamos a seguir:

1. USE lingüísticas que podem ser:

USE léxicas

- Nominais (UT³)
- Adjetivas
- Verbais
- Adverbiais

USE não léxicas

- Unidades fraseológicas especializadas
- Combinações recorrentes

2. USE não lingüísticas

- Símbolos
- Nomes científicos em latim
- Fórmulas

4.5.1 USE léxicas

As USE léxicas podem ser monoléxicas (constituídas por uma só unidade lexical) e poliléxicas (constituídas por mais de uma unidade).

4.5.1.1 USE monoléxicas

As USE monoléxicas podem ser simples e complexas.

³ UT –unidades terminológicas

a) USE monoléticas simples

nominais: altitude, altas, escala, erosão, paisagem, geografia, meridiano etc.

verbais: exemplos não encontrados em nosso *corpus*

adjetivais: *agreste, poluente, nômade*

adverbiais: *exemplos não encontrados em nosso corpus*

b) USE monoléticas complexas

As USE monoléticas complexas são as unidades derivadas, compostos patronímicos, compostos cultos e siglas.

a) USE monoléticas derivadas:

nominais: *parlamentarismo, capitalismo, desmoroamento, racismo etc.*

verbais: *exemplos não encontrados em nosso corpus*

adjetivais: *exemplos não encontrados em nosso corpus*

adverbiais: *exemplos não encontrados em nosso corpus*

b) USE monoléticas compostas (compostos patronímicos)

matéria-prima, bóia-fria, mão-de-obra

c) USE monoléticas compostas (compostos cultos)

nominais: *microrregião, macrorregião, planisfério, policultura, monocultura, subproduto, submoradia*

verbais: *exemplos não encontrados em nosso corpus*

adjetivais: *exemplos não encontrados em nosso corpus*

adverbiais: *exemplos não encontrados em nosso corpus*

d) Siglas

PIB, IBGE, IDH, Mercosul, FMI, CEI, ONU, Sudene

As unidades de significação monoléxicas são menos comuns em nosso *corpus*, com exceção das USE simples, que aparecem com maior frequência.

4.5.1.2 USE poliléxicas

As unidades de significação especializada poliléxicas são mais constantes no *corpus*. O caráter especializado da USE depende da natureza da unidade integrante.

A estrutura formada por um nome seguido de adjetivo é a mais comum e produtiva no *corpus*. Exemplos.

espaço geográfico, corrente marítima, chuva frontal, crosta terrestre, acidente geográfico, bacia hidrográfica, erupção

vulcânica, fenômeno geológico, intemperismo físico, placa oceânica, poluição atmosférica, recurso natural, impacto ambiental, desemprego estrutural, recenseamento demográfico, recessão econômica etc.

Outra estrutura considerável no *corpus* diz respeito aos segmentos constituídos por unidade da língua geral, portanto, a princípio não USE, mas que, num contexto especializado, resultam em sintagmas terminologizados. Observem-se os exemplos abaixo:

zona central

*Em geral, estão localizados (os cortiços) em regiões desvalorizadas da cidade, muitas vezes em sua **zona central**.* (TG1-121)⁴

zona urbana

*O prefeito e os vereadores são eleitos pelos habitantes aptos a votar, tanto os residentes na **zona urbana** quanto os da zona rural do município.*(TG1-104)

balança comercial

*O resultado do comércio entre países chama-se **balança comercial** e pode apresentar um saldo positivo (superávit), quando o valor das exportações supera o das importações, ou negativo (déficit), quando o valor das importações supera o das exportações.* (TG3-143)

economia informal

*Nos países subdesenvolvidos, os números do setor de serviços costumam esconder a participação da **economia informal** e do subemprego, quase sempre elevados.* (TG3-141)

⁴ Fonte de extração (Trilhas da Geografia, v.1, p.121)

atividade terciária

140) *Estas pessoas estão prestando serviços- trata-se de **atividades terciárias**. (TG3-*

agricultura moderna

*Nas propriedades onde se pratica **agricultura moderna**, utilizam-se adubos, sementes selecionadas, tratores, agrotóxicos para controlar as pragas e doenças, e também sistema de irrigação. (TG1-174)*

Após analisar os contextos e a estrutura conceptual em que estão inseridos, em todos os casos estamos diante de unidades de significação especializada.

Encontra-se também estrutura constituída por nome mais sintagma preposicionado. Essa formação, segundo Èstopa(1996), tem menos força lexicalizadora, portanto, a unidade léxica resultante pode ser ou não um termo. Seguem-se exemplos de USE.

escala de ampliação, escala de redução, meridiano de Greenwich, chuva de convecção, curso do rio, massa de ar, Mata dos cocais, umidade de ar, zona da mata, agente de erosão, camada de rocha, deriva dos continentes, deslocamento de placa, taxa de mortalidade.

4.5.1.3 Estruturas mais complexas

No *corpus*, em reduzido número, encontramos unidades terminológicas constituídas por mais de um complemento.

mapa-múndi de Mercator, rocha recém exposta, solo arenoso-sedimentar, fonte de energia alternativa, fonte de energia não-renovável, fonte de energia renovável, população economicamente ativa etc.

Os sintagmas terminológicos formados por três ou mais unidades dificultam a determinação do grau de lexicalização. A partir da elaboração da estrutura conceptual é possível determinar com mais segurança o caráter da USE.

4.5.2 USE não lingüísticas

Não vemos a necessidade de relacionar as unidades de significação especializada de natureza não lingüística, que são os símbolos e as fórmulas. O nosso *corpus* de extração demonstra que são raros e geralmente citados aleatoriamente pelos autores, mais a título de exemplo, por isso não mencionamos na listagem tais termos.

Este item teve por finalidade uma abordagem lingüístico-pragmática sobre a apresentação de unidades de significação especializada encontrada no nosso *corpus*.

Vimos que as USEs possuem natureza lingüística e não lingüística e que as lingüísticas podem ser léxicas e não-léxicas.

Reconhecemos, enfim, que a tarefa de colocação de unidades especializadas em dicionários de cunho escolar é difícil e os estudos teóricos para esse fim é escasso.

CAPÍTULO V DEFINIÇÃO DAS USE E INSERÇÃO EM DICIONÁRIOS

5.1 A definição

As definições devem veicular as informações necessárias para a total compreensão do conteúdo semântico-conceptual da entrada, pois através da definição, nota(m)-se a(s) particularidade(s) que distingue(m) uma unidade léxica de outra. Lorente apud Cano (2001, p.175) resume a definição:

La definición (...) consiste em uma redacción simple que puede situar um significado dentro de una categoría más amplia y puede reflejar las características básicas para que, por la experiencia o por el conocimiento adquirido, podamos aprehenderlo, podamos relacionarlo com algún referente, o podamos identificarlo frente a otros significados de la lengua (LORENTE apud CANO, 2001, p.175).

Segundo Barros, não existe uma definição válida para dois dicionários, uma vez que a cada tipo de obra correspondem algumas características específicas que determinam o conteúdo e a organização do enunciado definicional (Barros, 2004, p.159).

Sabe-se da complexidade e importância desse tema para a elaboração de dicionários. A definição é o elemento-base para a compreensão e entendimento de um vocábulo.

No âmbito deste trabalho, procuraremos mostrar os problemas da definição em dicionários de língua geral e de especialidade ao abordar termos técnicos e sua ineficácia aos consulentes.

Barros(2004, p.159) descreve três tipos fundamentais de definição, os quais condizem com os tipos básicos de obras lexicográficas e terminográficas (o dicionário de língua, a enciclopédia e o dicionário terminológico):

- a) definições lexicográficas caracterizam-se pela predominância de informações lingüísticas, tratando mais de “palavras”;
- b) definições enciclopédicas se ocupam mais de referentes e de descrições de “coisas”;
- c) definições terminológicas trazem, predominantemente, conhecimentos formais sobre “coisas” e fenômenos (FINATTO, 2001b, p.120).

Definições, na condição de textos particularizados, identificam facetas decompreensão de fenômenos e de determinados valores no seio de diferentes ciências e áreas do conhecimento [...], pelo exame cuidadoso de um conjunto de definições de ciência, torna-se possível uma percepção sobre o quanto de um conhecimento está sendo mobilizado e sobre como esse conhecimento pode ser multidimensional (KRIEGER e FINATTO, 2004,p.92).

Para um dicionário de língua, as informações veiculadas são de natureza lingüística, tendo em vista o sistema lingüístico ao qual as unidades pertencem. No verbete do dicionário devem constar todas as acepções da unidade lexical; assim, são muitas vezes longos, por distinguirem o significado da palavra em sentido geral, específicos, além de identificá-la como parte de uma expressão idiomática.

O verbete abaixo é um exemplo de definição de unidade lexical em dicionário de língua, retirado do Dicionário Eletrônico Aurélio.

Geografia

[Do gr. *geographía*.] S. f.

1. Ciência que tem por objeto a descrição da superfície da Terra, o estudo dos seus acidentes físicos, climas, solos e vegetações, e das relações entre o meio natural e os grupos.
2. Tratado ou compêndio relativo a tal ciência.
3. Exemplar de um desses tratados ou compêndios.

Geografia astronômica. Astr.

1. V. astronomia elementar.

Geografia econômica.

1. Ramo da geografia que estuda os recursos do solo e do subsolo, e a distribuição, produção e consumo deles.

Geografia física.

1. Ramo da geografia que estuda a superfície da Terra em seu aspecto atual; fisiografia.

Geografia humana.

1. Ramo da geografia que trata de todos os feitos terrestres resultantes da atividade do homem; antropogeografia.

Geografia lingüística. E. Ling.

1. Metodologia originada nos estudos histórico-comparativos do séc. XIX, e que vê na evolução diacrônica e no distanciamento espacial entre os falantes as causas das diferenças lingüísticas.
2. Dialetoлогия.

Geografia matemática. Astr.

1. V. astronomia elementar.

Geografia política.

1. Ramo da geografia que trata do Estado em suas íntimas relações com o meio; geopolítica.

O verbete *geografia* apresenta a unidade lexical como termo da língua geral e as subentradas poliléxicas ora marcadas como USE, ora não.

Um exemplo indispensável para descrever a relevância de uma definição clara e compreensível para o consulente é a USE *geografia*, que, sem dúvida, é um termo de especialidade. Para o aluno do ensino fundamental, a definição é hermética, uma vez que os consulentes não dispõem de conhecimento para entender a descrição feita.

Um exemplo de descrição da unidade lexical de acordo com os sentidos particulares que adquirem dentro de domínios de especialidade é o que se segue:

Longitude

[Do lat. longitudine.]S. f.

1. Distância, lonjura.
2. Astr. Ângulo polar, em um plano fundamental orientado, contado de uma origem arbitrária até à projeção de um ponto da esfera celeste sobre esse plano.
3. Geom. Anal. Num sistema de coordenadas cilíndricas ou esféricas, o ângulo que um plano meridiano faz com o plano inicial.
4. Geogr. Na esfera terrestre, arco do equador terrestre compreendido entre o meridiano que passa pelo observatório astronômico de Greenwich (subúrbio de Londres) e o meridiano que passa pelo observador; longitude terrestre.

Longitude areocêntrica. Astr.

1. Longitude de um astro, ou de um ponto da superfície de Marte, em relação ao centro desse planeta.

Longitude areográfica. Astr.

1. Longitude de um ponto da superfície de Marte em relação ao disco aparente desse planeta.

Longitude celeste. Astron.

1. Na esfera celeste, arco do equador compreendido entre o ponto vernal e o meridiano celeste que passa por determinado astro.

Longitude do nodo ascendente. Astr.

1. Elemento da órbita de um astro, correspondente à distância angular do ponto vernal medida no plano fundamental (eclíptica ou equador) até o ponto de interseção com o plano da órbita, em que o astro passa do hemisfério sul para o norte.

Longitude do periastro. Astr.

1. Soma do ângulo no plano fundamental, entre o ponto vernal e a linha dos nodos, e do ângulo no plano da órbita, entre a linha dos nodos e a linha dos apsides, medido na direção do movimento do astro na sua órbita.

Longitude eclíptica. Astr.

1. Ângulo diedro entre o plano que contém o eixo perpendicular ao plano da eclíptica mais um dado ponto da esfera celeste, e um plano de referência que passa por aquele eixo.

Longitude eclíptica geocêntrica. Astr.

1. Longitude eclíptica de um ponto da esfera celeste, referida ao centro da Terra. [Tb. se diz apenas longitude geocêntrica (q. v.).]

Longitude eclíptica heliocêntrica. Astr.

1. Longitude eclíptica de um ponto da esfera celeste, referida ao centro do Sol. [Tb. se diz apenas longitude heliocêntrica (q. v.).]

Longitude geocêntrica. Astr.

1 Longitude eclíptica geocêntrica.

Longitude heliocêntrica. Astr.

1. Longitude eclíptica heliocêntrica.

Longitude hermocêntrica. Astr.

1. Longitude de um astro, ou de um ponto na superfície de Mercúrio, em relação ao centro desse planeta.

Longitude hermográfica. Astr.

1. Longitude de um ponto da superfície de Mercúrio, em relação ao disco aparente desse planeta.

Longitude planetocêntrica. Astr.

1. Longitude de um astro, ou de um ponto da superfície de um planeta, em relação ao centro desse planeta.

Longitude planetográfica. Astr.

1. Longitude de um ponto na superfície de um planeta, em relação a um sistema de coordenadas ligado ao disco aparente desse planeta.

Longitude selenocêntrica. Astr.

1. Longitude de um astro, ou de um ponto da superfície lunar, em relação ao centro da Lua.

Longitude selenográfica. Astr.

1. Longitude de um ponto da superfície lunar, em relação ao disco aparente da Lua.

Longitude terrestre. Geogr.

1. Longitude (4).

Como podemos ver, o verbete acima descreve longitude como unidade terminológica que possui conteúdo conceptual dentro do domínio específico Geografia. No entanto, um aluno do ensino fundamental ao consultar tal verbete, não conseguirá usar a definição do dicionário em uma situação real de conhecimento. A linguagem usada ao definir o termo é incompreensível e, às vezes ilegível, pela complexidade discursiva.

Saliente-se que muitas das unidades de especialidade em análise são apresentadas no dicionário Aurélio como subentradas, dificultando encontrar o termo, pois muitos alunos não compreendem como o dicionário pode indicar seus verbetes, seja como entrada ou subentrada; portanto, não os encontram.

Observe o termo:

Bacia sedimentar

Bacia

[Do lat. tard. *baccea*, pelo fr. ant. *bassie*, poss.]S. f.

1. Vaso redondo, de bordas largas, geralmente raso, de louça, metal, plástico, etc., próprio para lavagens. [Dim. irreg.: *bacineta*.]
2. Caldeira usada nas confeitarias para torrar amêndoas, castanhas-do-pará, etc.
3. Fogareiro, braseiro.
4. V. urinol (1).
5. Salva ou bandeja: 2
6. Prato de balança.
7. Peça de metal em cuja concavidade se encontra o puxador de algumas campainhas.
8. Designação geral das depressões de um terreno.
9. Depressão de terreno rodeada de montes.
10. Conjunto de vertentes que margeiam rio ou mar interior.
11. Pedra na qual o peitoril do púlpito se firma; *bacia de púlpito*.
12. Anat. Porção inferior do esqueleto do tronco, limitada, anterior e lateralmente, pelos ossos ilíacos, e, posteriormente, pelo sacro e pelo cóccix; *pelve*.
13. Ecles. Nas igrejas, prato onde se depositam esmolas: 2
14. Bras. Circo onde se realizam brigas de galo.
15. Bras. BA V. caldeirão (6).

Bacia de afundamento. Bras. BA Geol.

1. Depressão de origem tectônica.

Bacia de captação. Geol.

1. *Bacia de recepção*.

Bacia de drenagem. Geogr.

1. V. *bacia fluvial*.

Bacia de janela. Arquit.

1. Pedra que serve de piso, nas janelas ou portas de sacada.

Bacia de púlpite. Arquit.

1 Bacia (11).

Bacia de recepção. Geogr.

1. Depressão do terreno, afunilada, onde as águas de escoamento superficial se acumulam, dando origem às torrentes; bacia de captação.

Bacia de subsidência. Geol.

1. Área de subsidência.

Bacia estrutural. Geol.

1. Depressão do terreno correlacionada com sua estrutura geológica.

Bacia fluvial. Geogr.

1. O conjunto das terras drenadas por um rio e por seus afluentes; bacia de drenagem, bacia hidrográfica.

Bacia hidrográfica. Geogr.

1. V. bacia fluvial.

Bacia oceânica. Ocean.

1 Extensa depressão do fundo, que encerra um oceano ou grande porção de oceano.

Bacia sanitária.

1. Vaso sanitário.

Bacia sedimentar. Geol.

1. Depressão do terreno na qual se acumulam detritos transportados por águas correntes e por enxurradas, ou depositados em período de lento rebaixamento.

Bacia submarina. Ocean.

1. Depressão no fundo do oceano.

Bacia tectônica. Geol.

1. Depressão do terreno causada por um diastrofismo, na qual se acumulam detritos provenientes das regiões vizinhas.

Bacia terminal. Geogr.

1. Depressão do terreno tomada pelo gelo e circundada por colinas morênicas.

Na bacia das almas. Bras. Pop. Fig.

1. Demasiadamente barato [v. bacia (13)] : 2 2

O verbete acima, como se observa, é subentrada da palavra *bacia*, a qual é um exemplo de definição polissêmica em dicionário de língua. Mas não é definida com rubrica referente à área em estudo. Isso faria o aluno pensar em averiguar os termos *bacia* e *sedimentar* separadamente para formular a sua própria definição e, conseqüentemente, cometeria um grande equívoco. Veja:

Bacia

- 8 Designação geral das depressões de um terreno.
- 9. Depressão de terreno rodeada de montes.
- 10. Conjunto de vertentes que margeiam rio ou mar interior.

Sedimentar

sedimentar1 [De sedimento + -ar1.] Adj. 2 g.

- 1. Resultante de processo de sedimentação; sedimentário, sedimentoso. ~ V. *bacia* -- e *rocha* --.

sedimentar2

[De sedimento + -ar2.] V. int.

- 1. Formar sedimentos.
- 2. Fig. Tornar estável; dar sedimento a; consolidar: 2
[Fut. pret.: *sedimentaria*, etc. Cf. *sedimentária*, fem. de *sedimentário*.]

Ao unir os termos *bacia* e *sedimentar*, o aluno não conseguiria lidar com as palavras, a fim de elaborar uma definição que lhe pudesse auxiliar em algum momento na aquisição do conhecimento.

Importante registrar que poucos alunos encontrariam o verbete *bacia sedimentar* como subentrada, pois ainda, o trabalho com o dicionário nas escolas é lento e, infelizmente, quando falamos em dicionário, os estudantes utilizam apenas minidicionários, os quais restringem ainda mais o conhecimento. Estes dicionários

difícilmente trazem subentendidas em seus verbetes e, sendo unidade de especialidade, a indicação é quase nula.

Mesmo encontrada a USE bacia sedimentar, a definição para o aluno incipiente no estudo de especialidade não seria compreensível com exatidão. As definições dos dicionários de língua geral em relação às USEs são complexas e não muito objetivas, o que dificulta o enunciado definitório.

Muitas das considerações observadas a partir da definição que aparece em dicionários de língua registra a arduidade na elaboração de definição, o que justifica as controvérsias sobre sua formulação.

Enquanto um dicionário de língua procura apresentar de forma exhaustiva todos os sentidos da unidade lexical dentro de um sistema lingüístico, uma obra terminográfica se atém exclusivamente ao conteúdo específico de um termo em um dado domínio. As informações contidas no verbete de um dicionário terminológico são frutos do recorte do conteúdo da unidade lingüística, descrita em suas particularidades dentro de um campo específico (BARROS, 2004, p. 161).

Finatto aborda a questão da definição terminológica (DT) de maneira muito objetiva e interessante, atentando para o dinamismo na produção de dicionários. “A DT é, enfim, a voz de alguém e a voz de uma área do conhecimento, e esse é um dos rumos mais importantes que seu estudo pode tomar. Nessa direção, é importante não perder de vista a situação e o papel da definição”(FINATTO, 2001b, p.129).

No dicionário de Geografia da Editora Melhoramentos, as definições aparecem menos complexas em relação ao dicionário Aurélio. Nota-se que informações supérfluas e comentários são apresentados em alguns termos. As formulações dos autores deixam a

desejar, por não expressar o saber de modo claro e objetivo, impedindo, assim, a produção de conhecimento.

Os verbetes a seguir, retirados do dicionário de Geografia, ilustram alguns dos problemas da definição terminológica em dicionários especializados.

- 1 *Geografia sf De acordo com Pierre George, geógrafo francês, “a Geografia, definida como ‘ciência humana’, tem por objeto de estudo global e diferencial de tudo o que condiciona e interessa à vida das diversas coletividades humanas que constituem a população do globo”. A Geografia em tempos passados limitava-se à “descrição da Terra”, e só recentemente, no século XIX, tornou-se uma ciência, passando a ter um caráter analítico e interpretativo. A Ciência Geográfica encontra na interdisciplinaridade, no estudo com as ciências afins, isto é, as Ciências Físicas Naturais e as Ciências Humanas e Sociais, subsídios para descrever e explicar os fatos que ocorrem no espaço geográfico. Dessa forma, encontramos na Ciência Geográfica, considerada “ciência de síntese”, divisões, subdivisões e ramos intermediários. Para fins didáticos, temos: Cartografia, Topografia, Biogeografia, Geomorfologia, Recursos Naturais, Ecologia, Geografia da População, Geopolítica, Geografia Urbana, Geografia Econômica, Geografia Agrária, Geografia das Indústrias, Geografia do Comércio, Geografia dos Transportes, Geografia da Circulação, Geografia da Energia, entre outras.*
2. *Longitude sf Distância medida em graus de um ponto qualquer da superfície da Terra ao meridiano de Greenwich ou meridiano principal (também chamado de meridiano de origem). A longitude é medida de 0° a 180° a leste e oeste do meridiano de Greenwich. V. coordenada geográfica; fuso horário.*
3. *Localização sf Posição, local onde determinado elemento está situado. Segundo Milton Santos, não se deve confundir lugar e localização, pois “o lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. O lugar é o objeto ou conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar”.*
4. *Metrópole regional sf Centro urbano que, pelo volume e importância das atividades econômicas e culturais, número de habitantes, etc., ocupa papel polarizador, exercendo influência nas redes urbanas da região em que se situa. Exemplos de metrópoles no Brasil: Recife, Salvador, Belém, Porto Alegre.*

5. *Metrópole internacional sf* *Metrópole que concentra os interesses empresariais hegemônicos, seus núcleos dirigentes com poder decisório e que, pelo volume, importância e especialização de suas atividades econômicas, políticas e culturais, tem projeção internacional, exercendo sua influência em todos os países.* Ex. Noa York, Paris e Tóquio.
6. *Pastagem sf* *Terá coberta de vegetação própria para o pasto de animais, como bois, cabras e ovelhas.*
7. *Superávit sm Saldo Positivo.* Valor excedente, positivo, em um balanço, orçamento, conta, etc. O oposto de déficit.
8. *Taxa de mortalidade sf* *Relação entre o número de óbitos por ano e a população absoluta de uma determinada localidade, cidade, região ou país. Fórmula: Taxa de mortalidade = $\frac{n^{\circ} \text{ óbitos} \times 1000}{\text{população absoluta}}$ % (por mil)*
9. *Zona franca sf* *Área territorial e administrativa onde se permite a o livre comércio, isento de taxas alfandegárias e impostos em geral, dentro de determinado limite de compras estabelecido pelas autoridades. Área delimitada pelos governos em que os produtos importados de diferentes países podem ser comercializados com isenção de taxas e impostos alfandegários. O objetivo consiste em estimular as trocas comerciais, em certos casos para acelerar o desenvolvimento regional. Entre os países que possuem zonas francas estão: EUA(Nova York, San Francisco, Seattle, Toledo, e Honolulu); Porto Rico(Mayagüez); Alemanha (Hamburgo); França (Marselha); Hong Kong; Cingapura (Cingapura); Colômbia (Barranquilla); Panamá (Colón); Paraguai (Ciudad del Este) e Brasil (Manaus). A Zona Franca de Manaus foi criada em 1967 e é fiscalizada pela SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus. As várias empresas instaladas na região se beneficiaram das facilidades de importação e exportação de peças e equipamentos. V. aduana, alfândega.*
10. *Rocha intrusiva sf* *Rocha plutônica e ígnea que contém cristais cuja consolidação ocorre dentro de uma rocha extrusiva pela compressão e penetração do material fundido em rochas sólidas pré-existentes da crosta terrestre. V. intrusão.*

As definições acima mostram as lacunas e deficiências na formulação de conteúdos definitórios para o público em geral. Adverti-se para o fato de que dicionários técnicos são

consultados apenas por pessoas que já possuem um conhecimento da área, buscando-o somente a fim de abolir as incertezas. Na verdade, pensar dessa maneira é enganar-se completamente, tendo em vista a propagação, dinamicidade e divulgação da linguagem diante de fatos científicos.

Assim, cabe ao terminólogo na elaboração das definições e dos dicionários terminológicos mediar a linguagem, buscando atingir os objetivos propostos na apresentação do dicionário, como destaca Finatto:

[...] no papel de mediadores de comunicação, tenhamos em vista a necessidade de harmonizar seu [da definição] “desenho” com a configuração de uma área de conhecimento que não se fecha em si mesma, mas que se propõe a ser acessada por um usuário. Geralmente possuidor de nível médio de conhecimentos, esse usuário não é um incipiente-quase-leigo, nem uma autoridade no assunto em foco. Afinal, dicionários terminológicos tendem ser utilizados mais por profissionais de especialização baixa e mediana, por tradutores e técnicos de áreas afins.(FINATTO,2001b:128)

5.2 O dicionário de língua geral

As obras lexicográficas registram as unidades léxicas ratificadas pela sociedade. Como afirma Lara (1992, p. 20), “o dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma de suas mais importantes instituições simbólicas”.

O dicionário é um produto cultural que manifesta, de certo modo, o conhecimento do universo. Como este conhecimento não é estável, mas um processo de atos da realidade, o dicionário é uma obra aberta que representa a memória coletiva de uma época.

A partir da conceituação acima, o dicionário é uma obra histórico-cultural. Tendo em vista os estudos de Orlandi (1999), os quais procuram compreender a língua fazendo sentido, o dicionário é um texto e pode ser analisado discursivamente.

Apesar da relevância de obras lexicográficas, como os dicionários de língua geral, estes são vistos como obras de difícil acesso ao nosso público-alvo, por apresentarem lacunas quanto à macroestrutura e à microestrutura. Ademais, são obras de grande volume, de difícil manuseio em salas de aulas.

No tocante aos tecnicismos, as definições não são adequadas ao público leigo, uma vez que são elaboradas por especialistas de cada área do conhecimento e não havendo a preocupação em adaptar a linguagem para esse público.

5.2.1 O dicionário Aurélio

A aquisição do saber domina a sociedade moderna. O universo lexical da contemporaneidade registra uma expansão léxica, oriunda da constante e intensa produção científica e tecnológica. Sabemos que o dicionário é o acervo dessas novas descobertas, representando o patrimônio cultural e histórico da sociedade. Mas, como delimitar as unidades terminológicas em um dicionário de língua geral?

Ao observar a ampla criação de novos termos oriundos da evolução tecnocientífica, o dicionário depara-se com a falta de critérios quanto às marcas temáticas.

Definir termos que pertencem à linguagem geral ou à linguagem especializada torna-se bastante problemático, uma vez que termos específicos de uma área de especialidade têm influência na vida da sociedade. No entanto, as unidades especializadas

a uma determinada área do conhecimento apresentam significação distinta daquela atribuída à linguagem geral. Efetivamente, as definições de tais termos são lacunares frente à área de especialidade. Dessa forma, questionamos a relevância das unidades especializadas em um dicionário geral.

Strehler (2001, p. 174) ao tratar do assunto, apresenta a seguinte definição: “As marcas de uso caracterizam as palavras que fogem, sob certos aspectos, ao uso corriqueiro, normal, da língua de uma comunidade lingüística”.

A partir da definição acima, podemos observar que há um desligamento entre a linguagem geral e a especializada. Para averiguar esse fato, montamos um *corpus* com verbetes colhidos do dicionário *Aurélio século XXI* na versão eletrônica.

Este estudo propõe-se verificar a rubrica Geografia, tendo sido escolhidos para análise termos específicos da Geografia. Este recorte deve-se à amplitude de termos de tal disciplina, como Cartografia, Geografia Física, Geografia Humana, Agricultura, Pecuária etc.

O trabalho que ora apresentamos também focalizará um estudo comparativo do *corpus* eletrônico colhido e o *corpus* extraído do manual didático. Este último foi extraído da coleção *Trilhas da Geografia* da Editora Scipione, e sua análise buscará refletir a respeito das rubricas e dos termos presentes na coleção e não encontrados no dicionário.

Vale salientar que os termos técnicos não são exatos e nem se definem tão bem como comumente se crê ou como previam ser, para que a terminologia pudesse cumprir sua missão de instrumento de comunicação. Isto ocorre em relação a termos que têm significação específica de acordo com a disciplina em que se inserem.

Por exemplo, o termo *metrópole*, no Aurélio traz a marca *urbanismo* e é definido como: *Urb. A principal cidade que exerce influência funcional, econômica e social sobre as cidades menores de uma região metropolitana* Já em Geografia, de acordo os contextos, o mesmo termo tem uma importância em relação ao desenvolvimento social frente ao espaço geográfico, o que não é registrado no Aurélio.

No presente estudo, examinamos a rubrica Geografia com o objetivo de verificar as lacunas existentes quanto à marca de uso. Selecionamos para esta análise, no dicionário eletrônico, a rubrica *geografia*. Como resultado encontramos 81 termos específicos da área, considerando-se as entradas.

Embora nos propuséssemos a limitar nosso estudo nessa rubrica, fomos verificar por curiosidade outras rubricas que poderiam ter alguma relação direta ou indireta com a rubrica em primeira análise.

Vimos que no dicionário há uma ênfase à Geografia Física. No entanto, questiona-se: Qual a razão de enfatizar uma área do conhecimento e não a outra? Há termos mais relevantes que devem ser selecionados? Qual o critério de relevância?

Observamos, ainda, que havia a presença de traços semânticos entre algumas rubricas e a rubrica geografia.

O dicionário ainda retrata o conhecimento de maneira muito fragmentada, não propondo uma relação entre os temas das ciências. Há Geografia Física propriamente dita nos dias atuais? A esse questionamento reforçamos a presença ativa do homem na produção de conhecimento.

Assim, objetivando uma melhor confirmação do fato, verificamos as rubricas do *Dicionário Aurélio* e encontramos o seguinte resultado, considerando as entradas.

1. Agricultura: 18 termos

2. Demografia: 5 termos
3. Urbanismo: 46 termos
4. Cartografia: 3 termos
5. Geofísica: 111 termos
6. Geografia Política: 1 termo
7. Geologia: 386 termos
8. Cosmologia: 36 termos

Vale ressaltar que, neste resultado, alguns termos fazem referência a duas rubricas que são passíveis de crítica.

periferia. Urb. Bras. Numa cidade, a região mais afastada do centro urbano, em geral carente em infra-estrutura e serviços urbanos, e que abriga os setores de baixa renda da população.

O termo *periferia* é encontrado com a rubrica *Urb.* No entanto, para a Geografia, este termo tem um papel considerável, uma vez que, estando diante de problemas sociais, econômicos, estruturais, a cidade vai formando centros urbanos que carecem de condições sociais e infra-estrutura. Esses centros são responsáveis pelo fator de subdesenvolvimento.

Algumas entradas não possuem rubricas, embora estas sejam citadas nas subentradas.

Taxa: sem rubrica

- *Taxa de atividade: demogr.*

- *Taxa de fecundidade: demogr.*
- *Taxa bruta de mortalidade: demogr.*

Sendo um dicionário de língua geral, o consulente, ao utilizá-lo, tenta resolver suas dúvidas quanto à significação do termo, mas há vários empecilhos, como as subentradas e a opacidade das definições.

Microrregião. S.f. Geogr.

1. *Subdivisão de uma região natural.*

Agrovila . s.f. Bras. Neol.

1. *Núcleo de povoamento, com serviços integrados de comunidade, planejado e construído para abrigo e prestação de assistência aos construtores de estradas de penetração e a suas famílias.*

A partir dos exemplos acima, observamos que a definição no dicionário nem sempre está ao alcance da compreensão de um falante comum. Isto provoca no consulente uma resistência ao conhecimento científico, uma vez que a linguagem utilizada não permite uma relação explícita entre consulente / dicionário.

Depois de analisar a rubrica geografia no dicionário *Aurélio*, passaremos a um estudo do *corpus* extraído da coleção *Trilhas da Geografia*, para refletirmos comparativamente a respeito das rubricas e dos termos presentes na coleção e não encontrados no dicionário.

O trabalho com o *corpus* da coleção teve todos os termos analisados, com o intuito de registrar as lacunas existentes no dicionário, em especial quanto aos termos que fazem referência às linguagens especializadas.

Alguns termos, ao serem mencionados pelo dicionário, deixam-nos perplexos frente à falta de critérios. O problema maior refere-se às unidades complexas, as quais com extrema frequência não são aludidas.

Fazendo um diagnóstico do material didático, podemos relatar que, para o consulente, um número enorme de termos não é passível de ser consultado, uma vez que as unidades complexas são comuns e o dicionário dificilmente as considera. Os termos a seguir, por exemplo, não constam no dicionário Aurélio..

1. *Aldeia global*
2. *Crescimento populacional*
3. *Crescimento vegetativo*
4. *Crescimento urbano*
5. *Crise econômica*
6. *Classe social*
7. *Coleta seletiva*
8. *Desenvolvimento zero*
9. *Desenvolvimento industrial*
10. *Densidade demográfica*

A ausência de tais termos impossibilita ao consulente fazer uma pesquisa com êxito. Pela análise feita, possivelmente os termos não citados são caracterizados como unidades simples adjetivadas, o que parece não modificar o sentido do substantivo.

Mas, para comprovar que este fato é uma quimera, fomos ao *Aurélio* para verificar:

1. Aldeia s.f

1. Pequena povoação, de categoria inferior a vila; povoação rústica; povoado.

2. Global Adj. 2 g.

2. Relativo ou pertencente ao globo terrestre.

3. Desenvolvimento S. m.

1. Ato ou efeito de desenvolver(-se); desenvolvimento.

3. Adiantamento, crescimento, aumento, progresso.

4. Zero S. m.

2. Algarismo representativo do número zero (0).

4. Alg. Elemento que, somado a outro, reproduz este outro; a identidade da operação de soma.

Para a ciência em análise, o termo *aldeia global* não se define pela análise das unidades simples simultaneamente. Quanto à lexia *desenvolvimento zero*, os termos analisados separadamente não têm sentido em relação à unidade complexa.

Os termos *classe-média*, *classe média-baixa*, *classe social* retratados na coleção *Trilhas da Geografia* são problemáticos neste dicionário. O termo *classe-média* aparece como subentrada de classe, mas *classe média-baixa* e *classe social* não são mencionados. Além disso, o termo *classe* e *classe-média* não trazem a rubrica.

Outro exemplo de entradas e subentradas problemáticas é o termo *desenvolvimento*. A entrada *desenvolvimento* aparece com a rubrica *econ.*, mas as subentradas *desenvolvimento econômico*, *desenvolvimento sustentável* e *em desenvolvimento* estão sem rubrica. Já os termos *desenvolvimento humano*, *desenvolvimento industrial*, *desenvolvimento urbano* e *desenvolvimento zero* não são sequer mencionados.

É relevante considerar que algumas subentradas que fazem referência à linguagem de especialidade das Ciências Exatas (física, química etc.) são citadas em maior número no dicionário. Assim, indagamos se o conhecimento esbarra em prestígio, pois na entrada *densidade (demogr.)* encontram-se as subentradas *densidade relativa (fis.)* e *densidade eletrônica (quim.)*; porém o termo *densidade demográfica*, que deveria aparecer com a rubrica *geogr.* ou *demogr.*, não é citado.

Interessou-me atentar para os verbetes *etnocentrismo* e *etnia*. Ambos têm a mesma etimologia *etn*, no entanto, são mencionados diferentemente. O termo *etnia* com a rubrica *antrop.* e *etnocentrismo* sem rubrica. Mas, afinal, o que os difere?

Outro menção relevante são os verbetes *estação ferroviária* e *estação rodoviária*. Eles deveriam aparecer como subentradas, mas somente a subentrada *estação rodoviária* é encontrada, não aludindo a nenhuma rubrica.

Barros (2000), ao examinar o dicionário como um discurso, acredita poder mostrar o universo semântico-cultural destacado pelo dicionário, bem como estabelecer os

efeitos de sentido. Este estudo é relevante e comprovado no nosso *corpus*, ao analisar o verbete *subdesenvolvimento*. É mencionado com a rubrica *econ.* e *bras.*; na segunda rubrica, o termo é definido como miséria, fome. Será que somente no Brasil o subdesenvolvimento é indicativo de miséria? Assim, nota-se que, por sermos um país subdesenvolvido, o efeito de sentido gerado é extremamente negativo e até depreciativo.

Após a análise e a observação das entradas e subentradas no dicionário *Aurélio*, percebe-se uma imprecisão das definições especializadas no dicionário de língua geral. Para exemplificar, o termo *cidadania*, extraído do livro da 5ª série do ensino fundamental, tem como definição no *Aurélio*: “qualidade ou estado de cidadão”. Qual é o grau de compreensão deste aluno ao se defrontar com essa definição?

Os dicionários de língua têm um objetivo pedagógico: fornecem respostas didáticas a questões, visam cobrir totalmente a distância entre o consulente e uma norma lingüística e cultural anteriormente definida (CANO, 1998, p.210). Assim, é imprescindível que os termos nele presentes sejam definidos de maneira que o falante leigo possa ter acesso, não sendo compreensível somente a um pequeno grupo letrado.

A partir dessas lacunas, achamos conveniente um estudo mais detalhado, com o objetivo de analisar categoricamente o *corpus* registrado, contrastando-o com o dicionário eletrônico *Aurélio*. Em virtude de uma ideologia, esta obra é vista como uma obra de prestígio inquestionável.

Apesar de inserções de marcas temáticas, constatamos no *corpus* analisado a imprecisão do uso do dicionário *Aurélio* como dicionário especializado. Verificamos 94 termos referentes à Cartografia inseridos no campo “Organização e construção do espaço geográfico”. Como resultado, tivemos: 41 termos apareceram como entrada, sendo 5 com a marca astronomia, 7 como geografia, 1 arquitetura, 1 náutica e 27 termos aparecem sem

nenhuma marca. Como subentendida, 15 termos foram encontrados, sendo 6 com a marca astronomia, 2 geografia, 1 antigo e náutica, 1 cronologia e 5 sem nenhuma marca. Além disso, 38 termos não apareceram no dicionário Aurélio. Essa análise persiste nos demais campos da pesquisa, havendo, portanto, falhas quanto às marcas de uso, à presença das unidades de significação especializada e a definição.

Toda obra lexicográfica é por natureza seletiva e assim tem que ser, tendo em vista o caráter aberto e mutável do léxico. O grau de seletividade dependerá do objetivo da obra e, também, do público para o qual se destina. Do mesmo modo que não se pode registrar no dicionário todos os tecnicismos pertencentes às diferentes áreas do conhecimento científico e tecnológico (OLIVEIRA, 1999, p.88).

Entretanto, o ponto crucial desta questão, no que se refere à seletividade terminológica, é o critério de que o lexicógrafo vai fazer uso. Assim, vimos que o *Aurélio*, apesar de seletivo, carece de critérios que delimitem as escolhas. Pelo exposto, observa-se que a obra de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira ainda necessita de reflexão e estudos sistemáticos e, como tal, não é apropriada para uso escolares, visto não contemplar a totalidade dos termos presentes nos manuais didáticos, além da confusão quanto ao registro das marcas temáticas.

Mesmo apresentando falhas, o Dicionário *Aurélio* é uma obra lexicográfica de prestígio e reconhecida por um grande grupo social. Além disso, exerce um papel fundamental na transmissão de conhecimento. No entanto, o lexicógrafo deve ter em mente as reais necessidades do consultante para poder determinar os procedimentos, estratégias e critérios para a produção lexicográfica.

5.3 Dicionário especializado

Acreditamos que um dos melhores recursos no auxílio à tarefa do professor são os dicionários. No caso das ciências, como Geografia, Biologia, Química, etc., as obras existentes são escassas e de qualidade duvidosa, como já mencionamos. Devido à carência de tais obras é que, a princípio, propusemos a este trabalho.

Quando se fala na escassez, não se imagina que a existência seja quase nula. Buscamos várias livrarias on-line e o que encontramos foram dicionários já obsoletos referentes à Geografia. A coleção analisada “Trilhas da Geografia” contém uma lista de dicionários para consulta.

Dicionário de política – N. et al. Bobbio - 1995.v.1-2

Editora Brasília. Editora UnB

Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.- A.G. da Cunha. 2ed.Rio de Janeiro.1997.

Editora Nova Fronteira

Dicionário de ciência ambiental: guia de A a Z.- H.S.Dahefsky. São Paulo.1997.

Editora Gaia

Dicionário de filosofia – G.Durozoi & A.Roussel. 2ed. Campinas.1996.

Editora Papyrus

Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa. - A.b. de H. Ferreira. São Paulo: Folha de São Paulo.1995.

Editora Nova Fronteira

Dictionnaire de la géographie. – P. George. Paris. 1997.

Editora PUF

The dictionary of human geography – R. J. Johnston. 3ed. Oxford. 1994.

Editora Blackwell

Novo dicionário geológico-geomorfológico - A.T. Guerra & .A.J.T. Guerra. Rio de Janeiro. 1997.

Editora Bertrand Brasil

Dicionário tupi-português e vice-versa: com um dicionário de nomes topográficos. – O. Masucci. Rio de Janeiro. 1979.

Editora Brasilivros

Moderno dicionário da língua portuguesa. –. Michaelis. São Paulo. 1998.

Editora Melhoramentos

Dicionário cartográfico - C. de Oliveira. Rio de Janeiro. 1993.

Editora IBGE

Novo dicionário de Economia. – P. Sandroni. São Paulo. 1994.

Bester Seller / Circulo do Livro

Observa-se a citação de dicionários em línguas estrangeiras e de disciplinas de outras áreas do conhecimento. Também menciona dicionários de língua geral para consulta de termos de especialidade. Esses dicionários para o consulente do ensino fundamental são impróprios e quase impossíveis de serem utilizados, uma vez que os alunos, na maioria, não têm conhecimento de linguagem estrangeira e nem dispõem de conhecimento necessário para manusear um dicionário de língua geral e buscar a compreensão do termo de especialidade, se encontrado.

Encontramos um dicionário de Geografia cujo nome é Dicionário de Geografia. Termos. Expressões. Conceitos”, 1996 da Editora Melhoramentos. Esse dicionário apresenta mais de 1500 verbetes (Termos, expressões e conceitos) encontrados com maior frequência nos textos de Geografia, didáticos e paradidáticos. Dedicase a estudantes de 1º e 2º graus, em linguagem clara, concisa e acessível.⁵

Esse dicionário irá nos auxiliar na delimitação terminológica do *corpus*, visando apresentar unidades que são tratadas como palavras da língua geral no dia-a-dia, mas que no contexto de especialidade, torna-se termo. No entanto, deixaremos claro, que esse dicionário não será analisado como critério único para a delimitação terminológica, mas o texto, o qual o termo se apresenta dará um respaldo decisivo para o trabalho

Na tentativa de averiguar a especialização dos termos analisados, examinaremos os *corpora*, dedicando especialmente àqueles termos comumente da linguagem geral, mostrando que em contextos especializados, as unidades passam a termos.

Para conferir as unidades do *corpus*, verificamos no dicionário de Geografia, se os termos aparecem ou não. Buscamos cada termo no dicionário para sancionar o seu estatuto de termo. Realizamos manualmente esse trabalho.

No *corpus* dispomos de 874 unidades terminológicas, sendo que algumas se repetem devido à polissemia. Entretanto, no dicionário de Geografia, encontramos apenas 314 termos do *corpus* analisado.

Abaixo segue a lista dos termos encontrados no dicionário de Geografia.

⁵ Informações descritas na apresentação do dicionário.

abalo sísmico
açude
aerofotogrametria
agreste
agricultura
agricultura de subsistência
agroindústria
agropecuária
agrotóxico
aldeia global
alpes
altitude
apartheid
arbusto
arquipélago
assentamento
assoreamento
astrolábio
atividade econômica
atividade industrial
atlas
avicultura
bacia hidrográfica
bacia sedimenta
bairro
basalto
biodiversidade
biomassa
biosfera
bloco econômico
bóia-fria
bússola
cadeia montanhosa
cadeia montanhosa
calota polar
campo
capital
capitalismo
cartel
cartografia
cartógrafo
carvão mineral
censo demográfico
centro regional
cerrado
cerrado caatinga
chapada

chuva ácida
chuva de convecção
ciclone
cidade
cidade-satélite
cinturão verde
círculo polar
classes sociais
clima
clima equatorial
clima semi-árido
clima subtropical
clima temperado
clima tropical
colina
colônia
colonialismo
colonização
combustível fóssil
Comunidade dos Estados Independentes -
CEI
concentração de renda
concentração industrial
conglomerado
continente
convecção
cooperativa
coordenada geográfica
córrego
corrente marítima
cortiço
costa
cratera
crescimento econômico
crescimento vegetativo
crosta terrestre
cultura
curso do rio
democracia
densidade demográfica
deriva dos continentes
desenvolvimento
deserto
desigualdade social
distribuição de renda
distrito industrial
Divisão Internacional do Trabalho

divisor de água
 economia
 economia informal
 ecossistema
 efeito estufa
 El Niño
 emigração
 enchente
 energia elétrica
 energia eólica
 energia solar
 engenharia genética
 Equador
 equinócio
 erosão
 erosão pluvial
 escala
 escala geológica
 escala geológica
 escala gráfica
 escala numérica
 escarpa
 esfera celeste
 espaço geográfico
 espaço geográfico
 estado
 estrutura etária
 etnocentrismo
 evaporação
 evapotranspiração
 êxodo rural
 expectativa de vida
 exportação
 extrativismo
 falha
 fauna
 favela
 fazenda
 fertilidade
 feudalismo
 flora
 floresta
 Floresta Amazônica
 forma de relevo
 fóssil
 foz
 Fundo Monetário Internacional – FMI
 fuso horário
 Gatt
 geleira
 Geografia
 geógrafo
 geólogo
 glaciação
 glaciação
 globalização
 Guerra Fria
 hemisfério
 hemisfério leste
 hemisfério norte
 hemisfério oeste
 hemisfério sul
 hidrosfera
 hidrovia
 hipsometria
 holding
 ilha
 ilha de calor
 imigração
 impacto ambiental
 Impacto social
 imperialismo
 Índice de Desenvolvimento Humano – IDH
 índice pluviométrico
 indústria
 indústria da seca
 indústria de bem de capital
 indústria de bem de produção
 industrialização
 infra-estrutura
 insolação
 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
 intemperismo
 inverno
 inversão térmica
 irrigação
 jazida
 latifúndio
 latitude
 lava
 lavoura permanente
 lavoura temporária

legenda	nação
lençol	neoliberalismo
leste	nife
liberalismo	nordeste
litoral	norte
litosfera	oceano
localização	oeste
longitude	oligopólio
lugar	órbita
macrorregião	Organização das Nações Unidas – ONU
magma	Organização Internacional do Trabalho
manancial	outono
mangues	país
manufatura	paisagem
mapa	pampas
mapa econômico	Pantanal
mapa político	paralelo
mapa-múndi	parque industrial
massa continental	pecuária
massa de ar	periferia
massapê	período
Mata Atlântica	período das cheias
Mata de Araucárias	petróleo
Mata dos cocais	pirâmides de idades
mecanização	planeta
megalópole	planisfério
meio ambiente	planta
meio de comunicação de massa	policultura
Meio-Norte	pólo
mercado comum	poluente
Mercado Comum do Sul – Mercosul	poluição
mercado interno	ponto cardeal
meridiano	ponto colateral
meridiano principal	ponto subcolateral
metrópole	população
metrópole regional	população absoluta
mídia	população economicamente ativa
migração	porto
migração interna	pressão atmosférica
modernização	primavera
monopólio	produto agrícola
montanha	produto interno bruto - PIB
montanha dobrada	produto primário
Movimento dos Trabalhadores Rurais	projeção azimutal
Sem-Terra - MST	propriedade rural
multinacional	raça
município	radiação solar

raio solar
recurso hídrico
recurso natural
recurso natural não-renovável
recurso natural renovável
rede urbana
reforma agrária
região
região metropolitana
regime do rio
relevo
renda per capita
renda per capita
reservas extrativista
restingas
Revolução Industrial
riacho
rio
rio afluente
rio caudaloso
rio perene
rio temporário
rocha magmática
rosa-dos-ventos
rotação
saneamento básico
satélite artificial
sedimentação
sedimento
serra
sertão
serviços
silvicultura
sismo
sistema solar
Socialismo
sol
solo
Solstício
subsolo
sudeste
sul
superávit
Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – Sudene
taxa de mortalidade
taxa de natalidade
tecnologia
temperatura atmosférica
tempo
Terra
terra roxa
terremoto
território
translação
transnacional
trópico
Trópico de Câncer
Trópico de Capricórnio
truste
umidade
umidade do ar
universo
urbanização
usina nuclear
vale
várzea
verão
vertente
vila
voçoroca
vulcanismo
vulcão
zona da mata
Zona Franca
zona intertropical
zoneamento urbano

Esse Dicionário de Geografia é um dicionário alfabético. Segundo os autores, os conceitos registrados não são aprofundados e, tampouco, não se preocuparam em enfatizar informações descritivas ou de caráter enciclopédico, relativas às localidades.

Possui uma nomenclatura composta de mais de 1500 verbetes, mas sem nenhum esclarecimento de como foram eleitos os termos que a compõem. Em consequência, não se sabe por que termos como *mapa de altitude*, *mapa demográfico*, *mapa digital*, *mapa medieval*, *mapa meteorológico* não foram selecionados em detrimento de outros dos mesmos domínios, como *mapa econômico*, *mapa político*, *mapa mundi*.

Outro tópico que deve ser questionado diz respeito à entrada e subentrada. O termo *setores da economia* constitui uma entrada seguido das seguintes subentradas: *setor primário*, *setor secundário*, *setor terciário*, *setor quaternário*. Na seqüência, o termo *setor quaternário* está registrado como entrada, sem nenhuma observação que o diferencie dos demais. Não se detecta nenhum critério para essa diferenciação.

Observa-se que não houve seleção das informações acrescentadas à definição, além da inadequação da linguagem, como redundância, estrutura frasal complexa de difícil compreensão, como se observa:

Subsolo: sm Camada do solo imediatamente abaixo do solo propriamente dito, ou seja, da parte visível do solo, correspondendo aproximadamente ao horizonte.

Os autores aludem à etimologia de alguns termos. Acreditamos que seja eficaz esse processo, pois é importante que o aluno tenha conhecimento do conteúdo semântico de unidades formativas como *geo*, *morfo*, *antro*, *arque*. No entanto, não adota um critério rigoroso para essa informação.

Antropologia: de antropos (homem) + logia (estudo)
Arqueologia: de arqueo (antigo) + logia (estudo)
Geomorfologia: não faz referência
Geologia: não faz referência
Geografia: não faz referência

Outro problema detectado diz respeito aos termos polissêmicos, em que a mesma unidade lexical denota dois ou mais conceitos. O termo *planta* que se refere tanto à cartografia, quanto à vegetação, é citado no dicionário apenas com a conceituação de vegetação. No final do verbete menciona *V. planta cartográfica*.

Planta: sf Membro do reino vegetal, a planta típica é um organismo vivo, sem sistema nervoso, cujas células consistem de celulose. Sua nutrição depende de substâncias gasosas ou líquidas simples, principalmente água e dióxido de carbono. Com estes, e mais a ajuda de clorofila proporcionada pela luz e pelo calor do Sol, produz açúcar e outros materiais complexos. V. fotossíntese; planta cartográfica.

Apesar de aludir a *planta cartográfica*, esse termo é registrado assim:

Planta cartográfica: V. mapas, tipos de.

Para o aluno, a entrada acima é incompreensível e sem significado.

Ainda com relação à falta de critério, questionamos os seguintes termos:

Buraco na camada de ozônio: *sm Redução nas faixas de ozônio que recobrem e protegem a Terra da incidência direta de grande parte dos raios ultravioleta. O ozônio é um gás natural que funciona como um filtro que protege a aTerra. Valores medidos em terra e por satélites artificiais indicaram uma redução de até 50% do ozônio em alguns pontos da Terra. Acredita-se que os principais agentes causadores do “buraco” sejam os compostos de cloro e bromo, de produção industrial, e também os aerossóis.*

Distribuição da população por sexo e idade: *sf Caracterização da composição de uma determinada população pelo sexo e faixa etária de seus integrantes. É representada por um gráfico de barras (ou histograma), conhecido por pirâmide etária. A pirâmide etária dos países subdesenvolvidos tende a apresentar uma base larga e um ápice estreito, pois dadas as altas taxas de natalidade possuem uma grande população de jovens e , dadas as altas taxas de mortalidade e baixa expectativa de vida, possuem uma pequena população de idosos. Com os países desenvolvidos ocorre o contrário: baixas taxas de natalidade e mortalidade e altas expectativas de vida são traduzidas nas pirâmides etárias com base mais estreita e ápice mais largo.*

A crítica a esses termos diz respeito a imprecisão terminológica. A nosso ver, essas entradas não se constituem termos e não poderiam ser colocadas no mesmo nível de um termo como *lugar, clima, vegetação*. Dada sua relevância, seria possível tratar esses tópicos dentro do verbete *camada de ozônio e população*.

Outro problema que se pode questionar está relacionado às entradas de alguns sintagmas, como Hulboldt e Malthus. Ao registrar nomes próprios, esse dicionário aproxima-se de um dicionário enciclopédico, embora não haja regularidade nesses registros.

Humboldt *sm* Friedrich Heinrich Alexander von Humboldt (1769-1859), cientista alemão, percorreu a América de 1799 até 1804. Nesse período, esteve na Venezuela, Equador, Peru, Colômbia e na foz do rio Amazonas. De volta à Alemanha, levou cerca de 60.000 plantas, sendo 6.300 de espécies anteriormente desconhecidas. Dessa viagem resultou uma obra em 20 volumes, escrita entre 1805 e 1832: *Viagens às Regiões Equinociais do Novo Mundo*. Sua contribuição à ciência não se prendeu somente à Botânica e à Zoologia: traçou as linhas isotérmicas; estudou a diminuição da temperatura relacionada à altitude e a origem dos ciclones tropicais; descobriu a relação entre latitude e o magnetismo terrestre; estudou vulcões, determinando a origem ígnea de certas rochas. Humboldt deixou outra importante obra, *Cosmos*, na qual descreve o universo físico, onde demonstra a existência de uma unidade dos fenômenos naturais.

Malthus: *sm* Thomas Robert Malthus (1766-1834), economista e demógrafo inglês.

Apesar dessas críticas, aprovamos o cuidado que os autores tiveram ao registrar estrangeirismos. Os verbetes foram assinalados com a marca de origem e a pronúncia do termo.

Apartheid (*ingl.: apar táit*) *sm* Sistema de organização política implantado e mantido até recentemente pelo estado Sul-africano, pelo qual foi instituída a segregação racial, e em que uma minoria branca, através de leis, deteve o poder econômico e político sobre uma maioria negra. Após muita luta e pressões internacionais, o sistema do apartheid entrou em colapso, e a maioria negra participou, pela primeira vez na História, das eleições livres de 1994, que elegeram para presidente Nelson Mandela, líder negro do CNA (Congresso Nacional Africano), obtendo 62,6% do total dos votos (12.237.655) e conquistando 252 cadeiras das 400 que compõem a Assembléia Nacional. Nelson Mandela, que Passou 27 anos na prisão, e Frederik de Klerk, então líder branco do governo sul-africano, receberam em 1993, juntamente, o Premio Nobeal da Paz, pelos esforços no sentido de promover acordos e entendimentos que conduziram ao fim do aparttheid e criaram as bases para a construção de uma África do sul democrática e multirracial. V. conflito étnico.

Cotton belt (ingl.: ***cóton bélt***) *sm* Zona de cultivo intensivo do algodão, um dos cinturões agrícolas dos EUA. V. *belt*.

Icerberg (ingl.: ***aicerbérg***) *sm* Bloco de gela originário das geleiras continentais e transportado pelas correntes marítimas.

Defendemos que o dicionário especializado deva ser de fácil manuseio, principalmente ao se tratar de uma obra pedagógica. Sendo assim, o aluno ainda incipiente será capaz de utilizá-lo como fonte de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo principal a organização da macroestrutura de um dicionário que nos permitisse, numa etapa posterior, elaborar um dicionário escolar de Geografia.

Importa ressaltar que foi relevante dedicar um capítulo à história e desenvolvimento da Geografia, a fim de compreender os muitos avanços teórico-metodológicos voltados para a construção do conhecimento. Essas inovações são adotadas na elaboração dos livros didáticos, visando a uma prática de ensino-aprendizagem da disciplina mais gratificante e útil no desvendamento do espaço geográfico.

Vimos que, a partir da segunda metade do século XX, acentua-se a produção científica e técnica no mundo, face à globalização, e a circulação das informações é muito rápida.

A transmissão do saber faz-se por meio de textos que possuem características específicas da área em estudo, ou seja, por meio de uma terminologia própria, o conhecimento é veiculado. Assim, o desenvolvimento científico no âmbito da Terminologia intensificou-se e deixou de ser restrito a um grupo de especialistas, facilitando a comunicação e a inserção no mundo. Uma vez que ter acesso às terminologias das linguagens de especialidade constitui um imperativo de cidadania.

Utilizamos como suporte teórico os fundamentos da Terminologia, mostrando as contribuições deixadas pela Teoria Geral da terminologia (TGT) e o novo paradigma de estudos teóricos proposto por Cabré com o postulado de uma teoria “*in vivo*”. A partir dessas reflexões, adotamos a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) como suporte para a elaboração da metodologia, pois pudemos perceber que um dicionário técnico para

usuários escolares deveria basear-se nesses postulados, isto é, a partir de situações reais de comunicação.

Considerando, pois, que a Terminologia contribui para a disseminação do conhecimento, uma vez que acreditamos na importância da aquisição terminológica para a aprendizagem, procedemos à coleta e análise das unidades de significação especializada (USE) encontradas nos livros didáticos da coleção Trilhas da Geografia, aprovada pelo PNLD.

Formamos um *corpus* com mais de 800 unidades de significação especializada distribuídas em três campos temáticos: organização e construção histórica do espaço geográfico; espaço geográfico e cidadania; espaço geográfico e globalização. Ao analisar os manuais didáticos para a formação do *corpus*, pudemos observar as lacunas existentes. Levando em conta que o livro didático é um recurso facilitador da aprendizagem, a terminologia presente deve contribuir para que o processo de ensino se realize com exatidão.

Tentamos levar a cabo uma análise das USE encontradas nos livros didáticos, mostrando que o contexto impossibilita a apreensão do termo, conseqüentemente, o aluno não atinge a compreensão da matéria. Isso se deve ao desconhecimento do conteúdo semântico das USE, pois essas são mencionadas sem quaisquer comentários e explicações. Dessa forma, a linguagem é vista pertencente a uma “língua estrangeira”.

Como já assinalamos, a problemática acentua-se ao analisar as USE complexas, uma vez que em tais casos, o consulente não consegue amparo em dicionários de língua geral, pois este raramente as considera.

Há que se ilustrar o caráter de especialidade que dicionários de língua, como o e o *Aurélio*, assumem diante de textos especializados. Isso se deve a escassez de obras lexicográficas elaboradas em português e destinadas a escolares. Face ao exposto, fizemos

uma análise comparativa do Dicionário Eletrônico Aurélio e o *corpus* extraído do manual didático, mostrando a falta de critérios quanto a marcas temáticas e a delimitação terminológica.

Acreditando na importância de dicionários no processo ensino-aprendizagem, o Dicionário de Geografia, foi fundamental na tarefa de nos auxiliar na delimitação terminológica. Pretendemos mostrar o estatuto de termo que uma palavra assume em contextos de especialidade. No entanto, ao analisar o dicionário de especialidade, vimos também que não há critérios uniformes ao registrar os termos.

Com relação à definição, os dicionários de língua geral a registram de maneira técnica e hermética para o público escolar. Mesmo no Dicionário de Geografia, as definições formuladas são de difícil compreensão para o público em geral.

As análises dos dicionários de língua geral e especialidade mostraram que estas obras não resolvem os problemas dos consulentes.

Em resumo, a análise mostrou a necessidade de apresentar aos consulentes um dicionário adequado, formulado com base nos pressupostos da TCT.

Para concluir, queremos dizer que essa pesquisa não é uma obra acabada. Nossa contribuição, portanto, foi organizar a macroestrutura que poderá ser, em breve, a nomenclatura de um dicionário escolar de Geografia.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALVES, I. M. **Neologismo. Criação lexical.** São Paulo: Ática, 1990.

ANDRADE, M. M. **Lexicografia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais.** In OLIVEIRA, A.M.P.P. e ISQUEIRO, A.N. (orgs) *As ciências do léxico.* Campo Grande, Ed. UFMS, 2001, p.191-200.

BARROS, D. L. P. **O Discurso do Dicionário.** Alfa, São Paulo, 44:75-96, 2000.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso de Terminologia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical.** São Paulo, Editora Ática, 1989.

BIDERMAN, M. T. C. **A estrutura mental do léxico.** In: *Estudos de Filologia.* São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981, p. 131-145.

_____. **Teoria lingüística (Lingüística quantitativa e computacional).** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. **Dicionário contemporâneo de português.** Petrópolis: Ática, 1992.

_____. **Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas.** In: PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. e ISQUERDO, A. N. (org.) *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.* Campo Grande-MS: Editora da UFMS, 1998, p.129-142.

_____. **As Ciências do Léxico** In: OLIVEIRA, A.M.P.P. e ISQUEIRO, A.N. (orgs.) *As ciências do léxico.* Campo Grande, Ed. UFMS, 2001, p.13-22.

BLAIS, E. **Le phraséologisme. Une hypothèse de travail. Terminologies Nouvelles.** Bélgica: Rint,1993,n.10, p.50-56.

BRANDÃO, S. F. **A geografia lingüística no Brasil.** São Paulo: Ática, 1991.

BORGES, M. F. **Identificação de sintagmas terminológicos em Geociências.** Porto Alegre:UFRGS.. Dissertação de Mestrado,1998, 254p.

CABRÉ, M.T. **La terminología: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos.** Barcelona, Iula,1999.

CABRÉ, M. T., LORENTE, M., ESTOPÀ, R. **Terminologia y fraseologia.**In:Actas del V Simpósio de Terminologia Iberoamericana. Ciudad de México:RITERM, nov. De 1996, p.67-81.

CANO,W. M. . **Teoria e práxis de um dicionário escolar de ciências.** Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras. Tese de doutorado, 2001, 274p.

CARDOSO, S. A. M. (org). **Diversidade lingüística e ensino.** Salvador: EDUFBA,1996.

COSERIUU. **Sistema, norma e fala.** In: *Teoria da linguagem e lingüística geral.* Rio de Janeiro: Presença, 1979, p.13-85.

COSTA, L. C.. **Os minidicionários e o ensino/aprendizagem do vocabulário da língua portuguesa.** Letras e Letras, 12(2):1996,p.215-222.

CUNHA, C. F. **Que é um brasileirismo?** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1987.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 3ª ed. Rio de Janeiro Ed. Nova Fronteira,2001.

FERREIRA, C. et al. **Diversidade do português do Brasil**. (Estudos de dialetologia Rural e Outros). 2ª ed. revista. Salvador: Centro Editorial e Didático, UFBA, 1994.

GONÇALVES, C. W. P. **Reflexões sobre a Geografia e Educação – Notas de um debate**. Rio de Janeiro. Ed. Editorial, 1987.

GUTIÉRREZ RODILLA. B. M **La ciencia empieza en la palabra. Análisis e historia del lenguaje científico**. Barcelona: Península, 1998.

KRIEGER, M. G. & FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia. Teoria e prática**. São Paulo, Contexto, 2004.

MORAES, A.C. R. **Geografia. Pequena História Crítica**. São Paulo, Hucitec, 1991.

MURAKAWA, C. A. **A Tradição lexicográfica em língua portuguesa**: Bluteau. Morais e Vieira. As ciências do léxico, Campo Grande, UFMS, 1998, p.151-157.

_____. **Primeiros dicionários a estabelecerem um padrão lingüístico no Brasil**. In; SILVA., M. E. B. (org.). **Lexicografia Terminologia: questões conexas**. Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll. Recife, 1998, p.145-159.

ORLANDI. **Lexicografia Discursiva**. Alfa, São Paulo, 44:2000, 97-114.

PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. **O Português do Brasil: Brasileirismos e regionalismos**. Araraquara. Tese de Doutorado, 1999, 494p.

PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. e ISQUERDO, A. N. (orgs.) . **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. v.1. Campo Grande-MS: Editora da UFMS, 1998, p. 107-113.

_____. **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. v.2. Campo Grande-MS: Editora da UFMS, 2004.

REFORMASSKII, A.A. **¿Qué es el término y qué es la terminología?** In: Cabré, M. T, FREIXA, j., LORENTE, M., TEBÈ, C. Textos de terminólogos de la Escuela Rusa. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2001, p.151-162.

REY, A. **La terminologie. Noms et notions.** Paris: Presses Universitaires de France,1979..

SAGER, J.C. **Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología.** Madrid, Pirámide,1993.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral.** 9^a ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SENE, E. e MOREIRA, J.C. **Trilhas da Geografia: O passado e o presente.** 5^a série. São Paulo: Scipione,2000.

SENE, E. e MOREIRA, J.C. **Trilhas da Geografia: O passado e o presente.** 6^a série. São Paulo: Scipione,2000.

SENE, E. e MOREIRA, J.C.. **Trilhas da Geografia: O passado e o presente.** 7^a série. São Paulo: Scipione,2000.

SENE, E. e MOREIRA, J.C. **Trilhas da Geografia: O passado e o presente.** 8^a série. São Paulo: Scipione,2000.

SIMÃO, Z A k. . **Os termos da cultura do maracujá.** São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Dissertação de mestrado,1999, 232p.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, M. M.. **Lexicografia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais.** In OLIVEIRA, A.M.P.P.e ISQUEIRO, A.N.(orgs.).As ciências do léxico.Campo Grande, Ed.UFMS, p.191-200, 2001.

BARROS, D. L. P. **O Discurso do Dicionário.**Alfa, São Paulo,2000, p.44:75-96.

BECKER, Fernando;FRANCO, Sérgio. **Revisitando Piaget. Cadernos de Autorialia.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1998, 3v.

BEVILACQUA, C. R. Unidades fraseológicas especializadas: estado de la cuestión y perspectivas. IULA,Barcelona, Treball de recerca,1999.

BIDERMAN, M. T. C. **A estrutura mental do léxico.** In: Estudos de Filologia. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981,p. 131-145.

_____. **Teoria lingüística (Lingüística quantitativa e computacional).** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos,1978.

_____. **Dicionário contemporâneo de português.** Petrópolis: Ática,1992.

_____. **Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas.** In: PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. e ISQUERDO, A. N. (orgs.) As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande-MS: Editora da UFMS,1998, p.129-142.

_____. **As Ciências do Léxico** In: OLIVEIRA, A.M.P.P.e ISQUEIRO, A.N. (orgs) As ciências do léxico.Campo Grande, Ed. UFMS, 2001, p.13-22.

BLAIS, E. **Le phraséologisme. Une hypothèse de travail. Terminologies Nouvelles.** Bélgica: Rint,1993,n.10, 1993, p.50-56.

BORGES, M. F. **Identificação de sintagmas terminológicos em Geociências**. Porto Alegre:UFRGS.. Dissertação de Mestrado,1998, 254p.

CABRÉ, M. T. **La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Barcelona, Iula,1993.

_____. **La terminología: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Barcelona, Iula,1999.

_____. **La terminología. Teoría, métodos, aplicaciones**. Barcelona, Antártica, 1993.

_____. **El discurs especializat o la variación funcional determinada per la temàtica: noves perspectives**. In: La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona, Iula, 1999 a, p.151-173.

_____.**Elementos para una teoría de la terminología: hacia un paradigma alternativo**. In: La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona, Iula, 1999b,p.69-92.

_____.**Hacia una teoría comunicativa de la terminología: aspectos metodológicos**. In: La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona, Iula, 1999c, p.129-150.

_____. **La terminología hoy: concepciones, tendencias, aplicaciones**. In: La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona, Iula, 1999d, p.17-38.

_____. **Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación**. In: La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona, Iula, 1999e, p.109-128.

CABRÉ, M. T., LORENTE, M., ESTOPÀ, R. **Terminologia y fraseologia**.In:Actas del V Simposio de Terminologia Iberoamericana. Ciudad de México: RITERM,1996, p.67-81.

CANO, W. M. . **Teoria e práxis de um dicionário escolar de ciências.** Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras. Tese de doutorado, 2001, 274p.

_____. Os dicionários de língua, a norma cultural e os terminologismos. In: CARVALHO, N.M. e SILVA, M.E.B. (orgs.). Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e terminologia da ANPOLL. Recife, 1998. 205-215.

COSTA, L. C.. **Os minidicionários e o ensino/aprendizagem do vocabulário da língua portuguesa.** Letras e Letras, 12(2):1996, p.215-222.

CUNHA, C. F. **Que é um brasileirismo?** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

DOMENÉCH, M. **Unitats de coneixement i textos especialitzats: primera proposta d'anàlisi.** Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. Tese de Doutorado, 1998.

_____. **Unitats de coneixement i textos especialitzats: primera proposta d'anàlisi.** Barcelona, Iula, Treball de recerca, 1999.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 3ª ed. Rio de Janeiro Ed. Nova Fronteira, 2001.

GONÇALVES, C. W. P. **Reflexões sobre a Geografia e Educação – Notas de um debate.** Rio de Janeiro. Ed. Editorial, 1987.

GUTIÉRREZ RODILLA. B. M **La ciencia empieza en la palabra. Análisis e historia del lenguaje científico.** Barcelona: Península, 1998.

HOFFMANN, L. **Llenguatges d' especialitat. Selecció de textos.** Trad. Mercè Herrerias. Barcelona, Iula, 1998.

LACOSTE, Y. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Campinas: Papyrus, 1998.

LARA, L. F. **Sociolingüística Del Diccionario Del español de México** Journal of the Sociology of Language (Berlin), n 96, 1992, p.19-34.

MATORÉ, G. **La méthode en lexicologie: domaine français**. Paris: Marcel Didier,1973.

MORAES, A.C. R. **Geografia. Pequena História Crítica**. São Paulo, Hucitec, 1991.

OLIVEIRA. A. M. P. P. **O Português do Brasil: Brasileirismos e regionalismos**. Araraquara. Tese de Doutorado, 1999. 494p.

ORLANDI., E. P. **Lexicografia Discursiva**. Alfa, São Paulo, 44:2000,97-114.

_____. **Análise do discurso**. Campinas: Pontes,1999.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS..Brasília: MEC/SEF,1997. 166p.

PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. **O Português do Brasil: Brasileirismos e regionalismos**. Araraquara. Tese de Doutorado, 1999, 494p.

_____.**Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica**. In: PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. e ISQUERDO, A. N. (orgs.). **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande-MS: Editora da UFMS, 1998.p. 107-113.

_____.(orgs.). **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.v.2**. Campo Grande-MS: Editora da UFMS,2004..

REFORMASSKII, A.A **¿Qué es el término y qué es la terminología?** In: Cabré, M. T, FREIXA, j., LORENTE, M., TEBÈ, C. **Textos de terminólogos de la Escuela Rusa**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2001, p.151-162.

REY, A. **La terminologie. Noms et notions**. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

REY-DEBOVE, J. **Léxico e dicionário**. Alfa - Revista de Lingüística (Suplemento). São Paulo: v. 28, 1984, p. 45-69.

SAGER, J.C. **Curso práctico sobre el procesamiento de la terminologia**. Madrid, Pirámide,1993.

SENE, E. e MOREIRA, J.C. **Trilhas da Geografia: O passado e o presente**. 5ª série. São Paulo: Scipione,2000.

SENE, E. e MOREIRA, J.C. **Trilhas da Geografia: O passado e o presente**. 6ª série. São Paulo: Scipione,2000.

SENE, E. e MOREIRA, J.C.. **Trilhas da Geografia: O passado e o presente**. 7ª série. São Paulo: Scipione,2000.

SENE, E. e MOREIRA, J.C. **Trilhas da Geografia: O passado e o presente**. 8ª série. São Paulo: Scipione,2000.

SIMÃO, Z A k. . **Os termos da cultura do maracujá**. São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Dissertação de mestrado,1999, 232p.

STREHLER, René G. **Marcas de uso nos dicionários**.In: PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. e ISQUERDO, A. N. (orgs.). As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande-MS: Editora da UFMS, 2001,p. 171-180.

TERMCAT. Centre de Terminologia. **Metodologia Del treball terminologic**. Catalunya, Departamento de Cultura,1990.

TRIVELLATO, José. Cencias natureza e cotidiano: criatividade, pesquisa e conhecimento. São Paulo: FTD, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Guia para normalização de trabalhos técnicos –científicos**. 4 ed. Uberlândia: EDUFU, 2004.158p.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica.** Trad. Anne-Cécile Nokerman. Barcelona, Iula, 1998.

Dicionário consultado

Dicionário Aurélio Eletrônico.(Séc. XXI). Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

Dicionário de Geografia. Gilberto Giovannetti e Madalena Lacerda. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1996.

ANEXOS - FICHAS TERMINOLÓGICAS

código:

termo: **coleta seletiva**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Separado o lixo, é preciso que as prefeituras organizem a coleta seletiva, que consiste em não misturar os tipos de lixo.

fonte: TG1-149

contexto2:.

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **jornada**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Era comum terem de trabalhar também aos sábados e domingos, sem que o aumento da jornada correspondesse um aumento nos rendimentos.

fonte: TG2-82

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s): jornada de trabalho

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **rede**

c.g.:

ocorrência:

contexto1:

fonte: TG2-128

contexto2: Porém, essa expansão da rede de cidades em direção às áreas do país de ocupação mais recente na nossa história não é um fato isolado.

fonte: TG2-131

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **construção primitiva**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Essas construções, erguidas em 1954, são réplicas das construções primitiva.

fonte: TG2-11

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **desenvolvimento industrial**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Ou seja, foi preciso haver pesquisas científicas e tecnológicas, e desenvolvimento industrial constante.

fonte: TG1-189

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **concentração de renda**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Isso se explica pela concentração da renda, da riqueza, em mãos de poucos.

fonte: TG1-161

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **direito social**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Unidos, organizados e atuantes, os trabalhadores conseguiram conquistar certos direitos sociais que foram, ao longo do tempo, sendo incorporados às relações entre patrões e empregados.

fonte: TG2-82

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **congestionamento**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: O número crescente de automóveis em circulação agrava os congestionamentos no trânsito e cria problemas ambientais, com o aumento da poluição.

fonte: TG2-94

contexto2: A região metropolitana de São Paulo apresenta a maior concentração de veículos do país – e também os maiores congestionamentos.

fonte: TG3-93

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **engenharia genética**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Atualmente, com a irrigação, o tratamento do solo e o desenvolvimento de tecnologia (engenharia genética) que adapta as plantas a climas diferentes do de seu local de origem, é possível cultivá-las em lugares de clima quente em qualquer época do ano.

fonte: TG2-88

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **fábrica**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Quando a transformação de matéria-prima ocorre em fábricas, define-se uma atividade industrial.

fonte: TG1-130

contexto2: Assim como já ocorria nas manufaturas, os trabalhadores tiveram de se concentrar dentro de um mesmo espaço – as fábricas –, o que aumentou o controle exercido pelos proprietários sobre a mão-de-obra que empregavam.

fonte: TG2-73

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **forma construída**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Nesse caminho, vemos várias formas construídas, que são todas resultantes do trabalho humano.

fonte: TG1-15

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s): fatores humanizados, construídos TG1-83

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **empresa estatal**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Criou, principalmente a partir da década de 190, várias empresas estatais nos setores da economia que não cresciam por falta de investimentos.

fonte: TG3-138

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **polarização**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: A influência que uma cidade exerce com o desenvolvimento de suas atividades econômicas, culturais e políticas é chamada de polarização.

fonte: TG3-33

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **empresa privada**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: A partir de 1991, com o início do processo de privatização, essas empresas privadas, de capital nacional e estrangeiro, e para estatais de outros países.
 fonte: TG3-138
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **extração**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: O desmatamento da área começou com a extração de pau-brasil, continuou com o cultivo de cana-de-açúcar, tabaco e cacau.
 fonte: TG2-158
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **Produto Interno Bruto**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: PIB (Produto Interno Bruto) é a soma de tudo o que foi produzido em um país, estado ou região, no período de um ano.
 fonte: TG2-219
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s): PIB
 variante socioprofissional:
 sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **edificação**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: As edificações- residenciais, comerciais e industriais- têm um documento chamado escritura, que registra todos os seus dados, inclusive o ano da construção.
 fonte: TG2-23
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **queda -d` água artificial**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Para isso, é necessário represar a água dos rios que correm pelo relevo e criar uma queda-d` água artificial.
 fonte: TG3-117
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **rede de transporte**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Compare os gráficos com os mapas das redes de transportes, apresentados anteriormente.
 fonte: TG2-132
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:

doc:

código:

termo: **submoradia**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: O que poderia ser feito pelos cidadãos e pelo governo para solucionar o problema da submoradia, ou ao menos melhorar as condições de moradia?

fonte: TG1-121

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **transporte aéreo**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: A limitação do uso do transporte aéreo é o alto custo da passagem ou do frete.

fonte: TG3-180

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **poluição**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: O custo do tratamento de águas poluídas para uso humano torna-se muito maior, por causa da intensidade da poluição.

fonte: TG1-125

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e cidadania

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **desenvolvimento sustentável**

c.g.:

ocorrência:
 contexto1:Nessa conferência, o tema central foi o desenvolvimento sustentável.
 fonte: TG4-189
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo:espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo:**desenvolvimento humano**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1:.tabela
 fonte: TG4-39
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo:espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo:**expansão urbana**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1:Vimos, então que o desenvolvimento industrial e a expansão urbana são dois acontecimentos que andam lado a lado, estão relacionados entre si, embora o crescimento das cidades não esteja ligado exclusivamente à presença de indústrias.
 fonte: TG2-78
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo:espaço geográfico e cidadania
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **edifício**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Atualmente ela possui altos edifícios que abrigam grandes bancos e escritórios de diversas empresas nacionais e estrangeiras,além de hospitais, museus , cinemas e comércio variado.
 fonte: TG2-13
 contexto2:

fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo:espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **enxaimel**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Em Blumenau, por exemplo, existem várias construções erigidas no final do século XIX, um estilo do interior de algumas regiões da Alemanha, o enxaimel.

fonte: TG2-23

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo:espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **extrativismo**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: No estado do Amazonas, bem depois da decadência do extrativismo do látex, já no contexto da industrialização do país, a cidade de Manaus acabou tornando-se um importante pólo industrial.

fonte: TG2-22

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo:espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **desenvolvimento**

c.g.:

ocorrência:

contexto1:

fonte: TG1-189

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

termo: **Divisão Internacional do Trabalho**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: A essa especialização produtiva entre os países do mundo dá-se o nome de Divisão Internacional do Trabalho (DIT).
 fonte: TG4-44
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):DIT
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo:espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **conglomerado**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Hoje, a organização das grandes corporações capitalistas é, predominantemente, uma estrutura de conglomerados.
 fonte: TG4-24
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo:espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **subproduto**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1:..Necessita de uma porção de matérias-primas que vêm de fora, e gera uma série de subprodutos que precisam ser eliminados, sob pena de causar a poluição de todo o sistema.
 fonte: TG2-101
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo:espaço geográfico e globalização
 subcampo:

definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **setor industrial**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Enquanto o Brasil continuava com sua economia enraizada na produção agrícola, a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha e também os Estados Unidos já incentivavam seus setores industriais.

fonte: TG2-75

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **sem-terra**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Muitas vezes acontecem verdadeiras guerras entre os sem-terra e os grandes proprietários, ou entre os sem-terra e a polícia.

fonte: TG1-181

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **setor de comércio**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: De modo geral, as grandes cidades dedicaram-se cada vez mais aos setores de comércio e serviços, enquanto as indústrias deslocam-se para regiões menos congestionadas.

fonte: TG2-94

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **serviço privado**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Os serviços privados são prestados por pessoas ou empresas que tiram seu sustento do que vendem e são pagos apenas por quem os utiliza.

fonte: TG1-114

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **serviço público**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Os serviços públicos são prestados pelo governo e custeados com os impostos pagos pelos cidadãos e empresas.

fonte: TG1-114

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **serviço**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Todas as cidades oferecem uma variedade de serviços, aos seus habitantes e também aos habitantes da zona rural do município em que está localizada.

fonte: TG1-114

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **sistema industrial**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Passou a predominar o sistema industrial de produção de mercadorias , em que a produção é feita em grande escala e os trabalhadores são responsáveis por pequena parte do processo de fabricação.

fonte: TG2-72

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo:espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **sistema de transporte**

c.g.:

ocorrência:

contexto1:Essa inovação tecnológica provocou outra revolução nas indústrias, nos sistemas de transportes e na organização interna das cidades.

fonte: TG2-79

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo:espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **setor de serviço**

c.g.:

ocorrência:

contexto1:De modo geral, as grandes cidades dedicaram-se cada vez mais aos setores de comércio e serviços, enquanto as indústrias deslocam –se para regiões menos congestionadas.

fonte: TG2-94

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo:espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **reciclagem**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Essas pessoas vendem os produtos que recolhem do lixo a empresas, que os utilizam como matéria-prima para a produção de novos jornais, garrafas e outros produtos que possam reutilizar o material da sucata. Esse reaproveitamento é chamado de reciclagem.

fonte: TG1-148

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **rede de produção**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Quando compramos uma roupa, estamos concluindo uma rede de produção, transporte e comercialização que envolve muita gente.

fonte: TG1-139

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **robotização**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: No entanto, com a robotização, é necessário um número menor de trabalhadores nas linhas de montagem, o que provoca desemprego em várias regiões industriais do planeta.

fonte: TG2-82

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **rede de serviço**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Em função de tudo isso, forma-se ainda uma extensa rede de comércio e serviços, provocando grande transformação no espaço geográfico.

fonte: TG2-80
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **rede de comércio**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Em função de tudo isso, forma-se ainda uma extensa rede de comércio e serviços, provocando grande transformação no espaço geográfico.
 fonte: TG2-80
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **produção**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Mesmo alimentos que são produzidos internamente, que fazem parte da nossa dieta habitual(arroz, feijão, carne, leite, etc.), muitas vezes são importados, pois a produção nacional é insuficiente para abastecimento da população.
 fonte: TG1-176
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **produção em série**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Nessa época, início do século XX, a Ford foi a primeira indústria automobilística do mundo a implantar a linha de montagem com produção em série.
 fonte: TG2-80
 contexto2:
 fonte:

contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **período técnico- científico**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1:
 fonte: TG2-83
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **produção artesanal**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Você sabe o que é produção industrial?E produção artesanal?
 fonte: TG2-71
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **processo de industrialização**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: A partir da década de 30 acelerou-se no Brasil o processo de industrialização e de urbanização.
 fonte: TG2-110
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:

definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **produção industrial**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Você sabe o que é produção industrial?
 fonte: TG2-71
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo:
 subcampo: espaço geográfico e globalização
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **produto industrializado**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Os produtos industrializados estão na cidade e no campo, em nossas casas (no quarto, na sala, no banheiro,etc),na rua, na escola, em todos os lugares por onde passamos.
 fonte: TG1-189
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):bem de consumo –TG1-132
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **produto estrangeiro**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Em momentos de crise no comércio internacional(com a Primeira Guerra Mundial,por exemplo)ou quando o governo brasileiro tomou medidas que dificultavam o ingresso de produtos estrangeiros,a indústria nacional conseguiu crescer mais rapidamente.
 fonte: TG2-77
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:

doc:

código:

termo: **produto não- industrializado**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Faça uma lista de vinte produtos industrializados e de dez produtos não- industrializados.

fonte: TG1-129

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **produto secundário**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Estes produtos foram industrializados-são produtos secundários.

fonte: TG3-140

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **produtividade**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Outra possibilidade é o desenvolvimento de novas tecnologias, que aumentem a produtividade, ou seja, produzam mais alimentos na mesma área.

fonte: TG1-183

contexto2: A utilização de robôs aumenta a eficiência e a produtividade, e expande-se rapidamente, sobretudo nas indústrias automobilísticas.

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **produto importado**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Além de escoarem a produção da colônia, os portos eram locais de recebimentos de produtos importados(tecidos,armas, ferramentas,movéis e muitos outros produtos)...

fonte: TG2-156

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **produto semi-industrializado**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Atualmente, cerca de 80% das exportações brasileiras correspondem à venda de produtos industrializados e semi-industrializado, porém de baixo valor agregado.

fonte: TG3-146

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **produto primário**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Estes produtos não passaram por nenhum processo de transformação – são produtos primários.

fonte: TG3-140

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **parque industrial**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Aqueles países, portanto, tiveram um parque industrial mais diversificado e lucrativo, enquanto o Brasil produzia uma variedade pequena de produtos e era obrigado a importar vários equipamentos industriais.

fonte: TG2-76

contexto2: A partir da década de 1970, a região Nordeste passou a apresentar elevados índices de crescimento e diversificação de seu parque industrial.

fonte: TG2-164

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **operário**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Para muitos operários brasileiros e de outros países, o cotidiano do trabalho é quase desgastante.

fonte: TG2-82

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **manufatura**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Por volta do século XIV, em alguns centros urbanos da Itália, em Flandres e na Inglaterra, a produção de mercadorias passou a realizar-se nas manufaturas.

fonte: TG2-71

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **mineração**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Na época, por causa da mineração, o arraial do Tijuco tinha crescido demais da conta e, para abastecer tantas panelas, era preciso plantar mais.

fonte: TG1-18

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **matéria-prima**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Matérias-primas são produtos que passam por alguma transformação no artesanato e nas fábricas e depois são utilizados na produção de mercadorias.

fonte: TG1-130

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **mercadoria perecível**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Quando a geladeira foi adaptada à carroceria dos caminhões frigoríficos, por exemplo, tornou-se possível transportar mercadorias perecíveis como leite, laticínios, frutas, carnes, verduras e legumes a locais cada vez mais distantes das regiões produtoras.

fonte: TG1-190

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **máquina hidráulica**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Vejamos a energia que move as máquinas hidráulicas é a da água; a água corre nos rios, não precisa ser comprada, diferentemente do carvão, necessário para mover as máquinas a vapor; logo, a utilização de máquinas a vapor era mais cara que a de máquina hidráulica.

fonte: TG2-74

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **máquina a vapor**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Com a invenção das máquinas a vapor, o carvão mineral, cuja queima aquece e faz evaporar a água, tornou-se a principal fonte de energia dos setores industriais e de transportes.

fonte: TG2-73

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **indústria de bem de capital**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Produzem máquinas, ferramentas, lubrificantes, peças e equipamentos de transporte industrial.

fonte: TG3-138

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **indústria de bem de produção**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Produzem matérias-primas secundárias, ou seja, aquelas que já passaram por algum processo de transformação mas continuam sendo matéria-prima, como uma chapa de aço que foi produzida utilizando minério de ferro ou a nafta, obtida do petróleo, usada como matéria-prima para a produção de plásticos.

fonte: TG3-138

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo: indústria intermediária; indústria de base

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **indústria de transformação**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: indústrias de transformação: transformam as matérias-primas em produtos que serão consumidos por nós ou por outras indústrias.

fonte: TG3-136

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **indústria extrativa**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: indústrias extrativas: dedicam-se a extrair matérias-primas ou energia diretamente da natureza, como minério de ferro, calcário, petróleo e várias outras.

fonte: TG3-136

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **indústria da seca**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Essa situação ficou conhecida pela expressão “indústria da seca”: a exclusão dos pobres dos benefícios proporcionais pelos investimentos públicos e a manutenção no poder de uma elite que administra o dinheiro público em proveito próprio

fonte: TG3-165

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **energia elétrica**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Pois a utilização da energia elétrica é relativamente recente: data do início do século XX.

fonte: TG2-81

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **comércio**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Em 1998, o comércio mundial superou 5 trilhões de dólares.

fonte: TG4-77

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **consumismo**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Precisamos diferenciar o consumo dos produtos necessários, imprescindíveis para a sobrevivência biológica e cultural do ser humano, do consumismo, que é o consumo exagerado, muitas vezes de produtos supérfluos.

fonte: TG1-160

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **consumo**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: As taxas de consumo são muito desiguais no mundo.

fonte: TG1-161

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **bóia –fria**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Depois os extensos canaviais, legiões de bóias-frias, moendas e usinas de açúcar.

fonte: TG2-153

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **mercadoria**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: O aumento dos fluxos de mercadorias também é resultado da expansão das empresas multinacionais, que, como vimos, espalham filias por vários países e pressionam para que haja uma redução das barreiras à circulação de seus produtos pelo mundo.

fonte: TG4-76

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **indústria nacional**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Em momentos de crise no comércio internacional (Primeira Guerra Mundial, por exemplo) ou quando o governo brasileiro tomou medidas que dificultaram o ingresso de produtos estrangeiros, a indústria nacional conseguiu crescer mais rapidamente.

fonte: TG2-77

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **industrialização**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Foi a partir dessa crise que a industrialização brasileira ganhou forte impulso.

fonte: TG2-77

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **indústria**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: A indústria está presente na produção e distribuição até mesmo dos produtos agrícolas.

fonte: TG1-129

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **indústria siderúrgica**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: O carvão mineral é utilizado como fonte de energia em usinas termelétricas e em algumas indústrias, principalmente as siderúrgicas, que produzem aço.

fonte: TG2-36

contexto2:

fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **narcotráfico**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Além dos grupos guerrilheiros, o Estado colombiano enfrenta outro poder paralelo: o narcotráfico.

fonte: TG4-170

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **transporte urbano**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: O sistema de ônibus de Curitiba – inovação bem sucedida nos transportes urbanos.

fonte: TG3-95

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **lixo**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Quando o lixo é despejado de qualquer jeito em um terreno, a saúde das pessoas que moram nas proximidades fica ameaçada.

fonte: TG1-123

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:
campo: espaço geográfico e globalização
subcampo:
definição:
informações enciclopédicas:
unitermos:
termos relacionados:
doc:

código:
termo: **lixão**
c.g.:
ocorrência:
contexto1: Quando o lixo é despejado de qualquer jeito em terrenos baldios, formam-se os chamados lixões.
fonte: TG1-123
contexto2:
fonte:
contexto3:
fonte:
forma(s) equivalente(s):
variante socioprofissional:
sinônimo:
campo: espaço geográfico e globalização
subcampo:
definição:
informações enciclopédicas:
unitermos:
termos relacionados:
doc:

código:
termo: **mídia**
c.g.:
ocorrência:
contexto1: No Brasil, os meios de comunicação de massa ficaram conhecidos apenas como mídia.
fonte: TG3-53
contexto2:
fonte:
contexto3:
fonte:
forma(s) equivalente(s):
variante socioprofissional:
sinônimo:
campo: espaço geográfico e globalização
subcampo:
definição:
informações enciclopédicas:
unitermos:
termos relacionados:
doc:

código:
termo: **fluxo migratório**
c.g.:
ocorrência:
contexto1: Embora não existam dados oficiais, na década de 80 o fluxo migratório foi negativo no Brasil, ou seja, o número de emigrantes superou o de imigrantes.
fonte: TG2-108
contexto2:
fonte:
contexto3:
fonte:
forma(s) equivalente(s):
variante socioprofissional:
sinônimo:
campo: espaço geográfico e globalização
subcampo:
definição:
informações enciclopédicas:

unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **trabalho infantil**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Apesar de ilegal, o trabalho infantil é uma realidade para milhares de crianças brasileiras menores de 14 anos.

fonte: TG3-27

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **trabalho**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Para muitos operários brasileiros e de outros países, o cotidiano do trabalho é quase sempre desgastante.

fonte: TG2-82

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **indústria de bem de consumo**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: tabela

fonte: TG3-138

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **avanço tecnológico**

c.g.:

ocorrência:
 contexto1: Alguns fatores são responsáveis por essa alteração, sendo o maior deles o avanço tecnológico.
 fonte: TG1-143
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **indústria têxtil**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: A indústria têxtil atualmente não depende só da produção de fibras naturais, como o algodão, pois boa parte dos tecidos é feita com uma porcentagem de fios sintéticos.
 fonte: TG1-140
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **indústria automobilística**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Basta visitarmos a linha de produção de uma indústria automobilística, para deparar com robôs, computadores e outras máquinas que substituíram equipes humanas.
 fonte: TG1-143
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **indústria metalúrgica**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Outro fator que explica a demora entre a invenção das máquinas a vapor e sua utilização em larga escala nas indústrias foi o descompasso técnico entre as fábricas de ferro e aço – as indústrias metalúrgicas – e os demais setores.
 fonte: TG2-74

contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **inovação tecnológica**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1:Essa inovação tecnológica provocou outra revolução nas indústrias,nos sistemas de transporte e na organização interna das cidades.
 fonte: TG2-79
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **indústria de autopeça**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1:....além de indústrias de autopeças (componentes mecânicos, volante, faróis, amortecedores, etc.).
 fonte: TG2-79
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo:espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **barão do café**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1:Era o lugar onde residia a elite paulistana da época: os fazendeiros cafeicultores, principalmente, conhecidos como “barões do café”, os donos das primeiras indústrias e também dos primeiros bancos.
 fonte: TG2-11
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:

forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **bem de consumo não-durável**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Alguns produtos são chamados de bens de consumo não-duráveis porque seu consumo é imediato ou eles têm pequena duração.

fonte: TG1-132

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **bem de consumo semidurável**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Outros produtos são chamados de bens de consumo semiduráveis porque são utilizados várias vezes, mas temos de comprá-los com frequência.

fonte: TG1-133

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **bem necessário**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Alimentos, remédios, roupas, calçados, moradia, etc. são bens necessários, imprescindíveis: todas as pessoas precisam deles em seu cotidiano, pelo menos em uma certa quantidade.

fonte: TG1-158

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s): produto necessário

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e geográfico
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **bem supérfluo**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Muitas pessoas consomem bens dos quais não necessitam realmente, os chamados bens supérfluos.

fonte: TG1-158

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s): produto supérfluo

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e geográfico

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **bem de consumo durável**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Outros produtos são chamados de bens de consumo duráveis porque demoram para ser substituídos por outros novos.

fonte: TG1-133

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e geográfico

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **artesão**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: No início, o trabalho do artesão começava no campo –por exemplo, criando e tosquiando ovelhas para depois fiar, tecer e costurar, ou cortando árvores para produzir móveis.

fonte: TG2-71

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **atividade econômica**

c.g.:

ocorrência:

contexto1:....a primeira atividade econômica que provocou grande afluxo de pessoas à região foi a exploração do ouro em MG,...

fonte: TG2-136

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **atividade terciária**

c.g.:

ocorrência:

contexto1:..Estas pessoas estão prestando serviços- trata-se de atividades terciárias.

fonte: TG3-140

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **técnica moderna**

c.g.:

ocorrência:

contexto1:..Nas fotos acima, numa propriedade são utilizadas técnicas modernas; na outra, técnicas tradicionais.

fonte: TG1-173

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **trabalhador agrícola**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Impossibilitados de trabalhar na lavoura, os trabalhadores agrícola tentam encontrar emprego nas cidades.
 fonte: TG1-178
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **trabalhador temporário**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Muitos trabalhadores agrícolas temporários (bóias-frias, corumbas ou peões) saem de suas casas, em pequenas cidades ou núcleos urbanos, de manhã, vão trabalhar na lavoura e retornam às suas casas no final da tarde.
 fonte: TG1-177
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s): trabalhador volante
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **terra devoluta**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Para atender essas reivindicações, o governo teria de ceder parte de suas próprias terras (chamadas terras devolutas) e também comprar grandes propriedades particulares improdutiva, parti-las em unidades pequenas e financiar-las ao trabalhadores que não têm dinheiro para comprá-las por conta própria.
 fonte: TG1-180
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **transformação artesanal**
 c.g.:
 ocorrência:

contexto1:..Antes da invenção das máquinas e da construção das primeiras fabricas, a transformação da matéria –prima era artesanal.

fonte: TG1-130

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **cooperativa**

c.g.:

ocorrência:

contexto1:..Nas áreas de relevo plano são cultivados, principalmente,soja,arroz e trigo,em grandes propriedades e em cooperativas de pequenos e médios proprietários.

fonte: TG2-177

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **desenvolvimento urbano**

c.g.:

ocorrência:

contexto1:..A estrada de ferro São Paulo Railway, que era ligada a várias outras linhas que percorriam o interior de SP,exerceu muito bem essa função de interiorização do desenvolvimento urbano.

fonte: TG2-78

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo:espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **bem de consumo**

c.g.:

ocorrência:

contexto1:..As máquinas que essas industrias de bens de consumo usavam eram importadas dos países que tinham começado seu processo de industrialização já no século XVIII e início do XIX (parte da Europa,EUA e Japão),época em que a implantação de manufaturas no Brasil ainda era proibida por Portugal.

fonte: TG2-76
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **modernização**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Mas se a disponibilidade de terras agricultáveis é pequena e há necessidade de aumentar a produção a única saída é aumentar a produtividade por área cultivada, com a modernização.
 fonte: TG2-91
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **transporte coletivo**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Em que todas as cidades brasileiras, a população que depende do transporte coletivo para seus deslocamentos diários sofre com o trânsito carregado, os atrasos, o excesso de passageiros, o preço elevado das tarifas e as más condições de segurança.
 fonte: TG3-95
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **tombamento**
 c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Assim, um patrimônio cultural ou natural – obras de artes, livros, fotografias, edifícios, praças, cidades, florestas, cachoeiras, etc. – passa, após seu tombamento, a ser preservado e não pode ser modificado ou destruído.
 fonte: TG2-12
 contexto2:

fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:

termo: **meio de comunicação de massa**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Já os meios de comunicação de massa, nome derivado da expressão do idioma inglês mass media (mass=massa, muita gente; media=meios)

fonte: TG3-53

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **meio de telecomunicação**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Os meios que servem para comunicação a longa distancia são chamados de meios de telecomunicação (do grego têle, que exprime a idéia de “longe”)

fonte: TG3-53

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **usina hidrelétrica**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Surgiram usinas hidrelétricas e termelétricas, novas fábricas e seus conseqüentes impactos nos sistemas de transportes e nas cidades.

fonte: TG2-81

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **fluxo intra-regional**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: A partir da segunda metade da década de 1980, passaram a predominar os fluxos intra-regionais, ou seja, atualmente a maioria dos migrantes muda apenas de município, permanecendo em seu estado de origem.
 fonte: TG3-21
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **fluxo interno**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Além dos fluxos internos, alguns brasileiros que moram próximo às fronteiras deslocam-se para países vizinhos, principalmente o Paraguai, onde há impostos mais baixos e terras mais baratas.
 fonte: TG3-20
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:
 campo: espaço geográfico e globalização
 subcampo:
 definição:
 informações enciclopédicas:
 unitermos:
 termos relacionados:
 doc:

código:
 termo: **usina nuclear**

c.g.:
 ocorrência:
 contexto1: Nas usinas nucleares, a energia utilizada para aquecer a água é obtida pela fissão (quebra) de átomos de urânio dentro de um reator, processo que produz resíduos radiativos.
 fonte: TG3-122
 contexto2:
 fonte:
 contexto3:
 fonte:
 forma(s) equivalente(s):
 variante socioprofissional:
 sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **usina termelétrica**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: O carvão mineral é utilizado como fonte de energia em usinas termelétricas e em algumas indústrias, principalmente as siderúrgicas, que produzem aço.

fonte: TG2-36

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **trabalhador**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: No entanto, com a robotização, é necessário um número menor de trabalhadores nas linhas de montagem, o que tem provocado desemprego em várias regiões industriais do planeta.

fonte: TG2-82

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **aldeia global**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: O trabalho altamente qualificado viaja também na aldeia global.

fonte: TG4-85

contexto2: A desagregação do espaço, do tempo e das fronteiras pode estar a criar uma aldeia global, mas nem todos podem ser seus cidadãos.

fonte: TG4-85

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **concentração industrial**

c.g.:

ocorrência:

contexto1.:

fonte: TG2-144

contexto2: Outro importante fator da concentração industrial na região Sudeste foi a convergência de investimentos do governo federal.

fonte: TG2-144

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **desenvolvimento zero**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Os debates na Conferência de Estocolmo-72 foram marcados pelo antagonismo entre os defensores do “desenvolvimento zero”, representantes dos países desenvolvidos, e os do “desenvolvimentismo”, representantes dos países subdesenvolvidos.

fonte: TG4-189

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **atividade industrial**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Foi só a partir da década de 1850 que as atividades industriais ganharam força no Brasil, graças principalmente à proibição do tráfico de escravos, datada dessa época, e do crescimento da economia cafeeira.

fonte: TG2-75

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **Organização Internacional do Trabalho**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: Mas, segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), essa mão-de-obra invisível forma no Brasil um exército silencioso de 7,5 milhões de menores, que não têm infância e trabalham como adultos.

fonte: TG3-26

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **paisagem humanizada**

c.g.:

ocorrência:

contexto1: A paisagem humanizada ainda permaneceria por longo tempo, mas o espaço geográfico deixaria de existir, pois não haveria mais as relações sociais que o caracterizam.

fonte: TG1-30

contexto2: Para não haver dúvidas: uma paisagem humanizada é aquela que apresenta formas naturais (resultantes de processos da natureza) e formas construídas pelo trabalho humano sobre essas formas naturais.

fonte: TG1-34

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s): paisagem modificada, paisagem urbana

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **rede urbana**

c.g.:

ocorrência:

contexto1:

fonte: TG2-128

contexto2: Esse conjunto de cidades, que se relacionam no território através de sistemas de transportes e de comunicações, forma a rede urbana.

fonte: TG3-34

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **subdesenvolvimento**

c.g.:

ocorrência:

contexto1.: A palavra “subdesenvolvimento” sugere atraso,mas também estágio de evolução,ou que todos os países subdesenvolvidos estariam caminhando para o desenvolvimento, tendo como referencia os indicadores sociais,econômicos e tecnológicos dos países desenvolvidos.

fonte: TG4-33

contexto2:O subdesenvolvimento não é um estagio rumo ao desenvolvimento, mas a conseqüência da expansão do capitalismo desde a época das Grandes Navegações.

fonte:TG4-33

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **globalização**

c.g.:

ocorrência:

contexto1.: O que realmente esta em jogo com a globalização é a difusão de idéias e visões de mundo sobre liberalismo e mercado,marca registrada que empregna a democracia,a liberdade, a cultura e a educação, o casamento,a familia,as opções sexuais, o trabalho,os esportes,o lazer e a estética .

fonte: TG3-196

contexto2:A globalização é o estagio atual da expansão capitalista,marcada pela grande integração e interdependência entre pessoas, empresas e outras organizações do mundo e, ao mesmo tempo,pela crescente aceleração dos fluxos de capitais, mercadorias, informações e também de pessoas.

fonte:TG4-29

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):expansão capitalista

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo:espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **incineração**

c.g.:

ocorrência:

contexto1.: Para o lixo domiciliar, a incineração apresenta a vantagem de diminuir muito o volume de resíduos e a possibilidade de uma queima que não produz gás carbônico, quando realizada a temperaturas muito altas.

fonte: TG3-98

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **lixo nuclear**

c.g.:

ocorrência:

contexto1.: Esses resíduos –conhecidos como lixo nuclear –são objetos de constantes preocupações ambientais, pois precisam ficar armazenados em lugar seguro durante muitos anos,ate que radiatividade se dissipe e o material não apresente mais riscos à saúde de ninguém.

fonte: TG3-122

contexto2:

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo:espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **técnica tradicional**

c.g.:

ocorrência:

contexto1.: Nas fotos acima, numa propriedade são utilizadas técnicas modernas; na outra, técnicas tradicionais.

fonte: TG1-173

contexto2.:Já uma pequena casa construída com técnica tradicional, usual em países subdesenvolvidos, pode não resistir.

fonte:TG2-44

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):técnica rudimentar

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **urbanização**

c.g.:

ocorrência:

contexto1.: Quem paga a urbanização?

fonte: TG1-114

contexto2.:Urbanização – processo de formação e crescimento das cidades; deslocamento de populações e atividades para a cidade.

fonte:TG2-78

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **transnacional**

c.g.:

ocorrência:

contexto1.: A UNCTAD conceitua como transnacionais as empresas que têm sede em um Estado nacional e atuam, por meio de filiais, em vários outros.

fonte: TG4-68

contexto2: Assim, os termos “multinacional ” e “transnacional ”, na prática, são sinônimos.

fonte: TG4-68

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo: multinacional

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:

código:

termo: **trabalhador mecânico**

c.g.:

ocorrência:

contexto1.: Agora pense numa fábrica que robotizou a sua produção, isto é, substituiu seus empregados por “trabalhadores mecânicos.”

fonte: TG3-23

contexto2: Com a robotização, as operações repetitivas passaram a ser realizadas por “trabalhadores mecânicos”, os robôs.

fonte:

contexto3:

fonte:

forma(s) equivalente(s):

variante socioprofissional:

sinônimo:

campo: espaço geográfico e globalização

subcampo:

definição:

informações enciclopédicas:

unitermos:

termos relacionados:

doc:
